

REVISTA DA SEMANA

Nº 4 ★ 27-1-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **UM PÉ NO BRASIL, OUTRO NA ARGENTINA**

A PONTE INTERNACIONAL DE URUGUAIANA-LOS LIBRES E A INDÚSTRIA DO CONTRABANDO

APRIMORE OS SEUS CONHECIMENTOS

na arte de cozinhar e aprenda o manejo prático, eficiente e econômico de fogões a gás!



OS CURSOS DE CULINÁRIA DA S. A. DU GAZ DE RIO DE JANEIRO funcionam o ano todo

Sem interrupção mesmo durante as férias escolares

PARA EMPREGADAS	NÚMERO DE AULAS	PREÇO POR CURSO CR$
Trivial	10	20,00
Trivial fino	8	20,00
Massas	6	20,00
PARA DONAS DE CASA		
Trivial	10	40,00
Trivial fino	8	40,00
Variado	10	40,00
Especial	10	40,00
Massas	6	40,00
Salgadinhos e Doces	8	40,00
Sobremesas	6	40,00

INSCREVA-SE HOJE



Distribuição gratuita das receitas dos pratos ensinados.

As alunas podem levar para as suas residências provas dos doces preparados nas aulas.

Todos os ingredientes serão fornecidos pela Companhia.

Aulas de manhã e à tarde

S. A. DU GAZ DE RIO DE JANEIRO

Copacabana
Av. N. S. de Copacabana, 659
Tel. 37-8777

Praça da Bandeira
Rua Teixeira Soares, 38
Tel. 48-3630

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Os "Barbadinhos" são apenas quinze (Sabino Canalini) ... 4/9
E' negócio pedir esmola? (Abdias Rodrigues) 11/15
Carnaúba, a principal fonte de riqueza do Ceará (Ciro Colares) 20/22
Um pé no Brasil, outro na Argentina (Celestino Silveira) . 24/29
Artistas brasileiros em Portugal . 32/33



LITERATURA

A luta contra a "ingnorância" (Renato de Alencar) 3
A herança de uma guerra (Henrique Amorim Filho) 23
Medéia Cabocla (Antônio Ernani) 31



SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 10
Personagem da Semana 10
Palavras-Cruzadas 22
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 42
Puxe pelo cérebro 45
Tudo isto aconteceu 47/49



HUMORISMO

E' com êsse que eu vou (Théo) . 18
Êste mundo e o outro (Darcy) . 30



FEMININAS

Chapéus modernos 34
Para a praia 35
Vestidos de linho 36
Saias e blusas 37
Week-End na Cozinha 38/39



FOLHETIM

Os suplícios do amor 46



FOTOS

Sabino Canalini — Dino Gonçalves — Ciro Colares — Celestino Silveira — Avulsas.



BONECOS

Rafael.



N A C A P A

Rosa Carmina

(Foto Pelmex)

A LUTA CONTRA A "INGNORÂNCIA"



COM o título acima publicou esta revista uma reportagem nossa em tôrno do "Real Gabinete Português de Leitura" desta cidade, saindo, por inadvertência da revisão, a palavra IGNORANCIA travestida em INGNORANCIA. Era natu ral que o fato causasse aborrecimentos aqui na casa, mas longe estávamos de pensar que viesse a ter a repercussão que alcançou lá fora, sendo glosado em "sueltos" e comentários jocosos por vários confrades da imprensa carioca, de permeio com censuras à REVISTA DA SEMANA. Por que tanta celeuma? Apenas pelo fato de a corruptela ter-se verificado no título em letras corpo 48, sensìvelmente graúdos a encher a vista do leitor com uma "ignorância" ab- solutamente estranha. Se o escape de revisão houvesse saído no texto, em corpo seis, o efeito seria tão insignifi- cante que ninguém ligaria a menor importância. Tudo nesta vida é assim. Um episódio pueril estampado em letras garrafais, apresentado ao leitor em manchetes de sensacionalismo delirante, terá muito maior repercussão do que um outro de maior evidência, mas composto discretamente em tipo miudinho... Por êsse motivo viviam a reclamar do antigo diretor de certo vespertino carioca: "O jornal não pega porque os títulos são publicados em letras pequenas..."

Reparando-se, entretanto, no caso de nossa "ingnorância" verificaremos que não há motivo para tanto barulho e "carões" na "velhinha" (a velhinha é REVISTA DA SEMANA), por êsse escape de revisão. Temos aqui na redação gente até muito boa e que trabalha no escardeio com tanto zêlo para não deixar passar camarões pela malha, que chegam a emendar o que está certo, para que os leitores não caiam em incertas interpretações.

Achamos que INGNORANCIA não encerra tanta IGNORANCIA. Se analisarmos, morfològicamente, a palavra, chegaremos a esta conclusão: embora não seja usada, é forma sincrética da usual consagrada pelos mais cultos.

Comecemos: a palavra assenta no prefixo latino IN, do velho latim EN, seguido do radical GNÓS, parente do outro GNA, um vindo da Grécia, e o outro já de feição latina. O radical GNOS, grego, deu GNOSE (conhecimento) e, daí, os derivados AGNÓSTICO, DIAGÓSTICO, PROGNÓSTICO; o outro afim, GNA, forneceu grande cópia de palavras como IGNARO, IGNORAR, com todos os seus cognatos. Na passagem, porém, das formas cultas ou barbarizadas do latim para o nosso idioma, muitos fatos da linguagem intervêm e transformam os vocábulos com tanta violência que, por vêzes, perdemos as trilhas de sua origem e todos os vestígios da etimologia. Com os prefixos, então, o assunto é rico de ensinamentos. Em IGNORAR (Prefixo I, negativo, mais GNOS (ou GNA) e a desinência AR), encontramos uma série de acontecimentos bastante divertida para os que apreciam tais fenômenos de evolução das palavras através do tempo e do espaço.

O prefixo IN toma a grafia IM antes de B, P, e M, como podemos ver em: IMPERFEITO, IMBERBE, IMMORTAL, IMMENSURAVEL, etc.. Mas, se vem antes de L e R, assimila-se: ILLEGAL, ILLICITO, IRRESPONDIVEL, ao invés de INLEGAL, INLICITO, INRESPONDIVEL. O mesmo prefixo perde o N antes de G: IGNOTO, IGNARO, IGNORANTE.

No português arcaico dizia o povo INORAR, INORANTE, com a queda do G, de natureza erudita. Êsse falar ainda hoje é comum em todo o interior do Norte do Brasil como reminiscência da pronuncia lusa dos antigos povoadores vindos para o nosso país. Na pronuncia INORAR, INORANTE, temos, visivelmente o prefixo IN e o radical GNOS com a perda do G de prosódia difícil para o linguajar do povo. E' o mesmo caso de MALIGNO, INDIGNO, DIGNO, palavras pronunciadas popularmente: MALINO, INDINO, DINO no Brasil e em Portugal.

Ora, o povo tem das metamorfoses da palavra uma idéia originária subconsciente. Vejamos o caso das palavras FRUTA, FRUTEIRA, pronunciadas pela gente simples do sertão, como FRUITA, FRUITEIRA, que as pessoas mais cultas não dizem, mas que estão certíssimas, e obedecem à mesma transformação que encontramos em DIREITO, LEITE, PEITO, etc., isto é, pela vocalização do grupo CT latino, em EI português.

Há ainda a tendência da nasalização de vogais que sofrem a a influência do N e do M, como se deu em palavras como IMPIGEM, NICHO, MENDIGO, MARIBONDO, pronunciadas popularmente: IMPINGEM, NINCHO, MENDINGO, MARIMBONDO e outras. Por êsses processos de morfologia através do falar do povo, a palavra INGNORANCIA concorreu com INORANCIA e IGNORANCIA. Dessas, apenas a última, de caráter erudito e culto conseguiu firmar-se e manter-se à frente das outras. E' palavra de elite, dos que podem pronunciar com facilidade a radical GNOS ou GNA sem o risco de nasalizar o I, prefixo latino seguido do G do citado radical. Mas, se alguém disser INGNORANTE, INGNORAR, e seus cognatos, estará errando a ponto de ser exposto à chacota e amarrado ao pelourinho da censura pública como remarcado IGNORANTE? Não, de certo. O têrmo pode ser filológica e morfològicamente justificado. E, se ninguém se atreve a usá-lo com o prefixo IN, é porque todos nós não passamos mesmo de uns INGNORANTES...

RENATO DE ALENCAR



IGREJA DE S. SEBASTIÃO, no demolido morro do Castelo. Fundada por Mem de Sá, ter minada por Correa de Sá em 1583, para aí foram transladadas as cinzas de Estácio de Sá, o fundador da cidade, até 1922, quando começou o desmonte do morro. Era portanto o mais an tigo templo do Rio e sua história acompanhou a evolução da capital testemunhando os feitos.

OS "BARBADINHOS" SÃO APENAS QUINZE



A FUNDAÇÃO DA CIDADE POR ESTÁCIO DE SÁ ★ OMORRO DO CASTELO E A IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO ★ OS PRIMEIROS CAPUCHINHOS EM TERRAS DE SANTA CRUZ ★ DESDE 1842 NO HOSPÍCIO DO CASTELO ★ O DESMONTE EM 1922 ★ O NOVO TEMPLO ★ DADOS HISTÓRICOS, EPISÓDIOS E OBRAS REFERENTES AOS "BARBADINHOS"

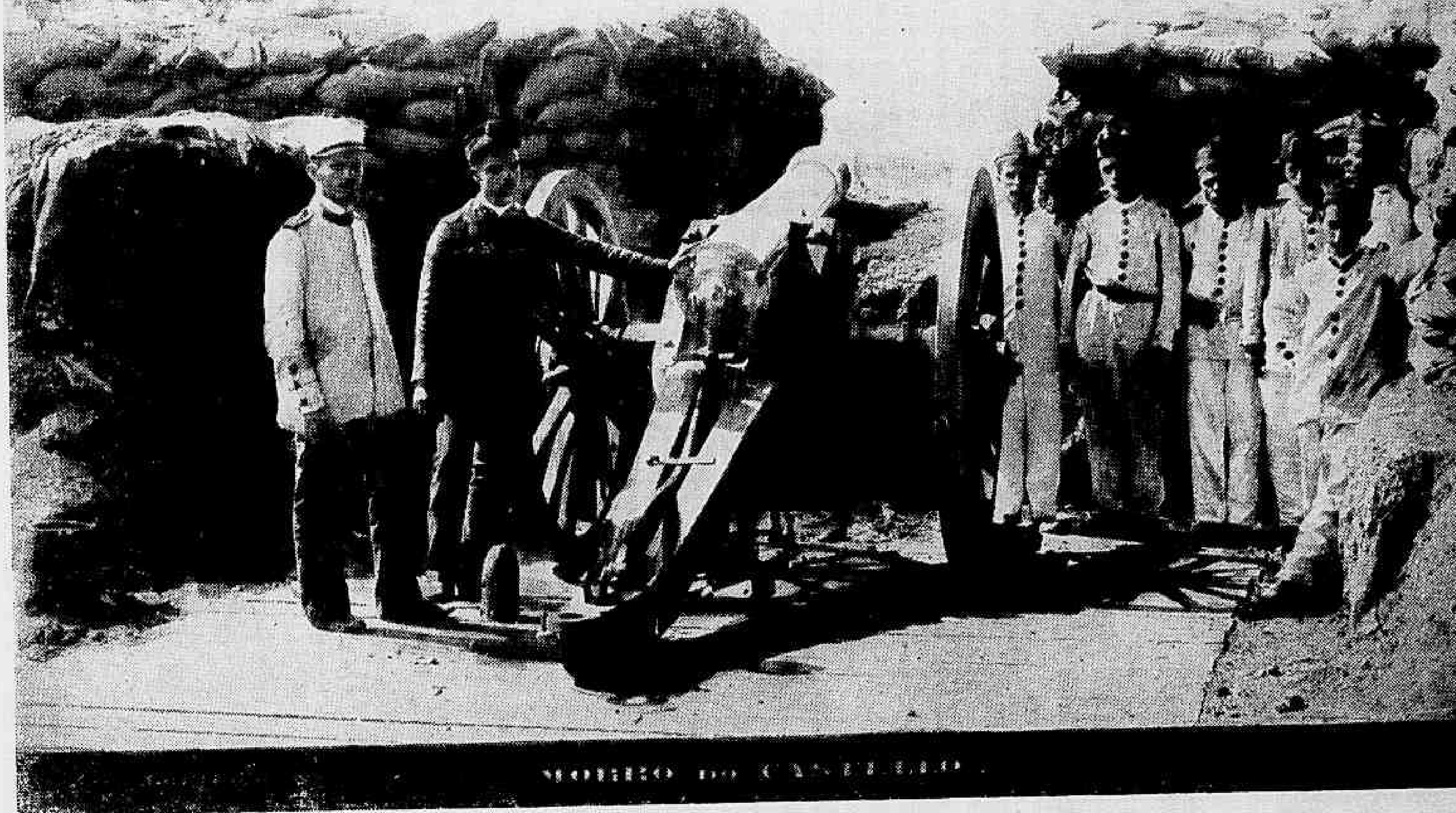
Reportagem de SABINO CANALINI

QUANDO se quer falar sôbre a história do Brasil, especialmente do período de colonização do território nacional, hoje considerado civilizado, é impossível passar por cima da presença da obra e da grande influência que tiveram as várias ordens religiosas que por aqui missionaram. Abordando o assunto São Sebastião, padroeiro da cidade, a fundação do Rio de Janeiro e a Ordem dos Capuchinhos no Brasil, devemos recuar no tempo para seguir, passo a passo, a evolução de nossa terra, sem deixar de registrar o que tem sido a grandiosa obra de missão de uma das ordens que aqui trabalharam. A crônica registra alternadamente, entrelaçados e confusos, episódios pertencentes à conquista militar e à colonização, de mistura com os da catequese, da instrução, e da assistência social-hospitalar devida aos religiosos. Ninguém nega que é a êsses abnegados que devemos não sòmente o primeiro sintoma de país civilizado, como, também, em parte, sua unidade nacional e sua integridade territorial. Ao lado dos soldados que pereceram na luta pela formação do que é hoje o Brasil, figuram os homens de batina, também sacrificados nessa luta. Vamos, portanto, historiar sôbre o Rio de Janeiro, através da crônica da Igreja que, até 1922, era o seu templo mais antigo.

A FUNDAÇÃO DA CIDADE

A atual capital do país é uma de suas cidades mais antigas e sua construção deve-se ao desejo de os portuguêses manterem o território oficialmente empossado por Cabral à coroa d'El-Rey, em 1500, livre das incursões e da competição de estrangeiros. Conhecida desde o princípio do século XVI, a baía de Guanabara não mereceu dos portuguêses a atenção devida. Foram os franceses de Villegaignon que, em 1555, se estabeleceram no ilhéu, onde hoje existe a fortaleza da Laje. Passaram em seguida para a ilha de Serigipe, hoje sede da Escola Naval, onde ergueram o forte de Coligny. Um ano mais tarde, chegaram trezentos colonos para iniciar a fundação da "França Artártica". Espalharam-se pela ilha Paranapuã, hoje Governador, e pela margem ocidental da baía. Fizeram amizade com os Tamoios, em vez de escravizá-los como faziam os portuguêses. Apesar das dissidências religiosas, a colônia prosperava. Duarte da Costa, governador-geral da colônia, nada pôde fazer contra êles, pois não recebeu auxílio da metrópole. Seu substituto, Mem de Sá, aos 15 de março de 1560, atacou o forte de Coligny durante dois dias, vencendo os franceses, que se espalharam pelo interior. Arrasadas as fortificações inimigas, Mem de Sá seguiu para S. Vicente. Com o auxílio dos Tamoios, cuja confederação pôs em sério perigo a vida da colônia, voltaram os franceses ao litoral da baía. Grandes foram os serviços prestados nessa ocasião pelos jesuítas, seja na pacificação dos índios, como na luta contra o invasor, que era protestante. Sem o intervento dos inacianos de Nóbrega e Anchieta, di-

ficilmente os lusos teriam dominado a situação. Verificou-se a necessidade da fundação de uma feitoria na Guanabara para garantir a soberania de Portugal. Pequena expedição, sob o comando de Estácio de Sá, teve essa incumbência. O desembarque deu-se a 1 de março de 1565, na atual Praia Vermelha, iniciando-se imediatamente a construção de uma povoação fortificada, com trincheiras e baluartes de taipa com artilharia, que recebeu, em homenagem ao jovem soberano de Portugal, o nome de São Sebastião, cuja pequena imagem em madeira foi posta numa capela de pau-a-pique, coberta de palha, erguida à beira-mar. Êsse foi o primeiro templo construido no Rio. A luta contra os franceses não passou de escaramuças, com perdas inúteis para ambos os lados, que se prolongaram durante bastante tempo. Advertido por Anchieta, de passagem para a Bahia, sôbre a situação do novo povoado, Mem de Sá resolveu intervir e socorrer o sobrinho. A 19 de janeiro de 1567 desembarcava êle no Rio, e a 20, dia consagrado a S. Sebastião, padroeiro do povoado, iniciou o ataque às posições dos franceses. A luta começou em terra firme, nas trincheiras que os franceses haviam cavado no local denominado Biruçu-mirim, junto à foz do Catete (Flamengo). Depois de luta feroz, os invasores foram expulsos. Mas, Estácio de Sá ficara ferido por uma flecha envenenada no rosto, morrendo após um mês de sofrimentos. A luta continuou por dois dias na ilha do Governador, de onde os franceses foram definitivamente expulsos. A 1 de março de 1567, no dia do aniversário do desembarque do sobrinho e da fundação da cidade, Mem de Sá transferiu-se da Praia Vermelha para o morro de São Januário, depois Castelo. O corpo de Estácio de Sá foi inumado no interior do templo tôsco nas faldas do Pão-de-Açúcar. O nome de São Sebastião do Rio de Janeiro foi mantido, assim como o escudo com as armas, um feixe de três setas. A transferência foi solene. Ficou determinada a construção de uma cidadela, muros de defesa, paço do governador, da igreja dos jesuitas, do colégio, tudo "bem telhado". Pela vantagem e beleza do lugar, foram atraídos os primeiros moradores, e as casas começaram a descer pela encosta do morro em direção da praia de Santa Luzia e do morro de São Bento. Como governador do Rio ficou Salvador Correia de Sá, que continuou a construção da igreja no cume do morro. O trabalho foi interrompido em 1568, quando o governador foi substituído por outros, sucessivamente, que se desinteressaram pelo prosseguimento da obra. Quando pôde voltar ao govêrno do Rio, em 1578, Salvador Correia de Sá retomou a construção da igreja, concluida em 1583. Foram então transferidos os restos mortais de Estácio de Sá para o novo templo, depostos



DOCUMENTO histórico da revolta da armada contra o govêrno do Marechal Floriano em 1893. Posto de artilharia situado no Morro do Castelo, dominando a baía. Como êsse outros episódios foram presenciados do cume do morro.

VISTA AÉREA de todo o morro, vendo-se já iniciado o desmonte pelo sistema hidráulico, por alguns caminhões e muitas carretas que descarregavam a terra no mar, onde hoje existe o aeroporto Santos Dumont. Em baixo, à direita, vê-se o trecho da Av. Rio Branco, podendo- se identificar o Palace Hotel, o Jóquei Clube, a Escola de Belas Artes e parte da Bibliotéca.





PERTO do Hospício do Castelo existia a chácara que vemos na foto, onde aparecem à direita Frei Eugênio de Comiso, então superior, e Frei Jacinto de Palazzolo, o segundo da esquerda, atual superior e 1º vigário da Paróquia, declarado em 1947. Apenas três são os sobreviventes dos que presenciaram os memoráveis festejos por ocasião do translado em 1922.

no chão do presbitério do altar-mor e cobertos por uma lápide de mármore, existente até hoje e na qual se podem ler os seguintes dizeres:

> "Aqui iaz Estacio de Saa pr capitão e cõqvistador desta terra e cidade e a campa mãdov fazer Salvador Corea de Saa sev primo segd capitão e glr com svas armas e esta capela acabov o ano de 1583".

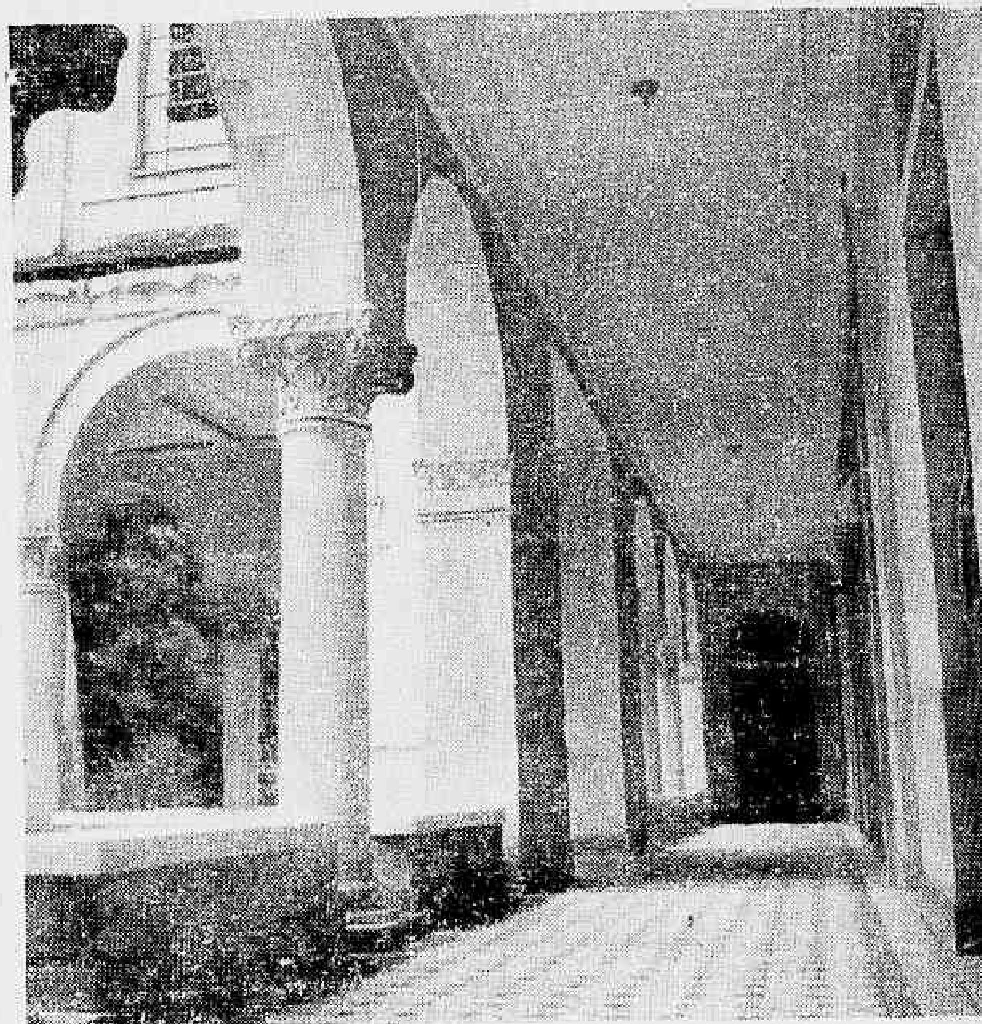
A igreja foi matriz do Rio durante muitos anos; a cidade foi estendendo-se, conquistando as planícies, outras igrejas foram surgindo, tornava-se incômodo subir o morro, o tempo fazia sentir seu trabalho de desgaste. Em 1659, o templo era uma ruína. Pensou-se em demoli-lo e transportar a Sé para a igreja de S. José. De fato, o sacrário e a pia batismal foram transferidos, enquanto a igreja era mantida como relíquia histórica. Em 1734, enfim, a Sé foi removida para a igreja da Cruz dos Militares e em 1737 para a do Rosário. De então até 1842, houve apenas um capelão com a obrigação de oficiar uma missa diária em sufrágio dos reis de Portugal.

FREI Eugênio de Comiso, agora com 80 anos. Era o superior quando a Prefeitura decidiu o desmonte do morro.



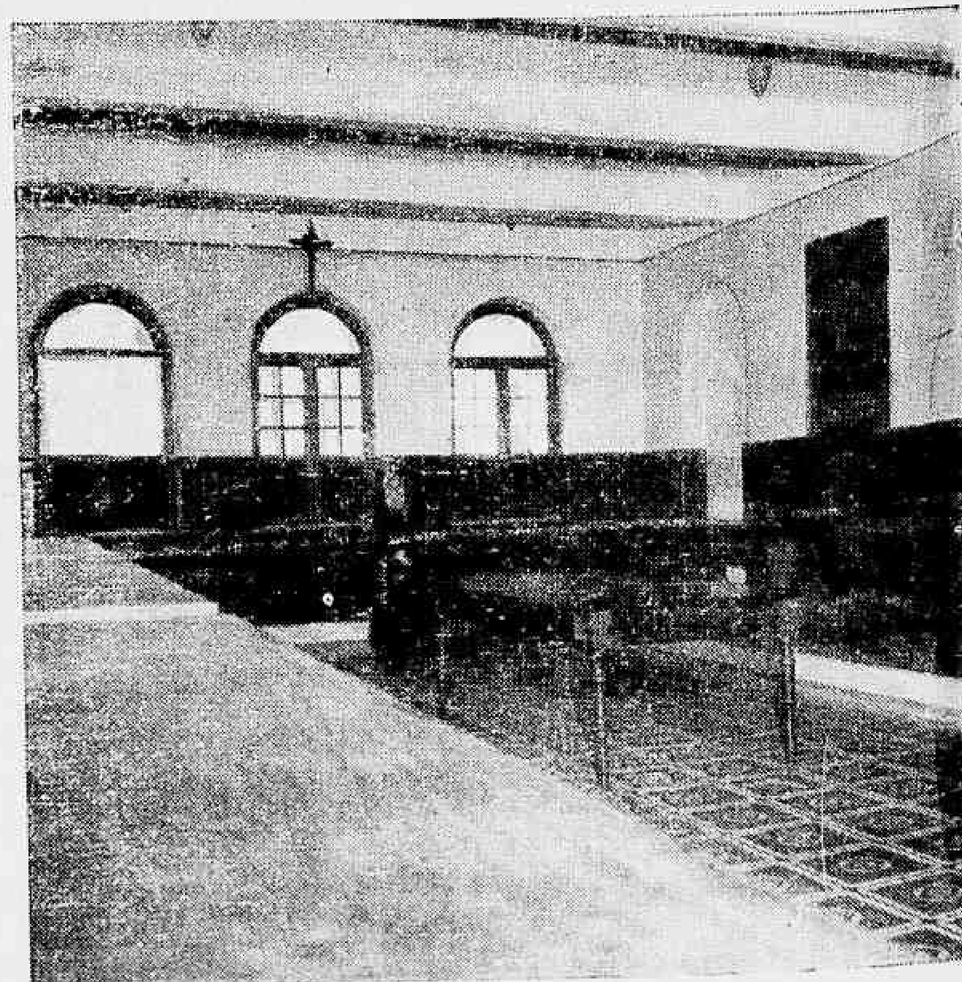
OS CAPUCHINHOS

Em 1842, os Capuchinhos tomaram posse da igreja de S. Sebastião no morro do Castelo, a convite do govêrno imperial. Antes, queremos dizer algo sôbre a atuação da Ordem Franciscana no Brasil, especialmente no que se refere à êsse grande ramo da Ordem dos Irmãos Menores (O.F.M.). São Francisco de Assiz estabeleceu a regra que deu vida a três Ordens religiosas: a dos Frades Menores (Primeira Ordem), em 1209; das Senhoras Pobres (Clarissas — Segunda Ordem), em 1212; e a dos Irmãos da Penitência (Terceira Ordem), em 1221. A primeira é formada de três grandes famílias religiosas: a Ordem dos Frades Menores, a dos Frades Menores Conventuais e a dos Frades Menores Capuchinhos. Todo mundo conhece qual haja sido o trabalho dos Franciscanos em prol da afirmação da Igreja Católica e São Francisco é tido como o maior reformador depois de Jesus Cristo. Os Capuchinhos surgiram em 1525, por obra de Matheus de Bascio, em meio ao pior período que a Igreja haja atravessado. Lavrava então em plena revolta a Reforma Luterana. O aparecimento dêsses frades, portanto, faz parte do movimento de contra-reforma. O nome lhes foi dado pelas crianças de Camerino, segundo a tradição, que ao vê-los em público pela primeira vez com os famosos capuzes, alegremente os receberam aos gritos de "Os Capuchinhos! Os Capuchinhos". Gostaram os frades do apelido e o adotaram para identificação. Foi no século XVIII que êles atingiram o máximo desenvolvimento, contando cêrca de 33.000 religiosos em 63 províncias. Presentemente, contam com 54 Províncias e pouco mais de 11 mil frades. A presença dos Capuchinhos no Brasil remonta ao ano de 1612, quando quatro frades da Província de Paris acompanharam a expedição organizada por Daniel de La Touche, senhor de Ravardiére, destinada às terras do Maranhão. Em 1614, voltaram quase todos à França, com os franceses derrotados. Em 1642, os holandeses, que ocupavam então parte do nordeste brasileiro, aprisionaram um galeão português, onde havia capuchinhos da Província da Bretanha em demanda da ilha de S. Tomé. Foram levados para Recife, onde tiveram liberdade de ação. Terminada a luta contra a Holanda, espalharam-se êles por todo o Brasil, principalmente em trabalho de catequese. A recordar o sacrifício ingente dêsses heróicos frades, ficaram as cidades de São Fidélis, no Estado do Rio e e de Itambacuri, no norte de Minas Gerais. As selvas do Mucuri e do Rio Doce os viram trabalhar e mor-



PARTE DO CLAUSTRO por trás da igreja. Há um projeto para completá-lo.

O REFEITÓRIO DOS CAPUCHINHOS é talvez a peça que melhor mantém a tradição monástica.





FREI FIDELIS Maria de Avoia, capelão das fôrças brasileiras na campanha do Paraguai. Com êle foram 6 frades.

rer. Catequizaram, instruíram, assistiram moralmente, pela causa da Santa Igreja, e fisicamente, através dos conhecimentos médicos e dos parcos recursos farmacêuticos. Fundaram povoados, hoje cidades, enfrentaram com a Cruz a selvageria dos índios, apaziguaram os índios com os fazendeiros, construíram capelas, igrejas, hospícios (casas de hospedagem), ambulatórios, abriram estradas, edificaram pontes, combateram as sêcas e a malária, harmonizaram, sempre que podiam, os poderes civis e religiosos na evolução da sociedade. Numerosos foram os que tombaram nessas lutas. No Rio, apareceram êles em 1650. Em 1653, lhes foi doada a ermida de N. S. da Lapa, que não chegaram a ocupar. Em 1659, lhes foi permitido construir um hospício junto à igreja no morro da Conceição. Em 1687, o govêrno português exigiu que todos os missionários prestassem juramento de fidelidade ao rei. Não concordaram os capuchinhos franceses, e aos poucos foram retirando-se do país, sendo substituídos por outros de nacionalidade diferente, especialmente italianos. Dois capuchinhos italianos,

IMAGEM DE SÃO SEBASTIÃO, em madeira. Diz a lenda que foi trazida por Estácio de Sá.





O ATUAL templo da Rua Hadock Lobo, em puro estilo bizantino, orgulho dos frades, frequentadíssimo pelos fiéis.

Jerônimo de Montereale e Antônio de Perugia, aportaram ao Rio em 31 de maio de 1721, de passagem, sendo convidados a permanecer e a ocupar o lugar deixado vago pelos franceses. De então até 1832 andaram êles ocupando várias sedes, numa contínua peregrinação, por não haver convento próprio. Estiveram também durante 68 anos numa casa da rua que foi denominada "barbonos", devido às barbas usadas pelos religiosos, onde hoje há o quartel da Polícia Militar, na Rua Evaristo da Veiga. Em 1832, houve dispersão dos missionários, retirando-se alguns para o interior, não havendo substituição dos que morriam, voltando outros para a Itália. Era uma época de pouca simpatia entre o govêrno brasileiro e a Santa Sé. Porém, pelo Aviso de 18 de janeiro de 1840, o Regente Araújo Lima convidava novamente os Capuchinhos para uma Missão oficial no Brasil. Aceitaram êles imediatamente, demonstrando que nenhum ressentimento mantinham pela atitude anterior. Chegaram sete missionários ao Rio a 14 de setembro de 1840. Hospedaram-se provisòriamente no mosteiro de S. Bento, até que, mediante escolha, receberam em custódia a igreja de São Sebastião no morro do Castelo, aos 18 de agôsto de 1842. Nunca mais deixaram essa igreja e até hoje zelam pelos despojos de Estácio de Sá, pela imagem antiga do padroeiro, pelo marco da cidade. Eis a conexão existente entre a fundação do Rio de Janeiro, o morro do Castelo e os "barbadinhos".

DE 1842 ATÉ HOJE

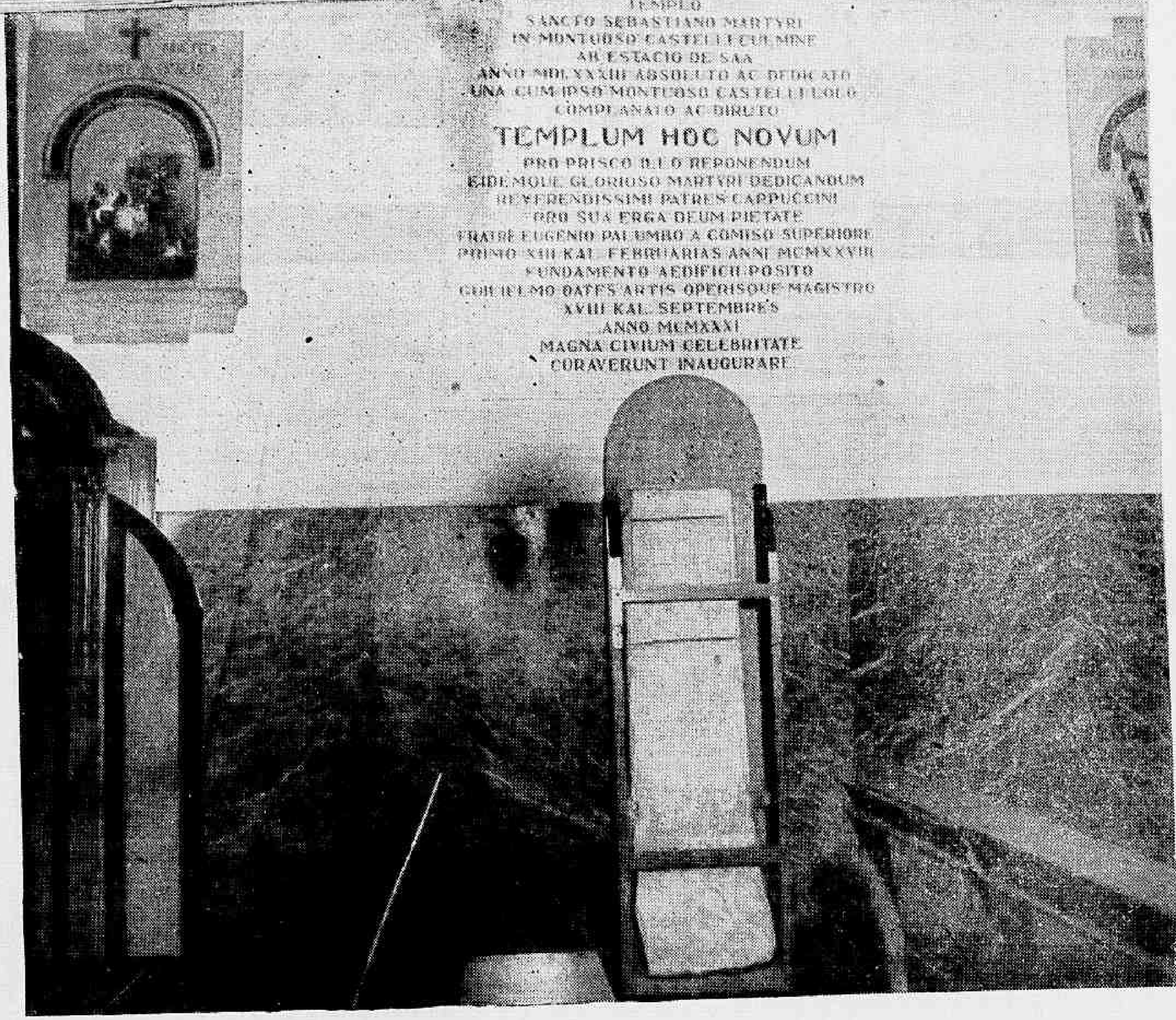
Sob as ordens de Frei Fidélis de Montesano, o primeiro superior, edificaram os capuchinhos o hospício ao lado da igreja, pedindo às autoridades que reformassem a antiga igreja, em ruínas e próxima ao desaparecimento. Em vão pediram. Até que os céus se encaregaram de amedrontar

ALGUNS dos velhos quadros pintados em madeira, atualmente na sacristia.





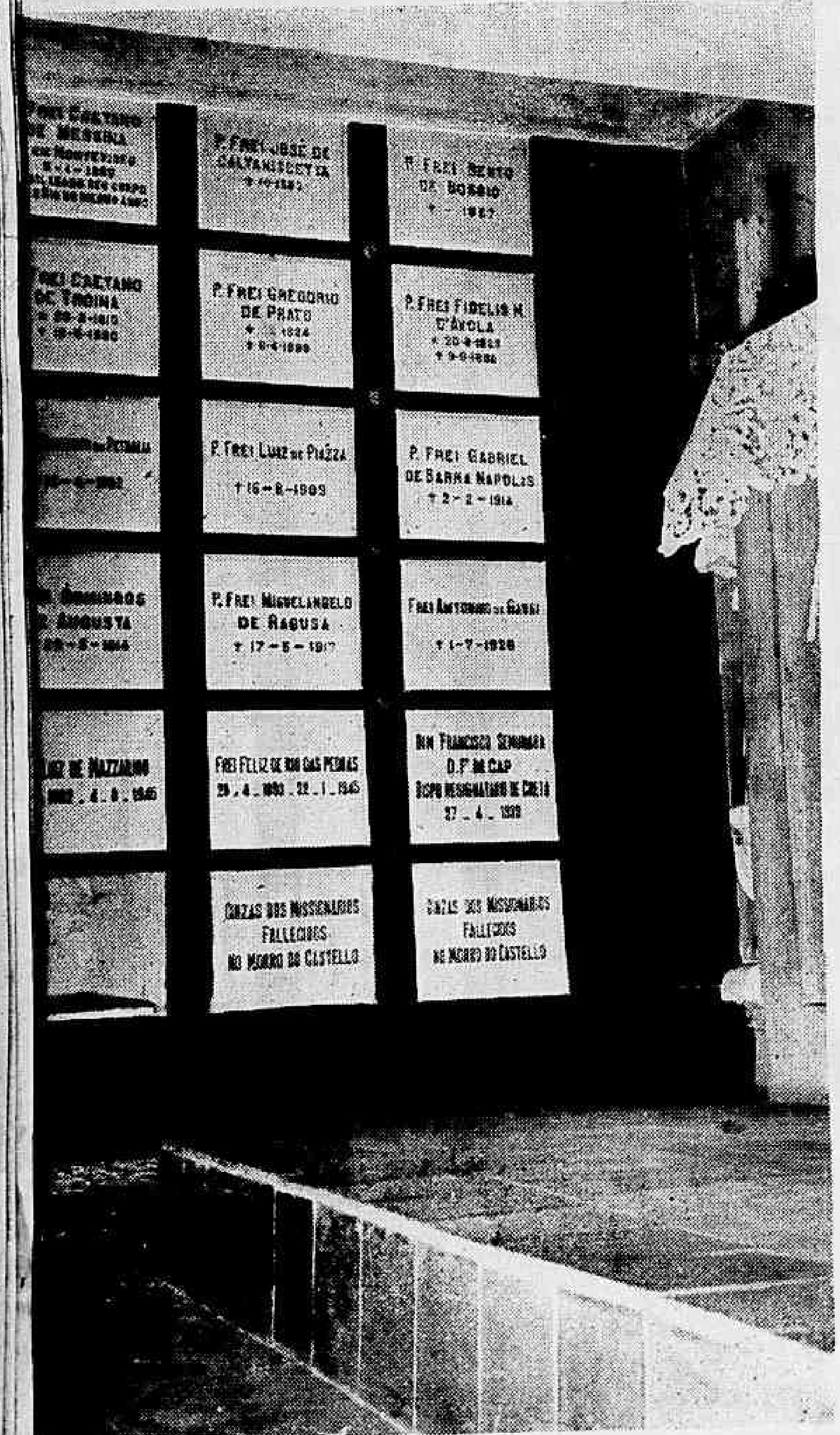
PORTA DA CRIPTA onde estão sepultados alguns dos Capuchinhos que morreram no Brasil.



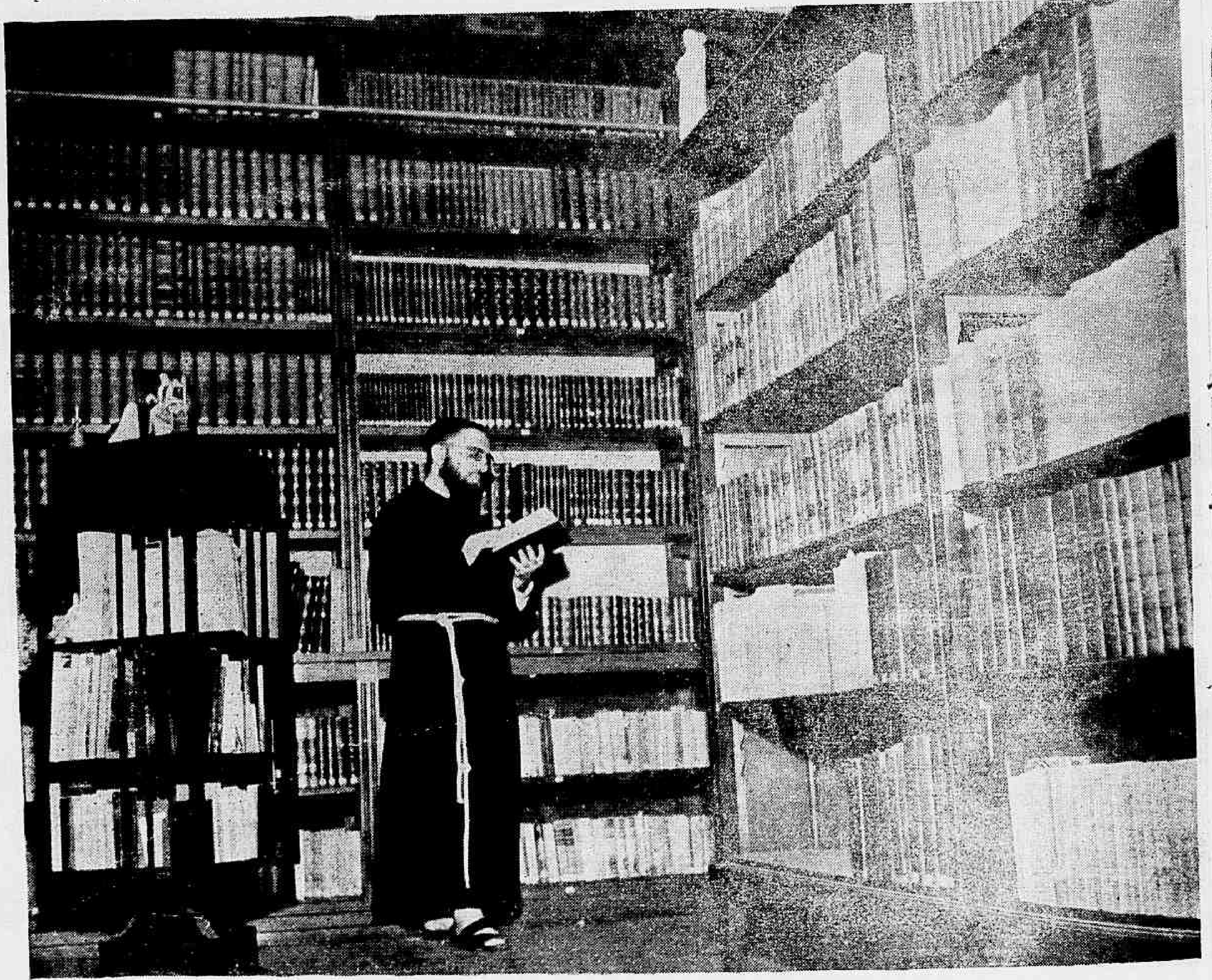
DEBAIXO DA LAPIDE que comemora a inauguração do templo está localizado o marco da cidade.

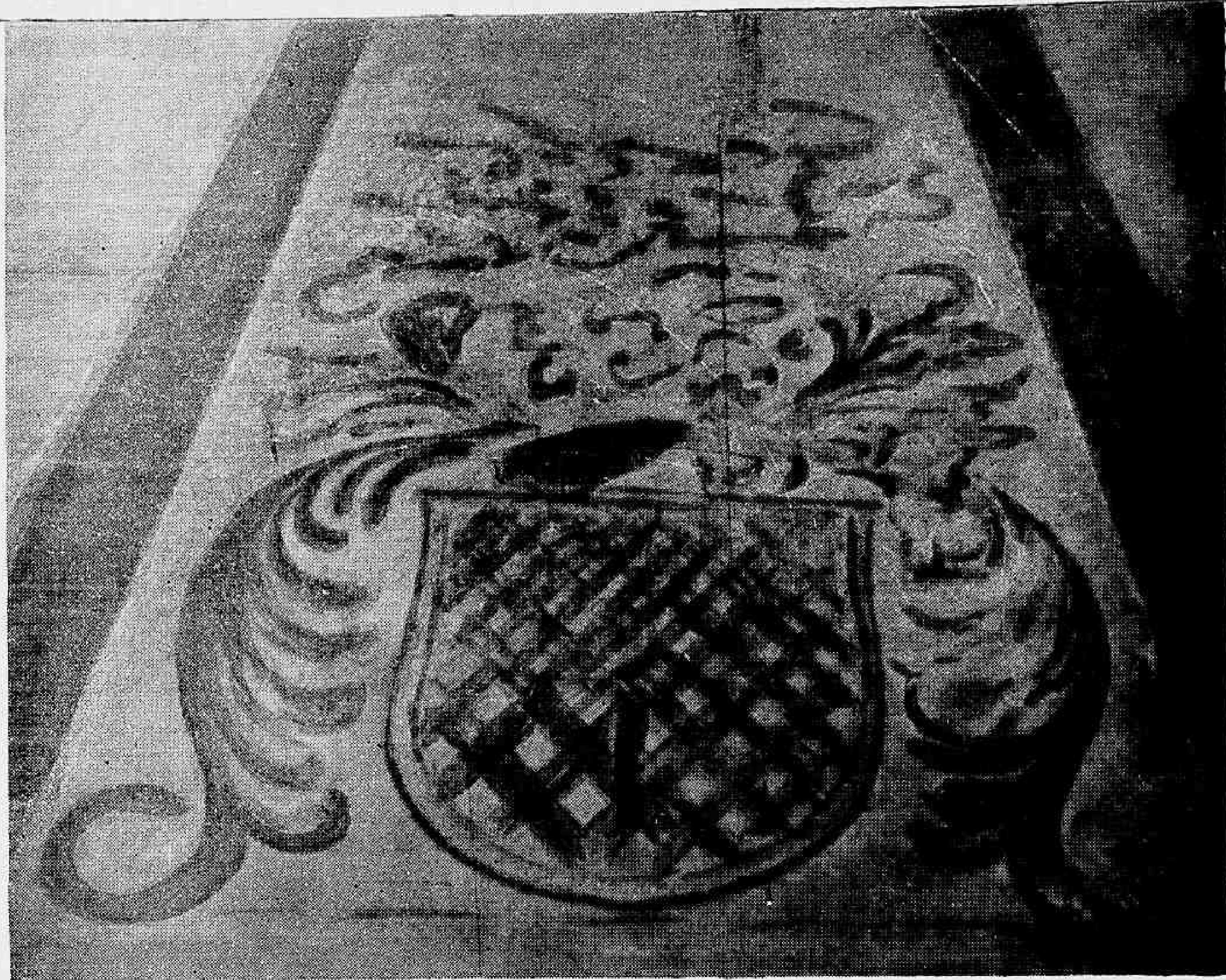
os homens, desencadeando, na noite de 21 de novembro de 1861, uma terrível tempestade que, entre outros danos, quase destruiu a igreja do morro do Castelo. Concederam as autoridades o que pediam os frades e o templo foi reformado. Era prefeito dos frades o Frei Caetano de Messina. As atividades continuaram as mesmas do período de colonização, saindo muitos dêles para o interior desconhecido. Outra missão juntara-se às demais: a libertação dos escravos, que compravam e alforriavam sempre que podiam. Um episódio deve ser registrado: o da participação de seis frades como capelães junto às fôrças brasileiras contra o Paraguai, sob as ordens do capelão-mor Frei Fidélis de Avola. Seus serviços foram relevantes, merecendo menção por parte dos chefes militares, recebendo Frei Fidélis, quando de sua morte, as honras de tenente-coronel. Em fins do século passado, coincidindo com o fim do govêrno imperial, diminuiu sensìvelmente o número de capuchinhos, não só no Rio como em todo o Brasil. Com a República, porém, novo surto favoreceu as províncias governadas pelos "barbadinhos", tanto que já em 1936 podiam contar-se 187 sacerdotes, 100 clérigos e 82 irmãos leigos. Número êsse que oscila atualmente de 600 para 800, que estão de passagem. No Rio, o número dêles é bem pequeno, são quinze apenas, mas equivalem a um exército pelas inúmeras atividades desenvolvidas. Sua permanência no alto do morro do Castelo, à guarda da mais antiga igreja do Rio, foi até o dia 20 de janeiro de 1922, quando se deu a trasladação, em cerimônia solene, de tôdas as relíquias contidas na igreja, por meio de um cortejo cívico-religioso, em que tomaram parte as mais altas autoridades do país, para o convento provisório dos capuchinhos, na rua Conde

INTERIOR DA CRIPTA, vendo-se os cubículos com os restos mortais dos frades.



PARTE da Bibliotéca onde os capuchinhos pesquisam o passado histórico da Ordem em terra de Santa Cruz.







EM FRENTE AO ALTAR, no chão, a original lápide de mármore encerra oss despojos de Estácio de Sá, desde 1583.

de Bonfim. Era o final do que havia sido decretado em 1921: desmonte do morro do Castelo para obedecer à reforma do plano urbanístico da cidade. Provisòriamente, os frades moraram em lugar emprestado. Em 1931, a 15 de agôsto, foi inaugurado o novo templo, na rua Hadock Lôbo, soberbo em suas puras linhas arquitetônicas de estilo néo-bizantino. Em 14 de agôsto de 1949, foi inaugurado o novo altar-mor em mármore de Carrara, que veio completar um ciclo evolutivo, cuja penúltima etapa foi a elevação da igreja à Paróquia, em 6 de junho de 1947, sendo primeiro Vigário o Frei Jacinto de Palazzolo. Na igreja de hoje podem ser vistas tôdas as relíquias históricas que, desde 1842, estão confiadas aos "barbadinhos". Por cima do marco da cidade, há uma lápide de mármore que lembra, em latim, a razão da trasladação definitiva. Apenas um dado não corresponde à verdade histórica, diz a lápide que o novo templo foi edificado "em substituição à antiga igreja do morro do Castelo, mandada construir por Estácio de Sá em 1583".

Quem mandou construir a igreja do Castelo foi Mem de Sá, iniciando as obras em 1567, ano da morte de Estácio de Sá. O que houve em 1583 foi apenas a trasladação das cinzas de Estácio para a igreja recém-terminada e inaugurada por Salvador Correia de Sá. Um lapso apenas.

Na nova igreja, os "barbadinhos", como são afetuosamente chamados pelo povo, em seus hábitos castanhos, com capuz comprido e ponteagudo, cordão de lã branca como cinto, e sandálias de couro sem meias, continuam em sua obra de evangelização, de assistência social, moral e instrutiva. Assoberbados por tantos afazeres, mesmo assim cogitam de ampliar cada vez mais sua obra. Nas primeiras sextas-feiras de cada mês é enorme o afluxo de pessoas que os procuram para receber a bênção, costume já enraizado especialmente nos moradores do bairro. A tradição secular, austera, rígida, é uma garantia à obra benfazeja que desenvolverão no correr dos tempos para a educação espiritual de quantos os procurarem, mesmo sob a orientação modernista da vida atual, pois o convento dos capuchinhos não é impenetrável, pelo contrário, está sempre aberto a quem precisar. E só o bem poderá advir de quem vive para o bem do próximo.

O NOVO ALTAR, de mármore de Carrara, inaugurado em 14 de agôsto de 1949.

AUDITÓRIO com teatrinho e cinema, para audições domingueiras às crianças do bairro.



SECULAR estátua de madeira, representando Santa Ana, existente na cripta.



REVISTA DA SEMANA

N.º 4 ★ 21-1-51

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

POLÍCIA DE COSTUMES



Publicou um vespertino desta capital a queixa de alguns de seus leitores sôbre a falta de compostura que se está notando à porta do cinema S. Luiz, no Largo do Machado, local preferido por grupos de rapazinhos que ali se postam, não sòmente obstruindo a passagem, como a dirigir graçolas às senhoras e senhoritas que vão ao cinema ou passam pela calçada. Há em nosso Código Penal e noutras leis suplementares de contravenções penais, dispositivos que prevêem fatos dessa ordem, precisando-se apenas que a autoridade pública designe seus representantes para coibir tais abusos e levar os contraventores à presença do Delegado do Distrito. Além desse máu hábito, próprio de pessoas sem a mínima educação, nossas autoridades precisam dar um geito no interior dos cinemas, onde se vêem casaizinhos em atitudes de franca licenciosidade, atentando contra o pudor em meio de pessoas que não podem aplaudir a liberdade de faltar com respeito a recintos que não se destinam a cenas de alcova. Indiscutivelmente o Rio está a exigir um Departamento Policial de Costumes a fim de que re-eduquemos essa mocidade sem a menor noção de compostura, de boas maneiras, de educação social, envenenada pelos exemplos degeneradores que os próprios filmes e revistinhas que lêem lhes fornecem. Pode a juventude ser alegre, folgazã, eufórica; isso faz parte da vida de tôda e qualquer mocidade; mas, confundir deboche, maneiras grosseiras de tratar, exceder-se em cenas de amôres íntimos em meio a platéias que devem merecer mais respeito, é exigir a intervenção imediata da autoridade pública, aplicando-se aos contraventores as penas pescritas em lei.

DOZE VETOS



Também no Rio Grande do Sul lavrou a mais desordenada pandemia de abonos e despesas capazes de desiquilibrar o mais severo dos orçamentos estatais. O Governador Valter Jobim, em poucos dias opôs nada menos de doze vetos a projetos de leis da Assembléia Estadual que criavam despesas sem indicar as fontes de onde jorrariam os manaciais para fazer face a tantos pagamentos. Para mostrar ao leitor como estavam liberais os senhores legisladores gaúchos, veja-se a verba destinada ao pagamento de abonos ao funcionalismo estadual: cem milhões de cruzeiros! O chefe do executivo estadual, ao discursar na inauguração da ponte «General Osório», no município de Alegrete, aproveitou a oportunidade para falar sôbre as despesas sem fundos (ou sem fundamentos) a que o erário estava forçado e acrescentou: «O sofrimento do povo tem suas razões profundas nessa desorientação que muitos que se proclamam defensores da coletividade, teimam em não ver». E mais adiante: «Arrostei, sòzinho, todo o azedume opondo o meu veto aos desvaríos. Se me coubesse a responsabilidade nos desatinos estenderia a mão à palmatória. Clamei e clamarei sempre contra essa inconsciência que pompeou. Só uma democracia suicida marcha ao léu dos impulsos demagógicos. A democracia orgânica só se constrói pelo trabalho planificado e coordenado, como se faz nos Estados Unidos, na França, na Itália, na Inglaterra». Não se pode negar que a massa do funcionalismo público, do município à União, tem necesidades de ganhar mais, de receber um pouco mais do que percebe, ressalvadas exceçes de muitos já com vencimentos invejáveis. Mas, será que mais mil cruzeiros resolveriam problemas de uns para agravar a situação de milhões?

BIBLIOTECA CIRCULANTE



Já possui a cidade mineira de Araxá a sua biblioteca circulante. Foi organizada, segundo dizem telegramas de lá, pelos alunos do Primeiro Curso Regional de Treinamento para professores rurais. Espera-se que essa importante organização preste inestimáveis serviços à população infantil e adulta da estância e aos próprios veranistas, uma vez que há falta de leitura boa, instrutiva e cultural na cidade de Araxá, e, especialmente no Balneário. A inauguração contou com a presença do Secretário da Educação e da professora Helena Antipoff, chefe do Serviço de Orientação Técnica do Ensino Rural. Araxá oferece ao Brasil um exemplo digno de ser imitado. Não sòmente nas estâncias de férias e descanso, ou de cura notamos carência absoluta de bibliotecas para veranistas e o próprio povo que habita essas cidades. Caxambu, S. Lourenço, Lambari, Poços de Caldas, Cambuquira, etc., para só falar nas mineiras, vivem desprovidas de lugares para a leitura e o estudo, a educação do povo e o passatempo intelectual dos «aquistas», antigamente chamados «aquáticos». Para os brasileiros que dirigem as estâncias é conceito irrepreensível que só o jôgo em cassinos de Mil e Uma Noites pode fazer a felicidade e trazer progressos a tais estabelecimentos. Veja, por exemplo, o que acontece a Poços de Caldas. Com o fechamento dos Cassinos de Jogos a cidade morreu, os hotéis tiveram uma queda de quase dez mil hospedes por ano e a média das diárias, que era de 30, desceu à casa dos sete... Por que? Porque, acabado o jôgo, não houve nenhuma providência para compensar o vício por outros meios lícitos e atrativos como espetáculos, excursões, cinema, festas típicas, teatro, etc. Que o exemplo de Araxá seja imitado.

UMA GUERRA ÚTIL



Vem-nos de S. Paulo esta excelente notícia: — A Secretaria da Segurança Pública acaba de tomar tôdas as providências no sentido de retirar das ruas e praças da cidade os vadios, os mendigos e os ébrios. A propósito o coronel Flodoardo Maia, secretário da Segurança, acaba de assinar portaria dispondo sôbre todos os objetivos do Serviço de Proteção e Providência que constitui a 8ª Divisão Policial. Para cumprir a missão que lhe foi imposta, essa Divisão será dotada de vários veículos para a remoção dos que estiverem a dar de pernas pelas vias públicas da capital paulista, incluidos numa daquelas categorias, ou, para azar dos visados, em tôdas três... Nada mais justo do que uma campanha dessas. Que vergonha para qualquer um de nós ao ver em avenidas como a S. João ou a Rio Branco, uma de S. Paulo e a outra aqui do Rio, vagabundos, mendigos ou ébrios a dar espetáculo, exibindo chagas ou caídos ao passeio enquanto passam autoridades sem o menor interêsse pela sorte desses infelizes e a dignidade das capitais. Não sòmente em S. Paulo devia dar-se caça a tais elementos de desarmonia. Especialmente aqui no Rio, um serviço de permanente vigilância devia ser organizado e executado sem desfalecimento, punindo-se os malandros e vadios que não trabalham porque não querem e asilando-se os verdadeiramente desgraçados, mandando-os para estabelecimentos onde pudessem passar o resto da vida ingrata em meio de relativo confôrto. Pelas ruas desta cidade que já foi Maravilhosa, encontramos mendigos a cada passo. O remédio não é enxotá-los, e sim asilá-los, dar-lhes o Govêrno o que a sociedade não deu.

A PERSONAGEM DA SEMANA

Ao sair esta última edição de janeiro de 1951, despede-se da Nação o Govêrno do General Eurico Gaspar Dutra. Não nos compete fazer aqui um julgamento completo do seu quinquênio, não só porque ainda é cedo para tanto, como porque é isso tarefa mais indicada ao historiador ou sociólogo. Mas, dentro das possibilidades de que dispomos, podemos admitir que o período ora a encerrar-se teve erros, por vêzes graves, também se recomendou pelas realizações objetivas em alguns setores da vida nacional, notadamente o da Agricultura e o da Viação, pastas de que foram titulares os Srs. Daniel de Carvalho e Clóvis Pestana. A cultura do trigo brasileiro é uma conquista do Govêrno Dutra, e a obra em matéria de vias de comunicação, tanto em estradas de rodagem, como em estradas de ferro, constitui outro lado positivo do período que finda. Foi obra notável. Merece ainda os louvores nacionais o General Dutra, pelo incremento dado aos problemas da eletrificação do país, com o aproveitamento de grandes quedas d'água, como sucede na cachoeira de Paulo Afonso, no nordeste brasileiro, e em zonas do Rio Grande do Sul. Recomendou-se ainda o Govêrno que passa o bastão de comando ao seu sucessor, pelo respeito à Constituição, tendo-se realizado as eleições de outubro em completa paz, não havendo o Presidente Dutra recorrido ao estado de sítio, durante o seu período governamental, nem lançado mão da fôrça e de seu prestígio nos meios militares para conturbar o panorama civil do país. Comportou-se, geralmente, com muita discrição, fechando ouvidos a intrigas que poderiam comprometer qualquer timoneiro menos ponderado e sereno diante das tempestades. Pena que não pudesse deter a marcha da inflação e pôr côbro a excessos de despesas com pessoal, em vários setores da alta administração nacional.



Presidente Eurico Dutra



A PRATICA DA CARIDADE no Rio de Janeiro, onde cinqüenta por cento da população é católica e a outra metade espírita, é quase outra religião. Em nenhuma outra parte do Brasil o povo é tão caritativo como na «Cidade Maravilhosa». Nem mesmo nas cidades onde há grandes romarias, a mendicância é tão rendosa. Na foto um companheiro que foi mendigo por 3 horas e arranjou Cr$ 96,80, sem muito trabalho.

E' NEGÓCIO PEDIR ESMOLA!

CADA VEZ MAIOR O NÚMERO DE MENDIGOS NO RIO ★ SUPERLOTADOS OS ABRIGOS ★ DOENÇAS, DESEMPREGOS E OCIOSIDADE AS CAUSAS DA MISÉRIA REINANTE ★ UNIDOS PELA ADVERSIDADE UM DIPLOMATA QUE SE TORNOU LIXEIRO EM PARIS E UM PRÍNCIPE RUSSO QUE ACABOU MENDIGO NO BRASIL ★ TRÊS HORAS ESMOLANDO E Cr$ 96,80 DE FÉRIA

Texto de ABDIAS RODRIGUES

Fotos de DINO GONÇALVES

OS moradores de Santo Cristo já se acostumaram a ver, todos os dias, a enorme fila dos párias da civilização cristã, que tem começo na porta do Albergue da Boa-Vontade e se estende pela Praça da Harmonia em fora. Todavia, o transeunte que por ali passa, às 5,30 da tarde, sente-se atraído por aquêle espetáculo confrangedor. Dir-se-á que a fila é a procissão dos vencidos. A policromia das tangas, cobrindo corpos esquálidos, famintos e rugados pelos anos, constitui a moldura do quadro de miséria a que chegou um povo. Velhos alquebrados, doentes, com mais de 70 anos de idade, ficam a perlustrar pelas ruas da cidade em busca de um emprêgo, ou sentados nos bancos da praça aguardando que o relógio do café mais próximo marque 18 horas, para irem tomar a sopa que o albergue fornece, ou descansar um pouco o corpo. Aquela instituição é mantida pelo Serviço de Assistência Social da Prefeitura. Destina-se a abrigar indigentes num prazo que não exceda de 5 dias. Antes de serem admitidos, todos os necessitados são submetidos a exame médico. Os portadores de doenças contagiosas são encaminhados aos hospitais da Prefeitura. Mas, como nem sempre há suficientes vagas nesse nosocômios, as ruas da metrópole estão cheias de indivíduos portadores de moléstias contagiosas. Muitos dêles se improvisam em cambistas, vendedores ambulantes, "camelots", etc. Os que se deixam vencer pelo mal ou pela ociosidade, tornam-se mendigos, para não morrer de fome. E, como o caráter é indelével, isto é, quem é mendigo uma vez é mendigo por tôda a vida, uma vez saciada a fome, êles continuam mendingando. Muitos chegam mesmo a fazer fortuna; outros adquirem independência; afora os que vivem folgadamente, sem preocupações.

O individuo que chega a mendigar acostuma-se com tudo. Come os restos que os outros deixam; veste-se com os trapos que ninguém quer mais; dorme ao relento; não paga impostos, não tem representação social; enfim, economiza o máximo, o absoluto. Numa cidade como o Rio de Janeiro, onde 50 por cento da população é católica e a outra metade espírita, a prática da caridade é quase outra religião. Em nenhuma outra parte do Brasil o povo é tão caritativo. Nem mesmo nas cidades onde há romarias e festas tradicionais com a de Nossa Senhora da Ajuda, em Pôrto Seguro; Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, ou Senhor Bom Jesus da Lapa, no Estado da Bahia, a mendicância é tão rendosa como o é aqui no Rio. Isso já está tão arraigado e divulgado que, em todos os Estados, chegam indivíduos que vêm para aqui com o propósito exclusivo de esmolar.

Para reprimir essa prática foi criado



ESTA FOI SURPREENDIDA pelo fotógrafo quando pedia esmola na porta de uma igreja. E' uma mulher sadia, forte, que bem poderia estar enfrentando um tanque, lavando roupa. Entretanto, prefere esmolar.



o Serviço de Fiscalização e Repressão à Mendincância e a Menores Abandonados, dirigido pelo dr. Jaime Praça. Em 1944, êsse serviço foi desdobrado, isto é, foi criado o Serviço de Asistência a Menores (o conhecido S.A.M.), e a Seção de Mendicância, cuja chefia está a cargo do dr. Adalberto Couto, subordinada, aliás, à Delegacia de Vigilância, que tem como atual delegado o dr. Brandão Filho e comissário o dr. Olavo Gomes Pinto. Assim, baseados no art. 60 do nosso Código Penal, que especifica que quem mendigar por ociosidade ou cupidez está sujeito a prisão simples de quinze dias a três meses, aquelas autoridades vêm cumprindo a lei e encaminhando os detentos aos serviços sociais existentes.

Durante o ano de 1950 foram detidos e encaminhados centenas de mendigos e indigentés, sendo que o mês de setembro apresentou um quociente extra. No mês de dezembro, segundo informações do dr. Adalberto Couto e seu auxiliar imediato, sr. Dâmaso Luiz de Lima, passaram por aquela seção 2 indivíduos enviados pela Fundação Leão XIII; 6 do Pronto Socorro; 1 do Hospital Rocha Faria; 1 do Hospital-Dispensário do Méier; 1 do Serviço de Policiamento da Central do Brasil; 2 do Serviço de Obras Sociais (S.O.S.); 2 do Albergue da Boa-Vontade; e mais 40 detidos por diversos motivos. Foram presos esmolando, 107; dormindo na via pública, 125; embriagados, 103; perambulando, 203; débeis mentais, 3; para averiguações, 7; procedentes do Abrigo Cristo Redentor por indisciplina, 4; encaminhados ao Abrigo Cristo Redentor, 86; falecido, 1; ao Pronto Socorro, 4; à Seção de Vigilância, 1; à Seção de Furtos e Roubos, 1; ao Albergue da Boa-Vontade, 4; embarcados para os Estados, 3; empregado, 1; à Polícia Militar do Exército, 1; e ao Ministério da Aeronáutica, 1.

Afora êsses casos isolados, famílias inteiras, às vêzes, ficam na Seção de Mendicância a fim de ser encaminhadas aos Estados ou alojadas nos abrigos. Todavia, apesar de ser grande o êxodo de indigentes que, diàriamente, chegam a esta capital, a polícia só conta pràticamente com o Abrigo Cristo Redentor. Essa instituição, que foi criada em 1935, graças à tenacidade do sr. Rafael Levy de Miranda, logo no ano seguinte de sua fundação abrigava 126 mendigos. Desde então, a sua lotação vem crescendo ininterruptamente, perfazendo, atualmente, a média de 3 mil abrigados. A falta de leitos e acomodações chegou ao ponto de os mendigos dormirem em promiscuidade, no chão, debaixo das camas e até ao relento, junto às portas dos diversos barracões. Daí o crescente número de óbitos que vem sendo registrado últimamente. Acontece, entretanto, que, muitas



O DO CENTRO É UM famoso mendigo internacional. Seu nome é John Collyen. Percorreu o mundo todo e por tôda parte mendigou. Estudou para diplomata, mas acabou lixeiro em Paris e mendigo no Brasil.





ENTRE OS QUE pedem esmola por ociosidade há também, os que o fazem para não morrer de fome. São os doentes, velhos e aleijados. Está neste caso êsse pobre homem, cuja perna é cancerosa.



vêzes, o mendigo já vai doente para o abrigo, onde fica à espera da morte. Não podendo fugir à função para a qual foi criada, a instituição nunca recusa abrigo, aos que a procuram, principalmente aos doentes. E, para lá é encaminhada tôda a miséria da cidade. Dir-se-ia que aquilo é um depósito de lixo humano. Muitos mendigos trabalham, recebendo pequenos salários, enquanto outros recebem mesquinhas pensões dos Institutos. Quase todos são desamparados. Sem família, sem parentes nem amigos. Todos são humanos e têm uma história mais ou menos triste, mais ou menos dolorosa. Contudo, não gostam de falar. Razão têve Eduardo Zamacois quando disse que "o pobre é sóbrio até no falar". E, como a infelicidade une as criaturas, lá estão trabalhando, ombro a ombro, um famoso mendigo internacional, que foi lixeiro em Paris, e um príncipe russo, que pertence, ou melhor, pertenceu à dinastia dos Czars soviéticos. De quando em vez êles saem. Deixam o abrigo e passam a mendigar na cidade, até que a polícia os remete novamente para lá. Foi numa dessas peregrinações que os encontramos na Praça Quinze, deitados nos bancos. O príncipe chama-se Paul Ouromsoff. Aparenta ter 52 anos de idade. Fala corretamente o francês, o inglês e o espanhol. Há muitos anos está no Brasil. Fizemos-lhe várias perguntas. Sua Alteza, entretanto, mostrou-se receoso e taciturno. Seu companheiro de adversidade, que se chama John Callyen, é bastante loquaz. Foi dizendo-nos que falava, afora o idioma pátrio, o inglês, o francês, o italiano e o espanhol. E' brasileiro, mas filho de inglêses. "Minha vida é um rosario de lutas e sofrimentos — disse com ênfase. — Estudei muitos anos para, no fim, acabar mendigo. Corri o mundo e por tôda parte lutei, sofri e mendiguei. Estive na China, no Japão, na Alemanha... Em Paris, vivi muitos anos trabalhando como lixeiro. Meu ideal era ser diplomata, mas acabei lixeiro. Os fortes chamam a isso — fracasso; os crentes — destino; e os filósofos — determinismo. Mas, em verdade, há pouca diferença entre um diplomata e um lixeiro. O primeiro seleciona amizades — fazendo diplomacia; e o segundo seleciona detritos — fazendo a profilaxia da cidade.

E prosseguindo:

— "Um montão de lixo é como um ventre aberto, onde tudo tem o seu valor intrínseco. Os lixeiros parisienses aproveitam tudo. Os trapos e os papéis velhos, manchados, despedaçados, imundos, são vendidos a quilos; dos sapatos que não merecem ser remendados, se aproveitam, pelo menos, os pregos e os botões; das latas de conservas se fazem tubos para braseiros e se chapeiam baús; as garrafas

★

FREGUESA DO CONVENTO Santo Antônio. Tôdas as têrças-feiras vai receber esmolas. Aceita tudo. Feijão, arroz, farinha, qualquer espécie de alimento, e também lenha para cozinhá-los. Esta foto foi feita quando pedia tábuas de caixotes.





E' ASSIM O POVO CARIOCA: dá esmola com um sorriso nos lábios. O nosso falso mendigo recebe a «prata e entra, depois, no próximo botequim que encontra, naturalmente, para «matar o bicho».

★

★

OUTRO FLAGRANTE DO NOSSO FALSO MENDIGO, quando recebia esmolas. O transeunte carioca pratica a caridade sem sindicar se o pedinte merece ou não a esmola. Assim, até mendigos de gravata, como o nosso, são beneficiados.





OUTRO FLAGRANTE de John Collyen — o mendigo filósofo, que foi lixeiro em Paris. Disse que pede esmola porque Platão também pediu. A senhora do centro é fã de Sagramor. Hàbitualmente assiste aos seus programas, recebendo os saquinhos de alimentos que a caridosa vereadora distribui periòdicamente. Finalmente, outro filósofo, digno, aliás, de figurar no teatro e no cinema por ser muito fotogênico.

ESTA TAMBÉM vive da caridade pública. Também está inscrita no programa de Sagramor Scuvero. Esporàdicamente pede esmola na porta do Convento Santo Antônio. Ainda não foi fichada na Secção de Mendicância.



quebradas, os pedaços de cristal se fundem e voltam a servir; os cabelos que as mulheres arrancam ao pentear-se, uma vez limpos e classificados por côres, adquirem preço; os ossos constituem um adubo magnífico, e as cinzas se utilizam para endurecer o chão e secá-lo; com as cascas de frutas e de legumes, as aparas de vagens, os talos e os desperdícios a que os descasques obrigam, alimentam-se faisões e galinhas que, uma vez gordinhas, são recheadas para os grandes banquetes. Neste mundo há muita gente escrupulosa e vaidosa que esquece, às vêzes, que, mais cedo ou mais tarde, serão comidas pelos vermes. Para êsses escrupulosos, devo dizer que seguramente 30 por cento das gorduras que a população de Paris consome é reaproveitada das águas dos esgotos. Sòmente duas classes de gente sabe disso: os médicos da Saúde Pública de Paris e os lixeiros. Os grandes laboratórios da Municipalidade Parisiense filtram as águas dos esgotos, extraindo delas subtâncias minerais e gordurosas que, submetidas a diversos processos de refinação, são expostas à venda. Tudo isso, entretanto, não é mais que a confirmação da lei de Lavoisier, que diz: "Em a natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma". Sempre lidei com lixo e nunca estive doente."

— Se não é doente por que então pede esmola? — perguntamos.

— "O hábito é uma segunda natureza" — respondeu. — Já me acostumei a isso. Sou filósofo. Imito os mestres, como Platão e Sócrates, que também esmolaram."

★

Em verdade, muitos indivíduos pedem esmolas por ociosidade, tal qual o famoso personagem da peça de Joracy Camargo. Para causar comiseração muitos simulam, ou se dizem portadores de enfermidades e aleijões. As mulheres arranjam, preferentemente, crianças emprestadas e choram as suas dificuldades. Para êsses casos, o Art. 60 do Código Penal, no seu Parágrafo Único, estipula: "Aumenta-se a pena de um sexto a um têrço se a contravenção é praticada:

a) de modo vexatório, ameaçador ou fraudulento;

b) mediante simulação de moléstia ou deformidade;

c) em companhia de alienados ou de menor de dezoito anos."

Há pouco tempo foi prêso, esmolando, um sirio de nome Omar Sleimann, negociante em Anchieta. Com surprêsa dos policiais, nos seus bolsos foram encontrados 21 mil cruzeiros. O dr. Couto mandou chamar 2 representantes da Embaixada Síria e em presença de outras autoridades e pessoas gradas, devolveu o dinheiro ao usurário.

Júlio Alves Neves é outro caso de usura. Foi também prêso mendigando e em seus bolsos havia 9 mil e 500 cruzeiros. Êsse caso mereceu a atenção da imprensa, que publicou amplas reportagens ilustradas, relatando pormenorizadamente o fato. Afora êsses, há muitos outros fatos, cujas provas nos foram apresentadas na Seção de Mendicância.

E, para tirar a dúvida, um companheiro nosso improvisou-se de mendigo. Demos umas voltas pelo centro da cidade durante 2 horas. Na rua da Carioca, um mendigo verdadeiro protestou contra o que êle chama de "avanço", isto é, o nosso falso mendigo estava avançando no *ponto* dêle. O protesto foi enérgico. Houve dis-



DURANTE O MÊS de dezembro foram apanhados, dormindo na via pública, 125 indigentes, segundo informações colhidas na Secção de Mendicância. Todos são encaminhados ao Abrigo Cristo Redentor. Contudo, aquela instituição vive constantemente superlotada. Daí a razão de os mendigos dormirem debaixo dos leitos em promiscuidade e até ao relento.



cussão. O homem quis brigar. Começou a juntar gente. Nós, que, propositalmente, apreciávamos tudo à distância, nos aproximamos. Quando o verdadeiro mendigo viu a máquina fotográfica, empurrou meio mundo, furou o cêrco, e saiu numa carreira danada. Foi pena, perdeu-se uma boa chapa. Durante mais outra hora o nosso "mendigo" pediu esmolas em apartamentos e portas de igrejas. Depois, fizemos a féria das 3 horas de "trabalho". E, apesar do tempo perdido com a discussão na rua da Carioca, o nosso "mendigo" apurou 96 cruzeiros e 80 centavos, depositados na primeira caixa do Abrigo Cristo Redentor que encontramos.

★

O NOSSO FALSO MENDIGO pedindo esmola em um apartamento. Até as crianças cariocas gostam de ajudar os pobres. Assim, depois de 3 horas de «trabalho» a féria foi de Cr$ 96,80.





CARLOS GALHARDO desceu do palco e foi cantar em pleno auditório a sua marcha «Barba Azul».

A RÁDIO BANDEIRANTES É TRI-CAMPEÃ DO CARNAVAL EM SÃO PAULO!

POR TRÊS ANOS CONSECUTIVOS A PRH-9 MANTÉM NA FRENTE O SEU CEPTRO CARNAVALESCO ★ UM DESFILE DE 20 CARTAZES DE PRIMEIRA GRANDEZA COMO SÓ A MAIS POPULAR EMISSORA PAULISTA PODE APRESENTAR

OSCARITO, o maior cômico do Brasil, é uma das grandes atrações da Bandeirantes. Reviveu a famosa «Marcha do Gago» e apresentou «Toureiro Avacalhado», sua criação para 1951



MARLENE, a rainha do rádio, forma no primeiro time dêste carnaval. Sua permanência na Bandeirantes constitui outro sucesso garantido da mais popular emissora paulista.





«VOCALISTAS TROPICAIS», vencedores dos últimos carnavais com «Jacarepaguá» e «Daqui não Saio».



JOÃO DIAS, «prata de casa». E' um dos grandes cartazes do rádio paulista. Brilha neste carnaval com o seu repertório e ainda com músicas de Francisco Alves.



BLACKOUT foi a São Paulo para contar aos paulistas a história de Adão e Eva com o seu sucesso «Papai Adão».

TODOS sabem em São Paulo, quando chega o Carnaval, que nenhuma outra emissora pode tirar o cetro da Bandeirantes, que há três anos decidiu realizar no setor carnavalesco algo absolutamente insuperável. E, diga-se de passagem, nesse assunto ninguém pode levar a melhor à PRH-9. Há três principais razões para que um tão extraordinário acontecimento se repita seguidamente na Rádio Bandeirantes. Em primeiro lugar

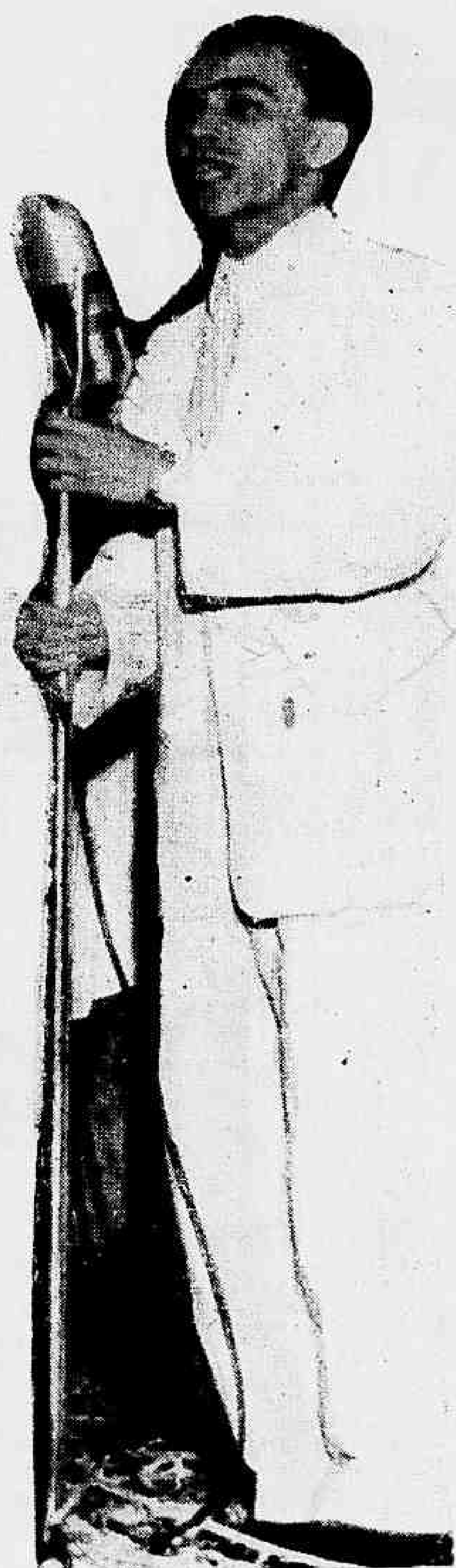


FRANCISCO ALVES, S.M. o Rei da Voz, fez uma temporada de 3 meses na PRH-9. No último mês entrou no carnaval de corpo e alma, gritando: «Lily, Bota o Retrato do Velho!»

estão os astros que atuam no glorioso microfone paulista. Todos os nomes culminantes do carnaval passam pela onda da emissora da rua Paula Souza. Assim é que, êste ano, nos 980 kilociclos, os líderes do carnaval levaram a sua grande contribuição para dar a São Paulo e aos ouvintes da Bandeirantes todos os grandes sucessos de 1951. São êles: Francisco Alves, Carlos Galhardo, Emilinha Borba, Oscarito, Marlene, Dalva de Oliveira, Francisco Carlos, Blackout, Gilberto Milfon, Vocalistas Tropicais, Anjos do Inferno, João Dias, Titulares do Ritmo, Wilson Roberto, Diva Camargo, Lino Braga, Mires de Oliveira, Hélio Sindô, etc., com a famosa orquestra de Sílvio Mazzuca e a popular Escola de Samba Iperoy.

O segundo grande motivo dêsse sucesso por três anos repetidos é o cuidado da programação, a cargo de Murilo Leite, o grande incentivador do carnaval paulista.

Em seguida, temos êste ano a participação do anunciante a criar a melhor atmosfera carnavalesca do rádio. Serpentinas e confetes esparramam-se pelo auditório da H-9, numa alegria contagiante, promovida pelo Vinho Salton, o generoso vinho do Brasil

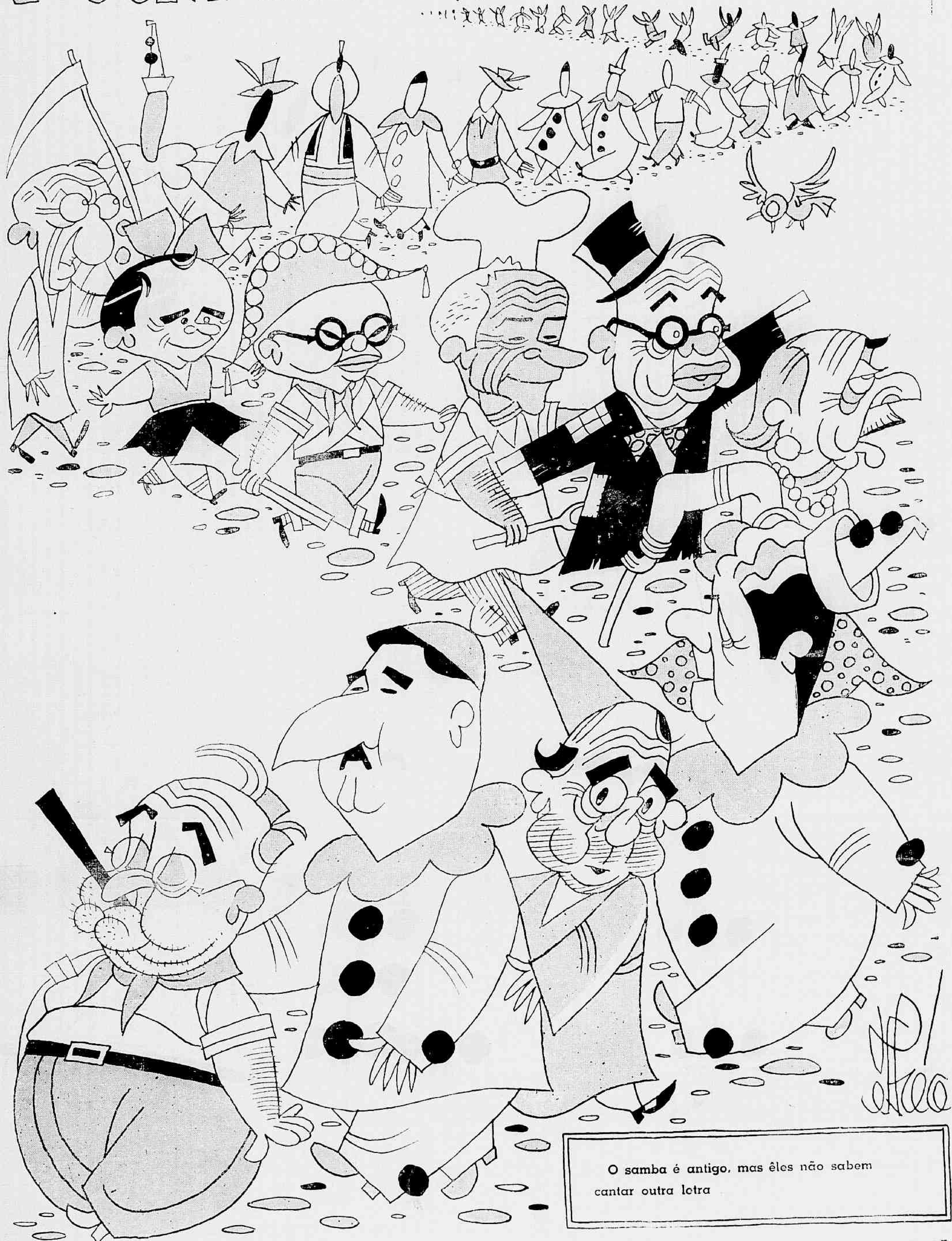


GILBERTO MILFON pela segunda vez foi a São Paulo. Ambas as vêzes foi apresentado pela Bandeirantes. Dois sucessos

TRÊS ASPECTOS do já famoso Carnaval Bandeirantes. No primeiro plano, Emilinha e Francisco Carlos e, no segundo plano, à esquerda, os Titulares do Ritmo, e, à direita, Emilinha Borba, Francisco Carlos e João Dias.



E'COM ESSE QUE EU VOU!...



O samba é antigo, mas êles não sabem cantar outra letra

QUANDO O SEU CORAÇÃO DIZ: "SIM"...



...um novo e auspicioso futuro surge em sua vida. Mas os atrativos que lhe deram essa alegre perspectiva devem ser preservados, pois pequeninos descuidos podem alterar o destino de uma mulher.

Mantenha a beleza do seu rosto e a perfeição de sua cutis, com o uso diário de Leite de Rosas, o mais eficiente colaborador no embelezamento feminino. Torne mais fácil o caminho para a felicidade, dando o «sim», também, ao programa de beleza que lhe sugere Leite de Rosas!



LEITE DE ROSAS

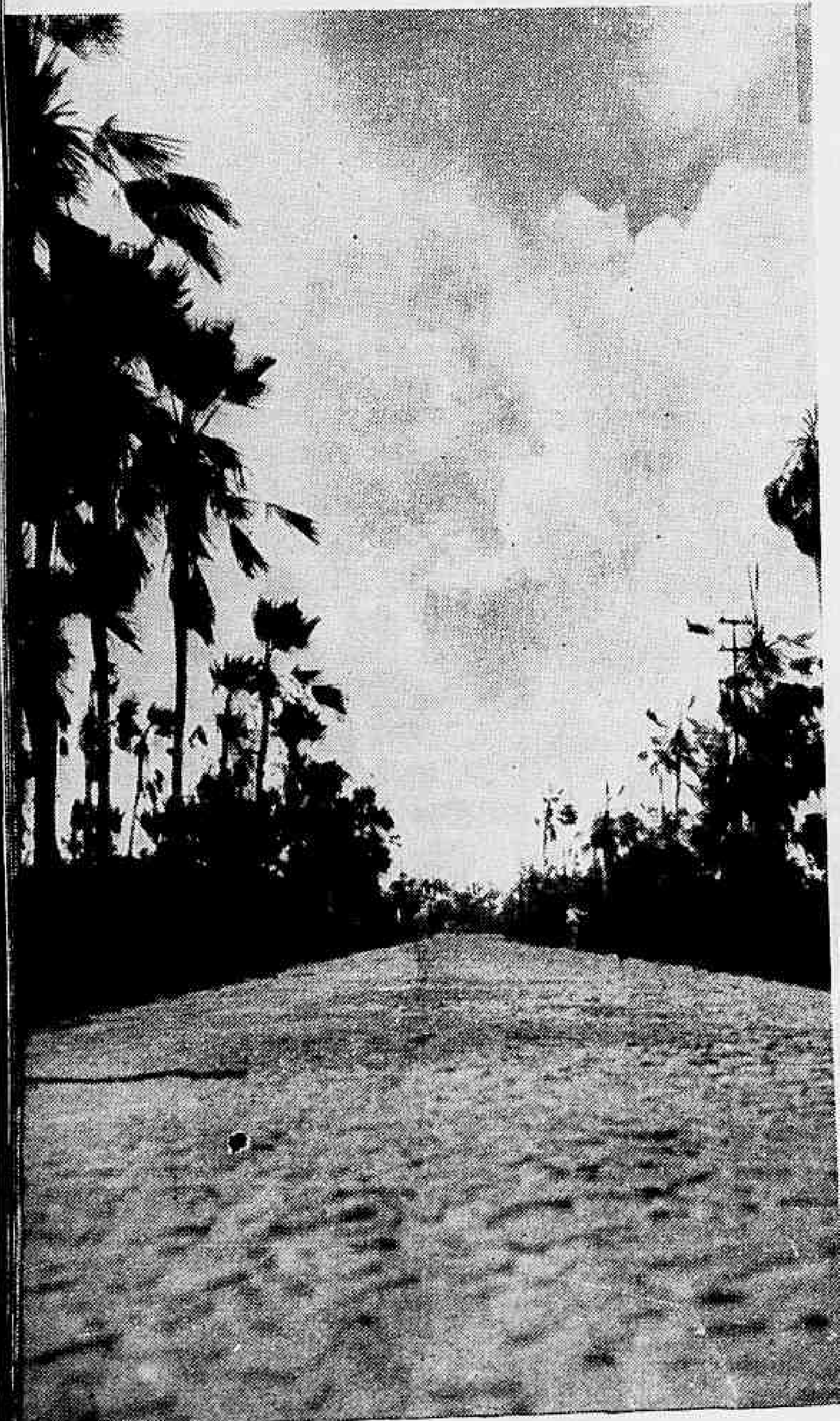
LAB. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA S. LUÍS GONZAGA, A e B
TELEFONE: 48 7660 — RIO

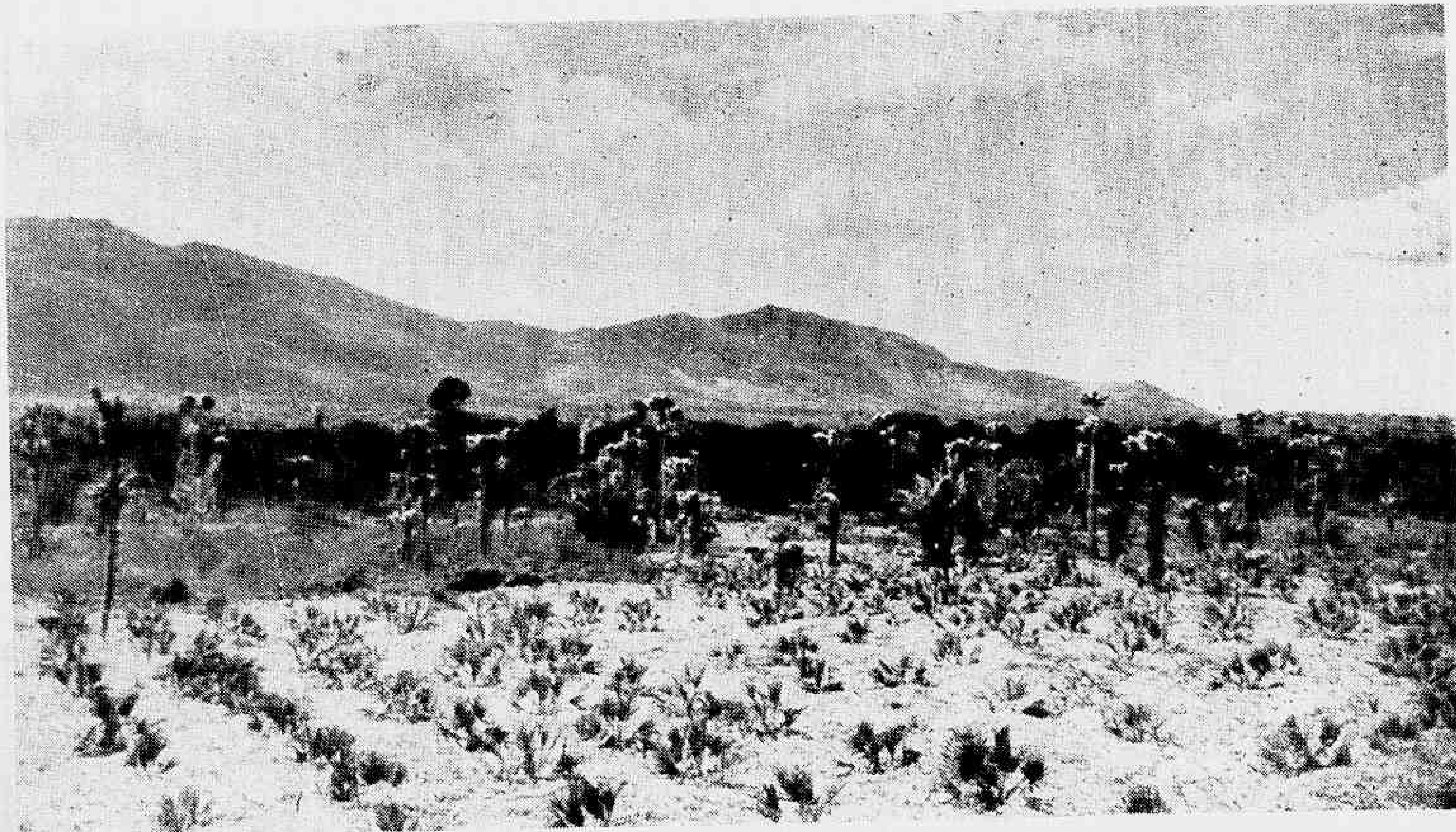


CONTRASTE
Ao lado da casa humilde do camponês — a riqueza do dono do carnaubal, com seus leques, enfeitando o panorama e sendo uma das preciosas e escassas vegetações do Ceará.

★

PAISAGEM
Não fôsse os carnaubais extensos e esguios, e o interior do Ceará pareceria um enorme deserto temporário. Essa plantação quebra a monotonia da paisagem e lhe dá encantos.





AMANHÃ
Estas, amanhã, também darão cêra. Os carnaubais guardam e alimentam a esperança dos homens que vivem da cêra, a maior fonte de riqueza do Estado. E sua produção tende a aumentar sempre.

CARNAÚBA - A PRINCIPAL

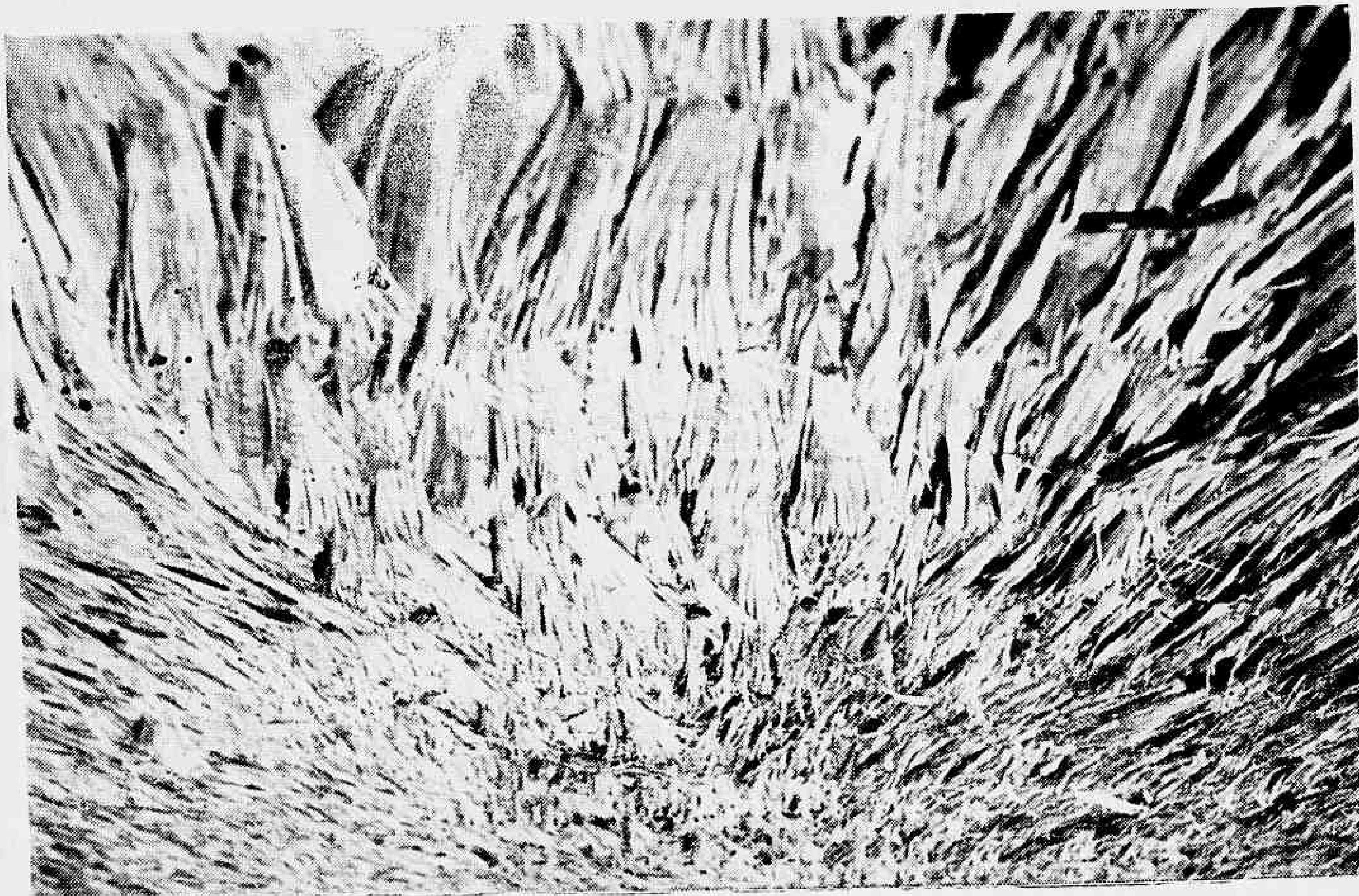
5.689.796 QUILOS, A SAFRA DE 1949-50 ★ PERCORREMOS AINDA O SÉCULO PASSADO QUANTO À EXTRAÇÃO DA CÊRA ★ DESCASO DO GOVÊRNO ★ ÊSTE ANO, OITO MILHÕES DE QUILOS, QUE CORRESPONDERÃO AOS CINQUENTA POR CENTO DA PRODUÇÃO NACIONAL.

(Texto de CIRO COLARES)

QUEM viaja pelo interior do Ceará nesta quente época de princípio de ano, quando as caatingas e as chapadas ardem durante as horas do dia, pode exagerar um pouco e dizer que tôda a Terra Sêca seria um grande deserto temporário, não fôsse os carnaubais extensos e esguios, com seus leques de palha. Realmente, a vegetação cearense é das mais escassas, principalmente nos meses de céu limpo e de chão ressequido, havendo tentativa de fôlhas verdes sòmente nos raros e resistentes pés de joàzeiro. Mas, existem os carnaubais parados, sentinelas naturais do Nordeste, onde está a presença dos homens que vivem da cêra, a maior fonte de riqueza do Estado.

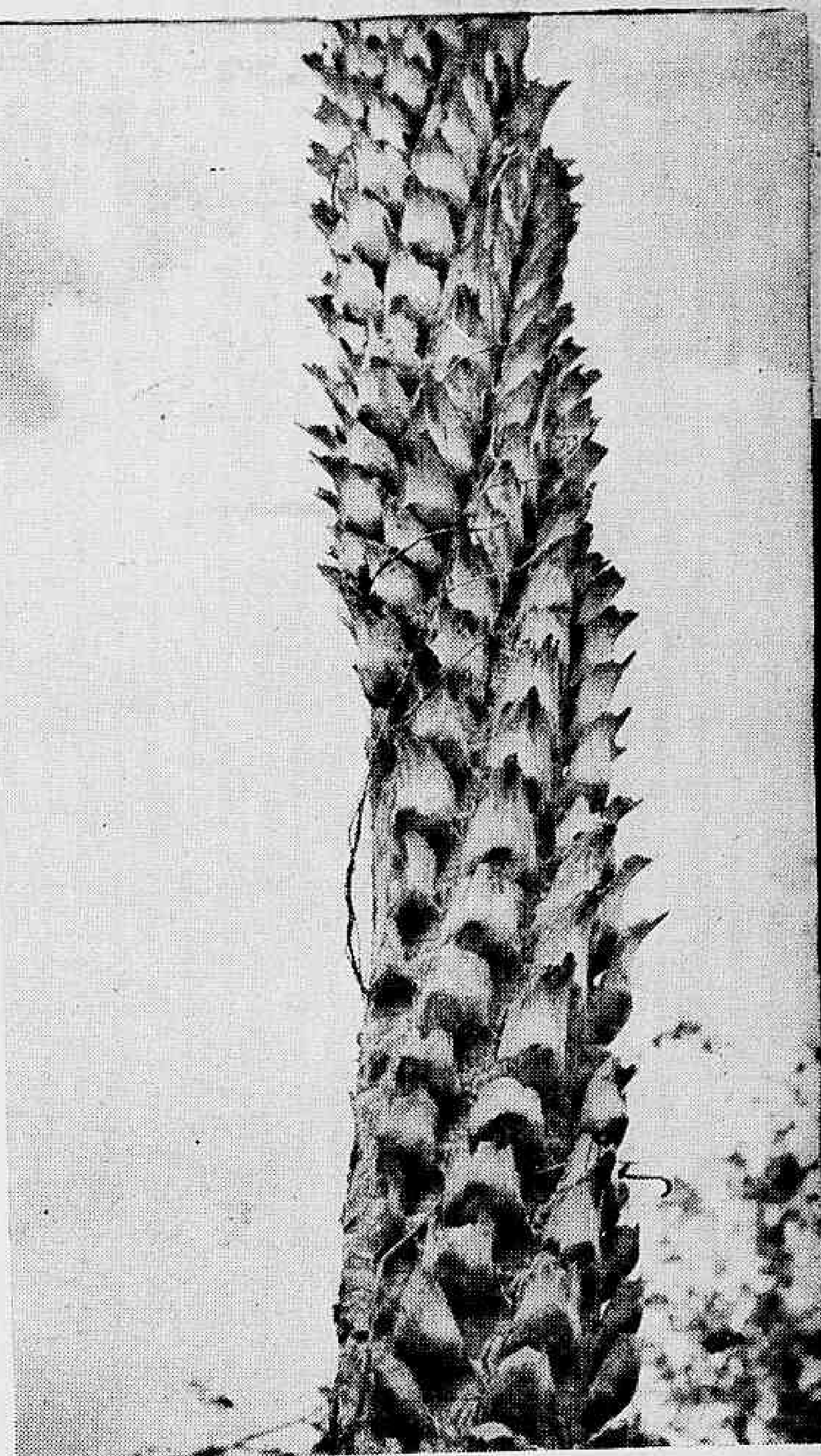
O Ceará, conforme se vem verificando todos os anos, isto desde quando se começou, entre nós, a exploração desta árvore nativa, é o Estado da Federação que mais há concorrido para a maior produção da cêra de carnaúba, êste elemento exclusivamente brasileiro. A Paraíba, o Piauí, o Rio Grande do Norte, Pernambuco e o Maranhão, que se colocam no Nordeste, também, como apreciáveis produtores do pó de palha, concorrem, todos juntos, apenas com a metade da nossa cêra anual, cabendo ao Ceará, o que é bastante apreciável, uma colaboração que chega a alcançar os cinqüenta por cento do volume nacional. Isto vem acontecendo de maneira normal, desde as primeiras safras até as atuais,

AS PALHAS
As palhas estão a secar. Embora outros Estados — Paraíba, Piauí, Pernambuco, etc. — também produzam carnaúba, é no Ceará que a cultura mais rende, num total de cinquenta por cento do total.





A COLHEITA
O filho do sertanejo, uma a uma, vai apanhando as fôlhas. Essas crianças desde cedo começam a dar seu auxílio, numa colaboração preciosa, e a colheita das fôlhas dá muita economia.



RIQUEZA
A principal fonte da riqueza do Ceará está nessa palmeira de escamas, que o brasileiro do sul na maioria desconhece. Percorrendo o «hinterland» cearense, surgem aos milhares.

FONTE DE RIQUEZA DO CEARÁ

sendo o Ceará, desta maneira, recompensado muito bem pelas suas calamidades climatéricas com a sua enorme e valorosa produção de cêra de carnaúba, o ouro mole do Brasil.

A safra de 1949-50, por exemplo, uma das mais vultosas levantadas nestes últimos anos, alcançou os 5.689.796 quilos, cuja exportação, por cabotagem e além-mar, foi de 1.433.796 e 4.256.000, respectivamente. Êste elevado número de quilos de cêra, que foi classificado desde o tipo 1 ao tipo 5, incluindo-se, ainda, uma pequena quantidade dada como baixo padrão, foi colhida quase tôda nas três principais zonas produtoras do Estado, que são a Jaguaribana, a Litorânea e a Norte, abrangendo a primeira, os municípios de Aracati, Jaguaruana, Russas, Limoeiro do Norte e Morada Nova; a segunda, os municípios de Cascável, Aquiraz, Fortaleza, Caucaia, Anacetaba e Acaraú; e a terceira, os municípios de Sobral, Licânia, Massapê, Coreaú, Cariré e Reriutaba. Assim foi que o ano 1949-50, teve a seguinte classificação: tipo 1, 946.855 quilos; tipo 2, 40.768; tipo 3, 175.903; tipo 4, 3.898.440; tipo 5, 386.113; a baixo padrão, 1.092 quilos e, finalmente, pó de cêra, 87.290 quilos.

PERCORREMOS AINDA O SÉCULO PASSADO

À primeira vista, parece ter sido pequeno o volume de cêra de carnaúba produzido na última safra do Ceará. No entanto, não o é, uma vez que são ainda bastante rudimentares os processos que se levam a efeito nos nossos carnaubais, advindo daí a lentidão dos trabalhos e a perda enorme do pó por ocasião das "batidas". Para extrair-se a cêra de carnaúba ainda percorremos o século passado, quando o homem cortava as fôlhas dos carnaubais com a foice à ponta da vara longa. Hoje, o mesmo acontece. Os tachos são idênticos ainda, havendo produtores que utilizam, no lugar dos tachos grandes, latas de querozene para o derretimento do pó. E, para ser coado o mel produzido, ainda se usam panos torcidos a mão, pequenos e rudimentares, iguais, às vêzes, aos que se manejam nas cozinhas familiares, os escassos e típicos panos de café... Daí podermos afirmar que, fôssemos mais bem aparelhados, e a nossa produção de cêra anual seria bem maior, pois estão a atestar isto os enormes e viçosos carnaubais não só do Ceará mas de todo o Nordeste do Brasil. Percorram-se as nossas es-

★

O BERÇO
Neste tronco de árvores nasceu a carnaubeira, que mais tarde produzirá bastante cêra. Mas ainda existem poucas fábricas de beneficiamento no Estado, talvez dez.



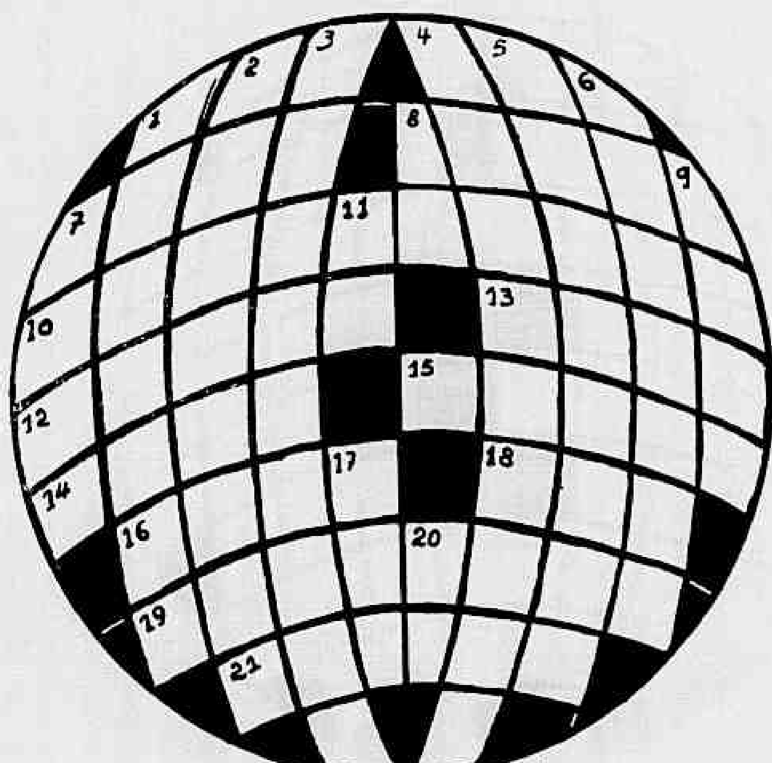
COANDO
Coando café? Não; coando o pó da cêra derretida, o pó de palha. Os processos adotados nos carnaubais, para êsse trabalho ainda rudimentar daí advindo a lentidão das colheitas.



PALAVRAS CRUSADAS

PROBLEMA N. 36 -- PARA VETERANOS

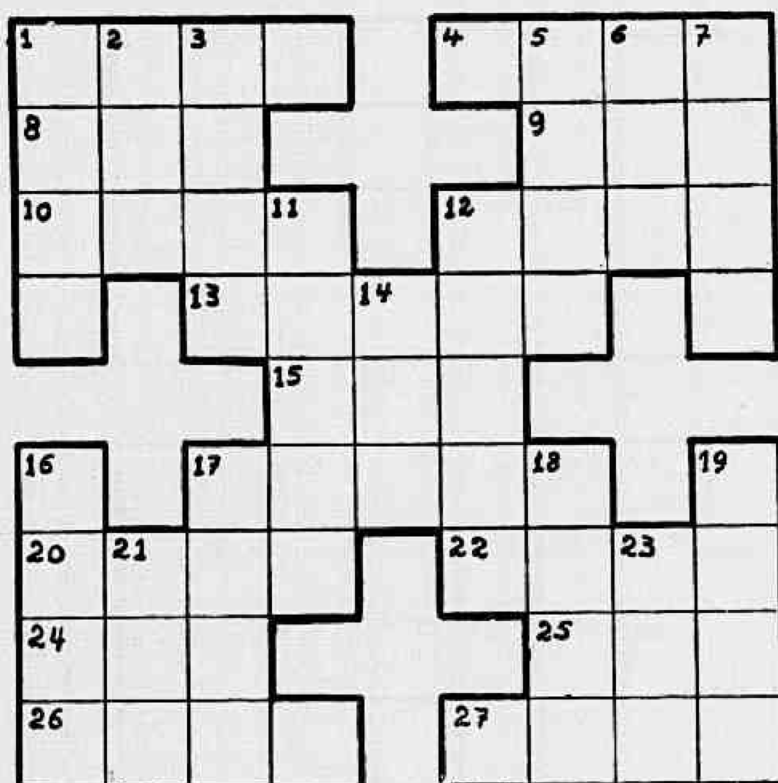
HORIZONTAIS: — 1. Oração que os mouros fazem a Deus ao se deitarem -- 4. Tímbale indú — 7. Enciclopédico -- 8. Limitem — 10. A classe dos funcionários públicos — 12. Trabalho de cavar e joeirar a areia das ostreiras para recolher pérolas ou aljôfar -- 13. Profeta — 14. Corrija — 15. Parolagem — 16. Espuma do leite — 18. Aquilo que existe -- 19. Paralisia — 21. Falta de íris.



VERTICAIS: — 1. Durará muito — 2. Corredeira — 3. Que faz cair o pelo — 4. Vento rijo e contrário à navegação — 5. Bando de lôbos — 6. Aquela que lê — 7. Candiúba (pl.) — 8. Desinência verbal — 9. Borra do vinho (pl.) — 11. Coque 17. Sufixo que indica naturalidade, origem — 20. Símbolo do érbio.

★

PROBLEMA N. 36 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Saliva que escorre da boca — 4. Senhora -- 8. Nome de homem -- 9. Seguiam — 10. Pedaço de louça quebrada — 12. Baú — 13. Alucinar — 15. Escarneces — 17. Malfeito — 20. Rebordo de chapéu (pl.) — 22. Baía — 24. Oceano -- 25. Soberano — 26. Lavrar — 27. Perversos.

VERTICAIS: — 1. Caixão para lavagem do diamante — 2. Pedra do altar — 3. Ponta — 5. Gemer — 6. Oposto ao bem — 7. Gostar — 11. Naipe de cartas de jogar — 12. Do verbo mascar — 14 — Sorris — 16. Movel do quarto de dormir — 17. Defeito físico ou moral — 18. Trabalho manual — 19. Tombais — 21. Café, botequim — 23. O acusado.

★

Soluções dos Problemas do número anterior:

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Trabalhar — Cl — Cb — óctuplo — Anão — Iara — Atazana — Ur — Di — Itaberaba.

VERTICAIS: — Argonauta — Cá — Coboraiba — Alcatra — Holanda — Toa — Pia — Eu.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Acume — Itã — Aca — Ocimo — Nua — Are — Era — Viela — Urano — Abacaxi — Cuira — Inato — Apá — Amt — Abo — Umauá — Urí — Bis — Égrio.

VERTICAIS: — Acacú — Amame — Ato — Eco — Bué — Iracema — Ura — Nigua — Alara — Erina — Anato — Aba — Uxi — Ipú — Aba — Amigo — Tubis — Ure — Aió.

★

Colaborações e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



RUMO AO TRABALHO

Esta família tìpicamente vestida, vai daqui para o carnaubal e nêle aplicará o melhor de suas energias durante o dia inteiro. Marido, mulher sogra e filhos, todos dão seu esfôrço.

tradas, que por sinal são mal cuidadas e de difícil transitagem, e o que se vê é todo o "hinterland" cearense crivado de carnaubeiras, isto acontecendo em tôdas as direções do Estado.

Outra deficiência da nossa produção de cêra de carnaúba é, não há negar, o pequeno número das fábricas de beneficiamento existentes no Ceará. Possuímos apenas dez, sendo que oito funcionam em Fortaleza, uma em Joazeiro do Norte e outra em Russas, quando deveriamos ter três ou quatro em cada zona produtora e, na capital, o duplo das já existentes. Além disto, os donos de carnaubais não contam ainda com o apoio integral do Govêrno, nem mesmo no que se refere ao financiamento da cêra de carnaúba. Não podemos encontrar explicação para tal, ainda mais quando sabemos que êste produto, que é uma das maiores fontes de riqueza do Nordeste brasileiro e principalmente do Ceará, é exclusivo do Brasil. Por que, então, êste grande descaso, quando poderiamos ter em maior escala de produção esta valorosa fonte de riqueza do país?

SERÁ DE OITO MILHÕES DE QUILOS A PRODUÇÃO DE 1950-51

De acôrdo com dados estatísticos do Departamento de Economia Agrícola do Estado do Ceará, a safra que se está levantando êste ano dos nossos carnaubais vai ultrapassar, em muito, à de 1949-50. Tudo indica que a produção de 1950-51 chegará quase aos oito milhões de quilos de cêra de carnauba, o que é realmente apreciável, principalmente se tomarmos por base as colheitas de há 30 anos passados, quando quase nada produziamos em relação ao volume dos últimos anos. Em 1920, por exemplo, tivemos 1.622.833 quilos de cêra; em 1921, quase o mesmo foi colhido, com um aumento apenas de duzentos mil quilos. Em 1922, produzimos menos do que os dois anos anteriores; em 1923, aconteceu quase o mesmo, sendo que em 1924 chegamos a exportar 2.094.768 quilos. Em 1925, a produção foi quase a mesma, aumentando em 1926 para 3.074.043, decaindo no ano seguinte. De 1930 até 1940, as safras melhoraram bastante, havendo ano em que produzimos quase cinco milhões de quilos. De 1941 até o presente ano, a produção tem crescido gradativamente, de ano para ano. E, na presente safra, como tudo está a indicar, chegaremos a produzir, sem otimismo exagerado, oito milhões de quilos de cêra de carnaúba. Êste volume será, portanto, os cinqüenta por cento da produção nacional.

O TACHO

Nêste tacho ferve a cêra. Para ser coado o mel produzido, ainda se usam panos torcidos à mão, pequenos e rudimentares, iguais aos que se manejam nas cazinhas — panos de café...



A HERANÇA DE UMA GUERRA

O jovem ex-expedicionario Edua do Nunes recostou-se na cadeira de vime; sua fisionomia austera espelhava uma tristeza imensa e os sulcos que lhe delineavam a face refletiam uma existência repleta de sofrimentos e de dor. Seu olhar vago e inquieto desnudou o horizonte e perdeu-se no passado. As recordações fervilhavam-lhe na mente e abrasavam-lhe a imaginação. Repisavam-lhe o pensamento uma seqüência desordenada de fatos diversos, e ao lembrar-se de como sua vida havia se transformado naqueles últimos anos, um sorriso pálido brotou-lhe nos lábios. Levou o cigarro à bôca e nas asas da imaginação voou àquela humilde cidade do interior de Minas, onde tinha vivido os dias claros de sua mocidade. Recordou-se dos momentos felizes que ai vivera, de sua alegria contagiante e de seu amor à vida, e da amizade que dedicava a três entes queridos: D. Ana, sua mãe, Cláudio, seu irmão, e Lena, sua noiva.

Nada mais êle almejava na vida; sentia-se imensamente feliz, vivendo pacatamente naquele recanto distante, adorando sua velha mãezinha e seu irmão querido e amando loucamente sua noiva jovem e linda. A felicidade bafejava sôbre êle e sua existência era um paraiso em flor.

Mas... viera a guerra! Esta mesma guerra que tem roubado milhares de vida, que tem ceifado felicidades e destruido lares, que tem semeado desgraça e desespêro, que tem espalhado fome, lágrimas e destruição, viera buscá-lo; viera arrancá-lo do convivio dos seus e decepar-lhe a felicidade.

E êle partiu para a Itália! Nos campos de luta, logo se distinguiu pela bravura impar com que enfrentava os perigos. Seu espirito estava sedento de aventuras e não se habituava, por isso mesmo, a ficar inativo; eis por que buscava, as missões mais dificeis para dar vasão à vitalidade que o seu corpo irradiava; preocupando-se com tarefas árduas nas batalhas, êle visava apagar um pouco de sua mente a lembrança tormentosa dos entes queridos que havia deixado tão distante.

A saudade torturava-o horrivelmente, mas a formação de sua personalidade gritava-lhe que naquele momento qualquer sentimento daquela espécie seria uma fraqueza imperdoável, e por isso, dissimulava seus sentimentos, aparentando uma despreocupação e um desprendimento que êle, na realidade estava longe de possuir.

As suas horas de folga passava-as escrevendo para os seus, ou estirado em sua cama revivendo os momentos felizes vividos lá em Minas; vinha-lhe à mente a figura simpática da velha mãezinha, arcada com o pêso dos anos, a cabeleira branca, qual um floco de algodão, contrastando com o invariável traje prêto que ostentava; o irmão amigo, sempre alegre e jovial, celibatário irredutivel, com seus trinta e cinco anos, estatura elevada, e trazendo sempre nos lábios um sorriso franco e sincero; e por fim, a noiva amada, linda qual uma deusa, com seus cabelos loiros e olhos azuis.

Tôda a sua vida, direta ou indiretamente, estava relacionada com aquêles três personagens; Eduardo dedicava tôda a sua existência a êles e repartia entre êles o grande amor que brotava de seu coração. A distância apenas fazia aumentar aqueles nobres sentimentos, e o soldado sentia-se feliz em acalentar a certeza de que três pensamentos estavam constantemente voltados para êle.

A vida encerra muitos caprichos; às vêzes, as maiores felicidades são apenas um manto que serve para ocultar as grandes desgraças. Era isso o que acontecia com Eduardo; embora distante de seu mundo, êle, por vêzes, sentia-se feliz, pois estava lutando por sua Pátria e pelo bem-estar da humanidade, e sabia-se amado e adorado imensamente. E não se poderia negar que isso fôsse uma felicidade!

No entanto, longe êle estava de imaginar as terriveis nuvens negras que em breve iriam desabar sôbre a sua cabeça, enegrecendo-lhe a vida!

E' que nesta época, recebera, quase simultâneamente, duas noticias profundamente desastrosas para êle: a primeira, era um telegrama de Cláudio, avisando-o do falecimento repentino de sua mãe, vitimada por um colapso cardiaco; a segunda, uma longa carta de Lena, repleta de coisas fúteis e motivos vagos, na qual ela invocava razões infantis e ao mesmo tempo revoltantes, e terminava por propor-lhe o rompimento do noivado!

O desespêro que se apossou dêle foi indescritivel! Os choques que recebera foram tão profundos, que chegou a pensar que estivesse em algum pesadelo. Não poderia pensar que duas desgraças imensas assim pudessem atingi-lo conjuntamente. Sua velha mãezinha, ah! sua mãezinha! Por que Deus a teria levado assim tão depressa! Não, não era possivel, êle precisava dela! Sua mãe era quase que tudo para êle: era a sua própria vida!

E Lena? Eduardo sentiu-se colérico ao ler a sua carta. Como era possivel que tanto fingimento e tanta falsidade pudessem se aglomerar em uma só pessoa! O cinismo daquelas afirmativas mentirosas provocaram-lhe um sentimento de desprêzo e só serviram para irritá-lo mais. Mas, por que ela fizera aquilo? Por que? E aquelas juras de amor que haviam trocado? E os momentos felizes que tinham passado juntos? E os seus sonhos, e os seus castelos de areia? Tudo, tudo ruira sob o pêso de uma imaginação doentia!

O soldado não pensou em se defender. Lena devia conhecê-lo bastante, e saber serem falsas aquelas acusações. Aquela carta escondia o seu verdadeiro objetivo. Porém, êle atinou logo com a intenção de Lena: ela não o amava, e aproveitando a sua ausência, forçou um motivo vago para evitar uma união que não poderia trazer-lhe a felicidade.

Êle compreendeu, mas não a perdoou pela sua insinceridade.

Odiou-a então, e mais ainda porque Lena teimava em não lhe sair da mente, e êle precisa pensar em sua querida mãezinha.

Correu à sua barraca e atirou-se à cama. Abafou na garganta um grito de desespêro e lutou com tôdas as suas fôrças para conter o pranto que teimava em converter-se em lágrimas.

— Meu Deus — chamou êle — que fiz eu para sofrer tanto assim! Por que me abandona desta maneira? Meu Deus! Meu Deus!

E entre soluços de dor, adormeceu profundamente.

Ao acordar, ao cair da tarde, profundamente abatido e com a dor estampada na face, soube que estava sendo organizada uma patrulha, para uma missão perigosissima, a ser realizada naquela mesma noite.

Eduardo achou ótima a ocasião para esquecer um pouco os seus tormentos; apresentou-se voluntàriamente para esta tarefa, porém, seu comandante, conhecedor da situação que afligia o bravo soldado, não quis inclui-lo na relação dos que tomariam parte naquela missão, e só concordando em fazê-lo devido à insistência com que foi solicitado.

Assim como há pessoas que nascem predestinadas à felicidade, há também as que vêm ao mundo apenas para sofrer, vivendo uma eternidade de martirios e de dor. Não se pode dizer que a vida de Eduardo fôsse um rosário de sofrimentos; sua existência, fôra, até pouco tempo, uma série interminável de risos e de flores; porém, uma metamorfose impressionante operara-se em seu viver; o destino abandonou-lhe completamente, e a sua boa estrêla ofuscou-se de maneira imprevista.

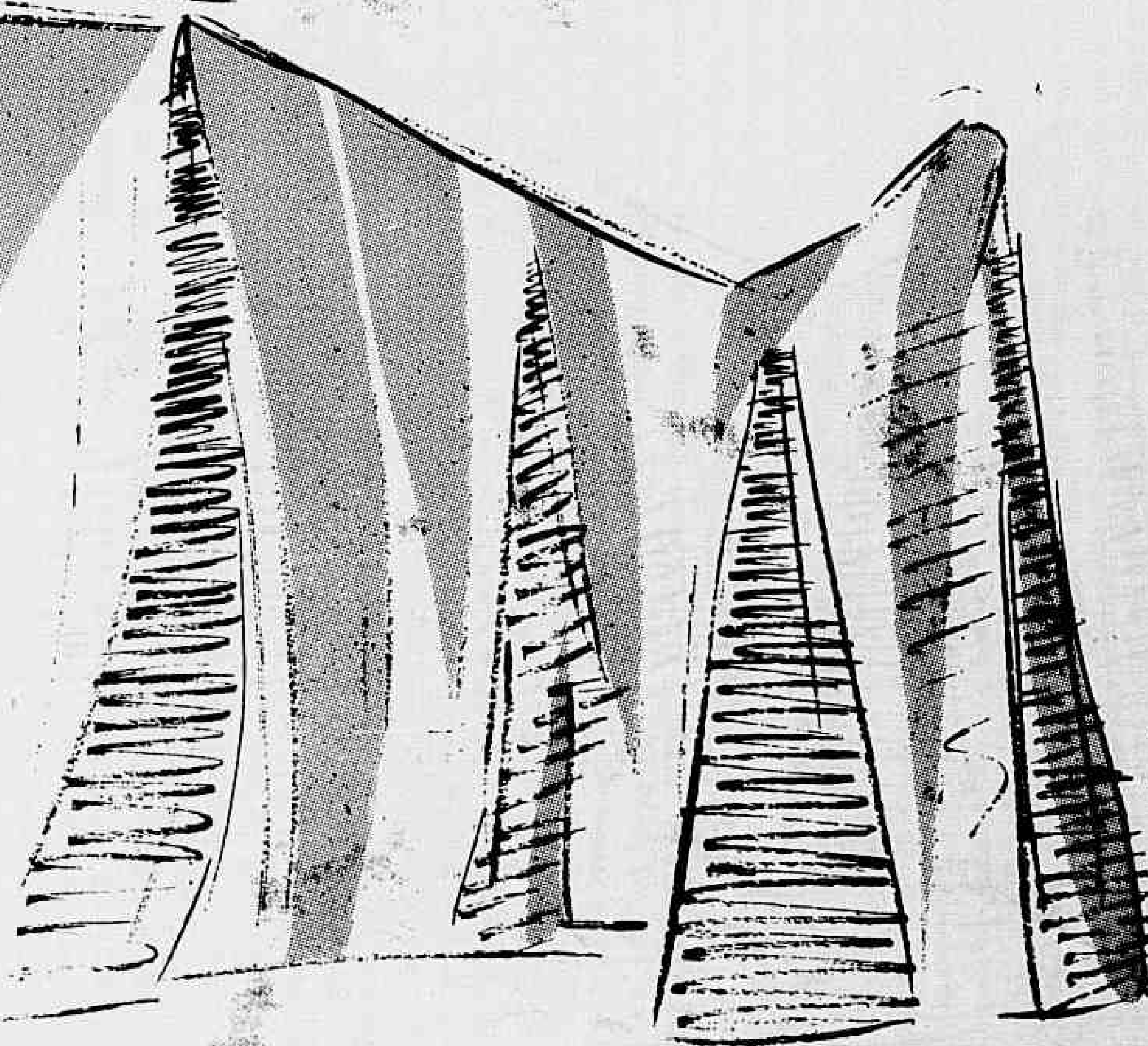
Fazendo parte da patrulha, ainda uma vez a má sorte o perseguiu; caminhando na vanguarda, sob a forte impressão que os acontecimentos daquele dia tinham-lhe produzido, não conseguiu divisar dois soldados alemães que, protegidos pelas trevas, aguardavam pacientemente o momento propicio para aniquilar tôda a patrulha brasileira. Eduardo, talvez influenciado pelo nervosismo que o estava devorando, fêz um movimento brusco, e lançou-se à frente, oferecendo-se como um alvo magnifico ao inimigo: a metralhadora apa-

(*Cont. na pág.* 44)

CONTO HENRIQUE AMORIM FILHO

ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO DA CUNHA





UM PÉ NO BRASIL, OUTRO NA ARGENTINA

A PONTE INTERNACIONAL E A BOA VISINHANÇA DE URUGUAIANA COM PASO DE LOS LIBRES ★ A INDÚSTRIA DAS "CHIBEIRAS" E O COMÉRCIO DAS "BOLICHEIRAS" ★ MULHERES DE CHARUTO E MÚSCULOS "PARAÍBANOS" ★ A VIGILÂNCIA É MAIS RIGOROSA NA MARGEM ARGENTINA ★ SAN MARTIN EM URUGUAIANA, CAXIAS EM LOS LIBRES ★ HORÁRIOS DIFERENTES ★ "VAMOS TOMAR UMA CERVEJINHA GELADA DO OUTRO LADO?" ★ UM QUARTO SEM VENTILAÇÃO, SEM ÁGUA, MAS COM BARATAS... ESCORPIÕES ★ FLAGRANTES PITORESCOS ★ E O RIO QUE DIVIDE OS DOIS POVOS AMIGOS.

Reportagem e fotos de CELESTINO SILVEIRA

QUEM visita Uruguaiana pela primeira vez, não resiste à tentação de ir ver de perto a ponte internacional. E não se contenta em vê-la — quer atravessá-la, seduzido pela novidade de pisar terra estrangeira do lado oposto. Quer ter a sensação de haver deixado o solo nacional. E' tão perto o estrangeiro, para quem está em Uruguaiana, que miuta gente que ali vive, faz a travessia da ponte nos dois sentidos, um sem-número de vêzes por dia. Não por divertimento — mas para satisfazer qualquer interêsse. Vai-se à Argentina como quem, estando na Avenida Rio Branco, toma um ônibus para ir a Copacabana. A viagem é ainda mais rápida, porque a ponte mede um quilômetro e meio, percurso vencido em poucos minutos por veículos de tôda a espécie: desde o automóvel particular e veloz, o coletivo que transporta duas ou três dezenas de passageiros de uma vez, ao carro de tração animal, dirigido pelos rústicos homens da fronteira, que não vivem de outra coisa, levando e trazendo argentinos e brasileiros com as suas respectivas bagagens, submetidas aqui e acolá aos rigores da inspeção aduaneira e à vigilância da polícia imigratória.

A vida dessas duas cidades fronteiriças mistura-se: Do nosso lado, é Uruguaiana, com uma parcela de sua população indo fazer compras além da ponte — do outro, Paso de los Libres, com o seu povo, também interessado pelo que se compra e vende no Brasil. Dizer que só os nossos patrícios se preocupam na aquisição de produtos argentinos, é falso, pois, os portenhos encontram do nosso lado muita coisa útil, por preço inferior àquele por que é vendida na sua terra.

Vai o brasileiro comprar gêneros de primeira necessidade no lado oposto da ponte internacional: trigo, feijão, batata, banha, azeite, queijo, bolachas, arroz, manteiga — e também água de colônia e whiskey. Vem o argentino de Corrientes abastecer-se de produtos de borracha, de madeira e de muitos outros em terras brasileiras.

E' verdade que certas mercadorias podem ser adquiridas em condições mais favoráveis no território argentino. E até mesmo os hotéis são mais bem instalados, servem melhores refeições, a limpeza dos quartos é apurada — e os preços relativamente inferiores. Falamos por experiência própria: ao desembarcar em Uruguaiana, recomendamos ao motorista que nos levasse ao melhor hotel da cidade. Mas, o melhor, pròpriamente, não existe. Vamos procurar o menos indesejável — e está repleto. Por muito favor, encontramos um detestável quarto em um hotel da localidade, em prédio separado. Trata-se de um aposento sem a menor ventilação, situado em rés-do-chão, dando para um jardim interno. Faz calor, um calor bárbaro, e não podemos dormir de janela aberta porque estamos prevenidos contra os amigos do alheio. De janela fechada, sem qualquer respiradouro, temos de passar a noite banhados em suor, na companhia de centenas de baratas que sobem e descem pelas paredes, enormes, asquerosas, quando não ensaiam vôos desastrados de um lado ao outro do quarto. Existe uma pia nesse quarto — mas a torneira está mais sêca que a nossa misera garganta. E para cúmulo do suplício, o vizinho do lado grita para outro do aposento contíguo:

— Ontem matei um "bruto" escorpião". Estou vendo se encontro hoje o companheiro...

E' êsse o "anexo" do hotel que nos dizem ser o melhor de Uruguaiana. Só demasiadamente tarde, sabemos que os viajantes mais experimentados, costumam trocar os hotéis do setor brasileiro pelos do argentino. Da próxima vez, quando voltarmos a Uruguaiana, só nos resta seguir o exemplo. A menos que, então, tenha sido construído um hotel digno dêsse nome, do nosso lado.

★

O confronto entre a nossa e a cidade da nação vizinha tem seus aspectos favoráveis, outros não. Uruguaiana está bem calçada, vê-se que a Municipalidade tem cuidado a sério dos jardins, do nivelamento das ruas, da fisionomia de verdadeira cidade que ali encontramos. Já não acontece o mesmo em Paso de los Libres: suas ruas carecem de calçamento, nuvens de poeira vermelha erguem-se a cada passo, envolvendo veículos e transeuntes, nada convidando a um giro mais prolongado. Um cidadão argentino, a quem somos apresentados, reconhece essa verdade e faz humor:

— Isto deixou de ser Paso de Los Libres para ficar sendo... Paso que Dios me Libre...

Outros afirmam que a província de Corrientes tem ficado no esquecimento pelas autoridades governamentais do seu país. Em compensação, Libres possui comércio de melhor categoria que o de Uruguaiana, a começar por um excelente "bar" e restaurante que é, ao mesmo tempo, estabelecimento de bebidas e comestíveis finos. Nêle se encontra de tudo, a preços convidativos. E o cidadão brasileiro que o visita, depois de servir-se do "copetin" e dos salgados que o acompanham, como se estivesse no mais elegante bar de Buenos Aires, não deixa de adquirir, por moeda argentina equivalente a cinqüenta ou setenta cruzeiros, uma garrafa de whiskey nacional. Há

NA PONTE

Nessas velhas carruagens, mulheres experimentadas na passagem do «chibo»(contrabando), fazem o percurso de cumplicidade com o cocheiro. Lá dentro levam o que podem — farinha, uatatas, banha — que se compram por preço inferior em Paso de los Libres, para vender às «b olicheiras» (compradoras do artigo) em Uruguaiana. Nem sempre o «chibo» consegue passar...





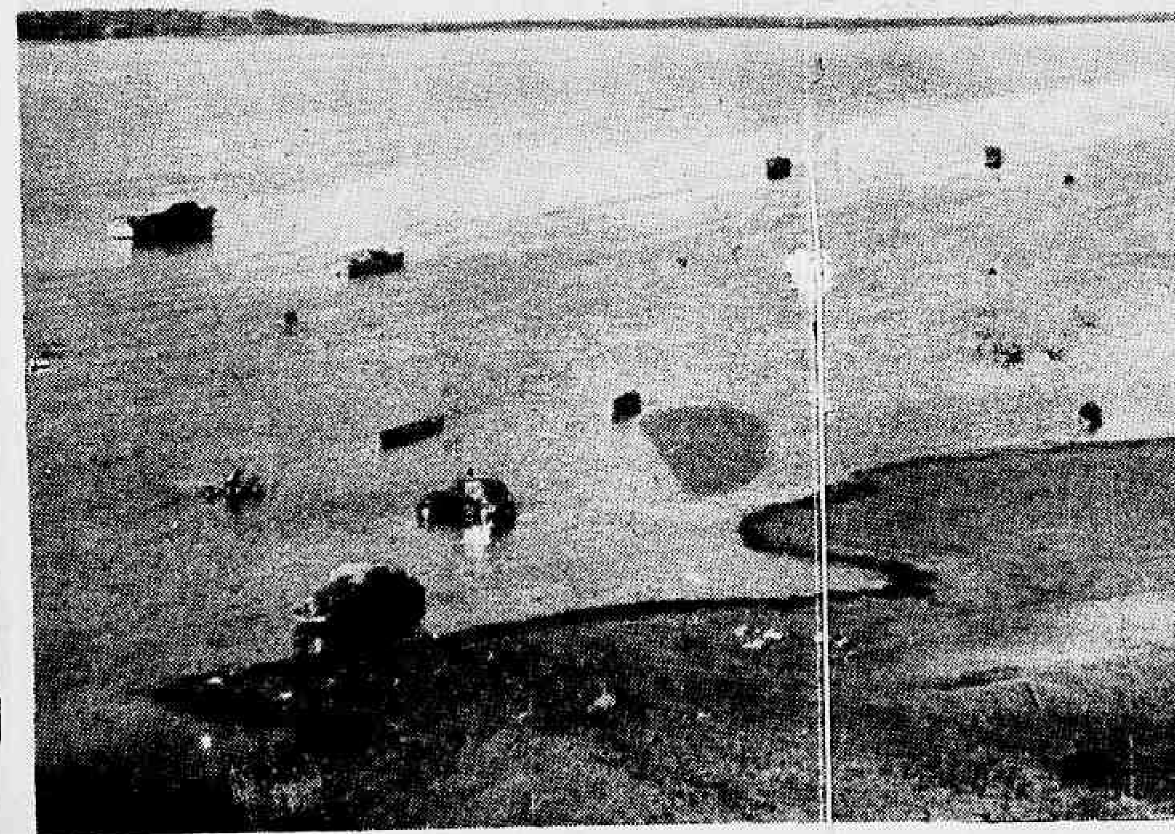
OS "CHIBEIROS" — QUE TRANSPORTAM PEQUENO CONTRABANDO — ATRAVESSAM A PONTE VÁRIAS VÊZES POR DIA. CRUZAM A FRONTEIRA LEVANDO E TRAZENDO AQUILO QUE CONSEGUEM, LUDIBRIANDO A VIGILÂNCIA DOS GUARDAS...



A "BOLICHEIPA"

Livre e desembaraçado o «chibo» dos guardas brasileiros e dos rigorosos gendarmes argentinos, o material comprado pelas «bolicheiras» é vendido em mercadinhos improvisados alí mesmo.

UM PÉ NO BRASIL, OUTRO NA

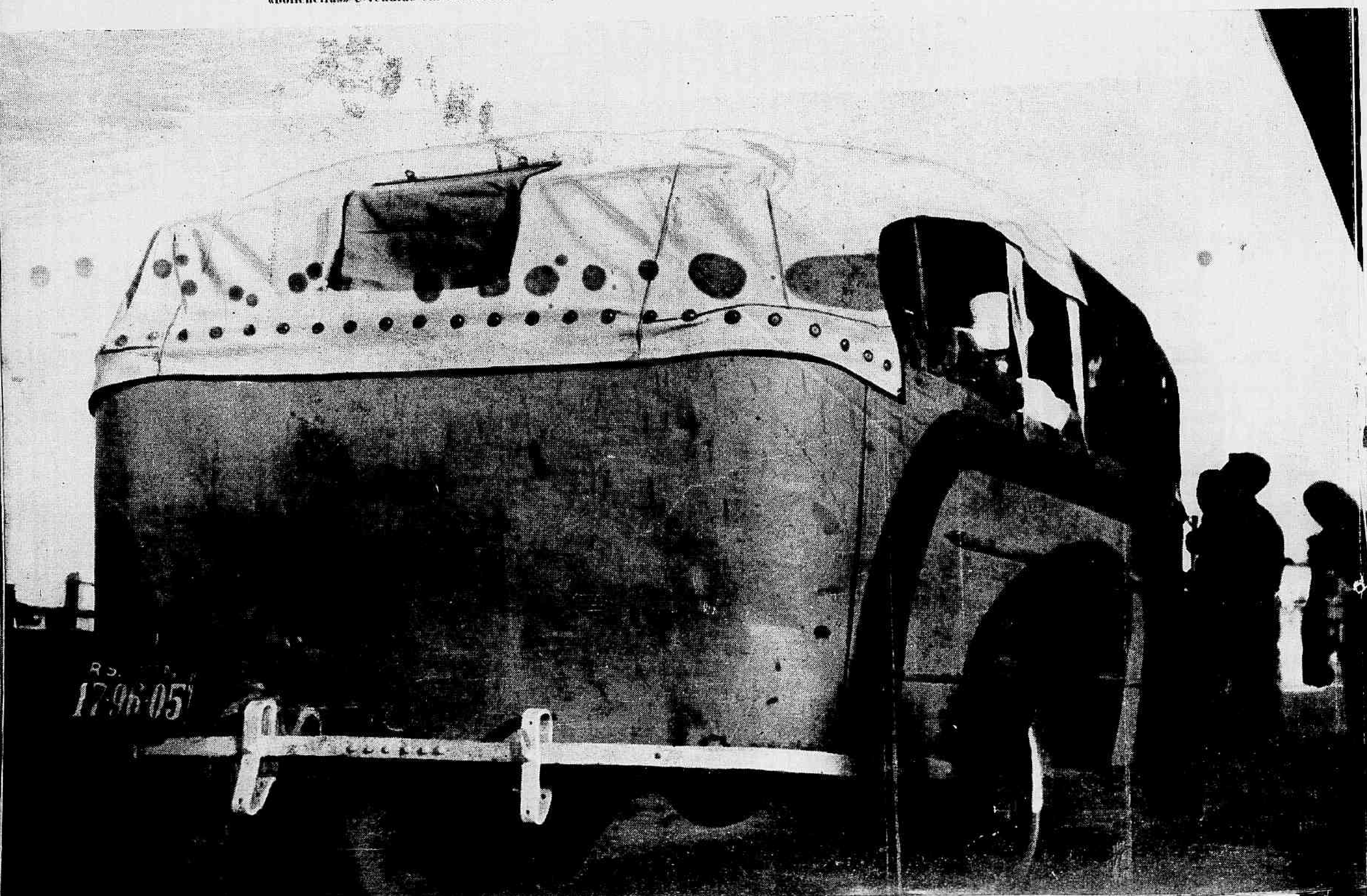


BANHO NO RIO

Êste flagrante foi obtido do alto da ponte, deixando ver carros ao sere
também lanchas e outros pequenos barcos que atravessam a d

NOS COLETIVOS

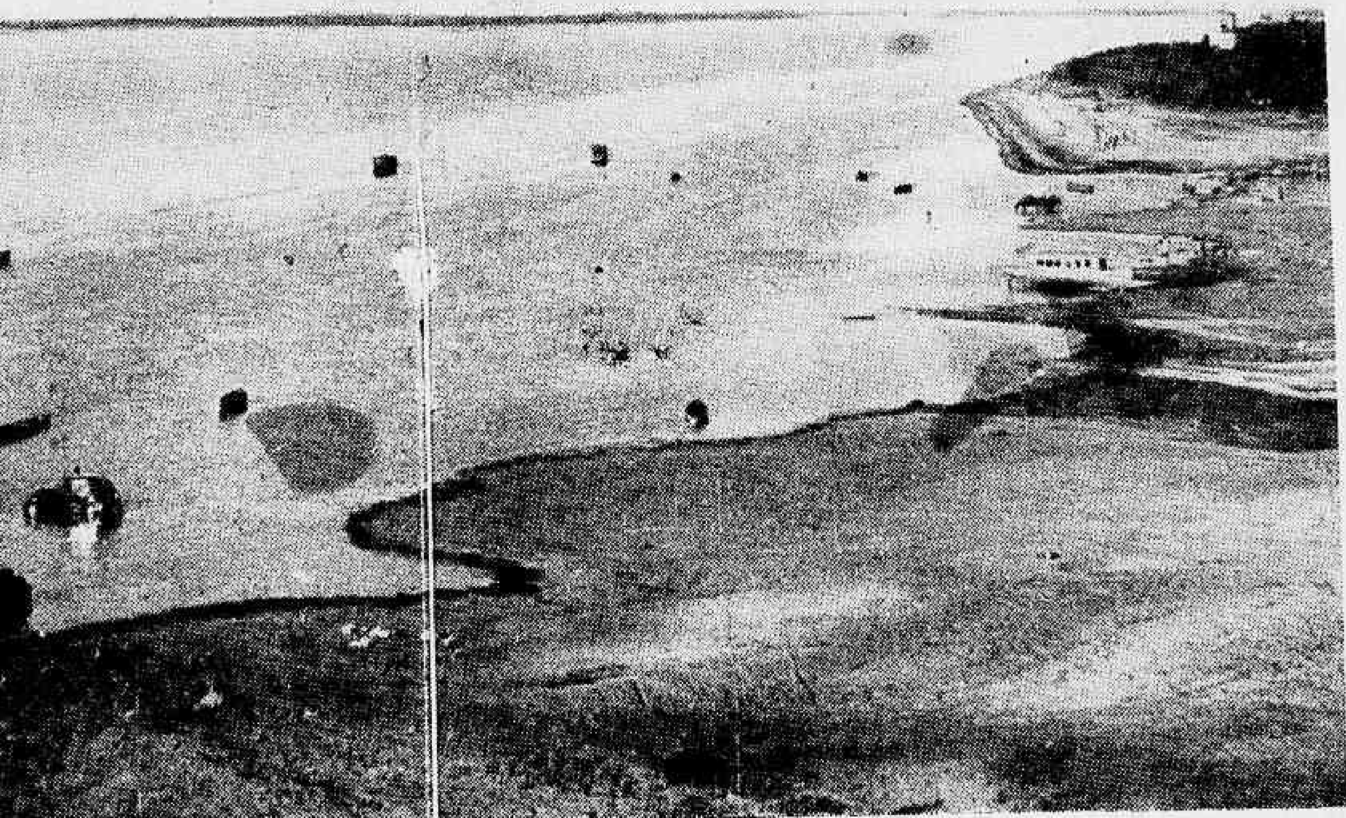
Em horas de maior movimento, ônibus e coletivos de tôda espécie são utilisados. Por um pêso e cinqüenta (Cr$ 2,50), gente do povo vai de uma extremidade à outra da ponte.



— "QU

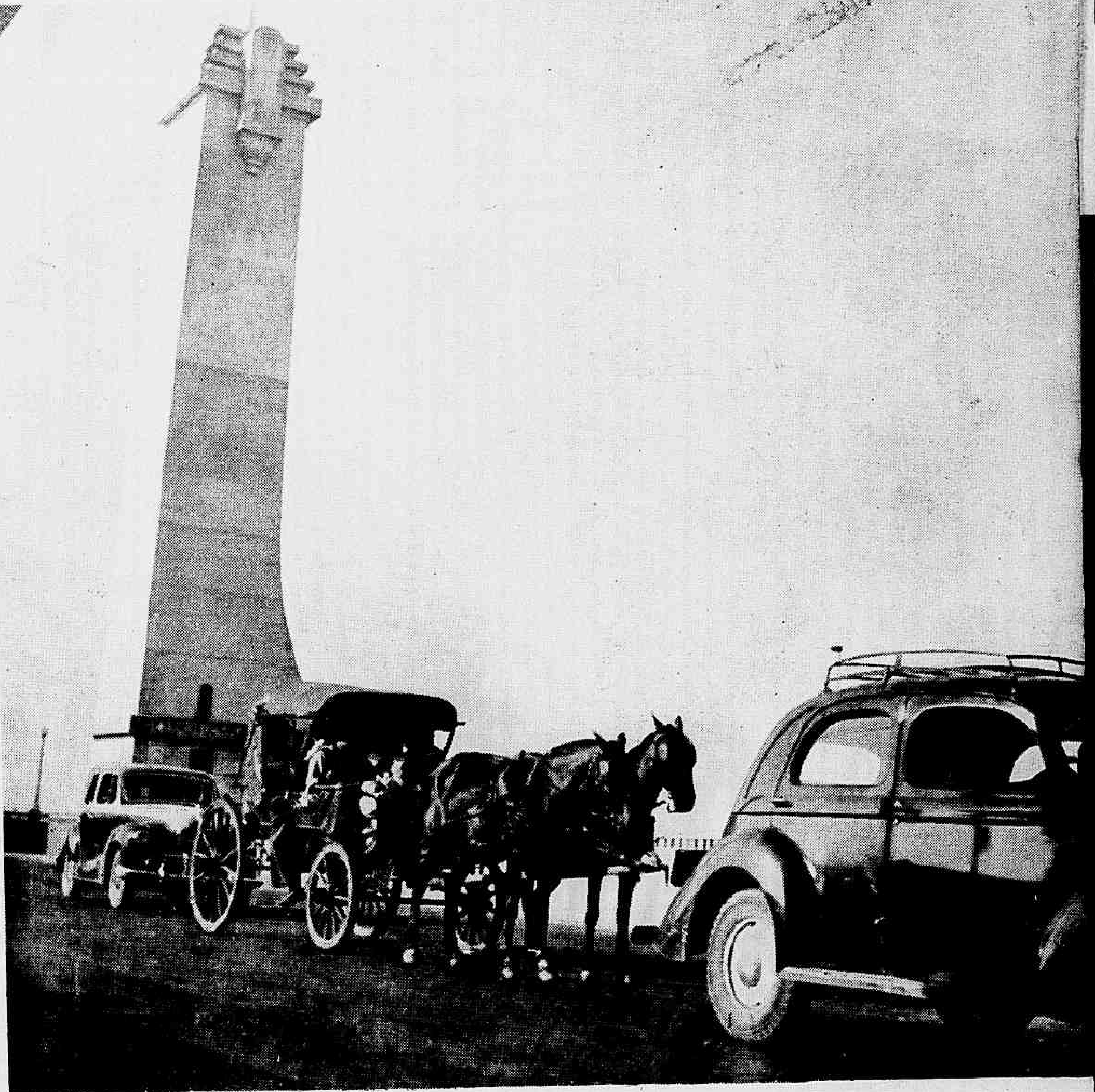
O carro parou, o
e prepara-se par
sos também se

O BRASIL, OUTRO NA ARGENTINA



BANHO NO RIO

...i obtido do alto da ponte, deixando ver carros ao serem levados pelos seus donos. Há ...nchas e outros pequenos barcos que atravessam a divisa do rio Uruguai.



AGUARDANDO VEZ

Êsses veículos, procedentes de Los Libres, chegaram a Uruguaiana e, dentro da fila, aguardam a vez de serem examinados pelos guardas da aduana brasileira. Mas os guardas são condescendentes.

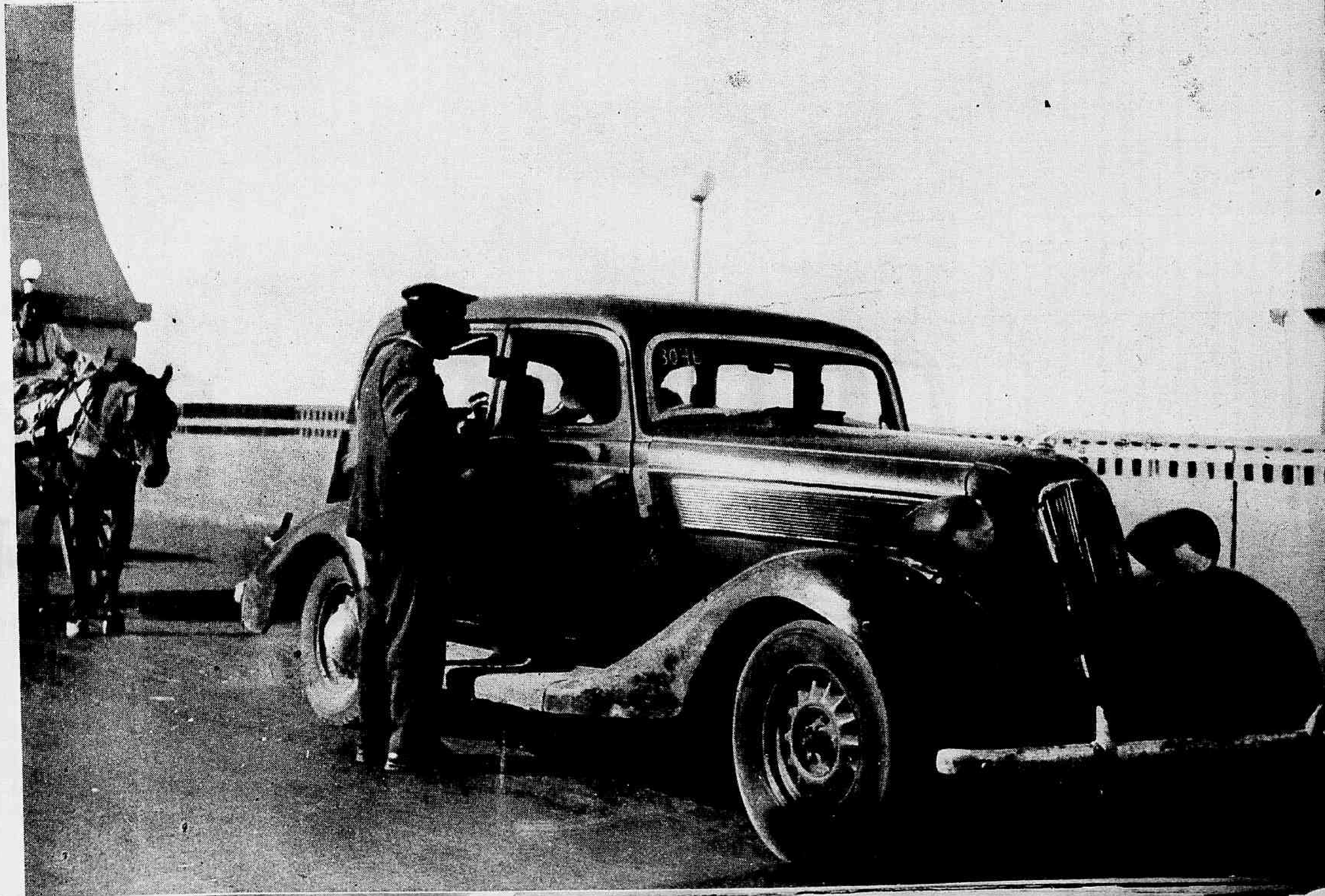
...OLETIVOS

...ento, ônibus e coletivos de tôda ... um pêso e cinqüenta (Cr$ 2,50). ... extremidade à outra da ponte.

— "QUE LEVA AÍ DENTRO?"

O carro parou, o guarda aproxima-se, interpela o passageiro e prepara-se para examinar a bagagem, que em muitos casos também se estende à «mala» trazeira do veículo.





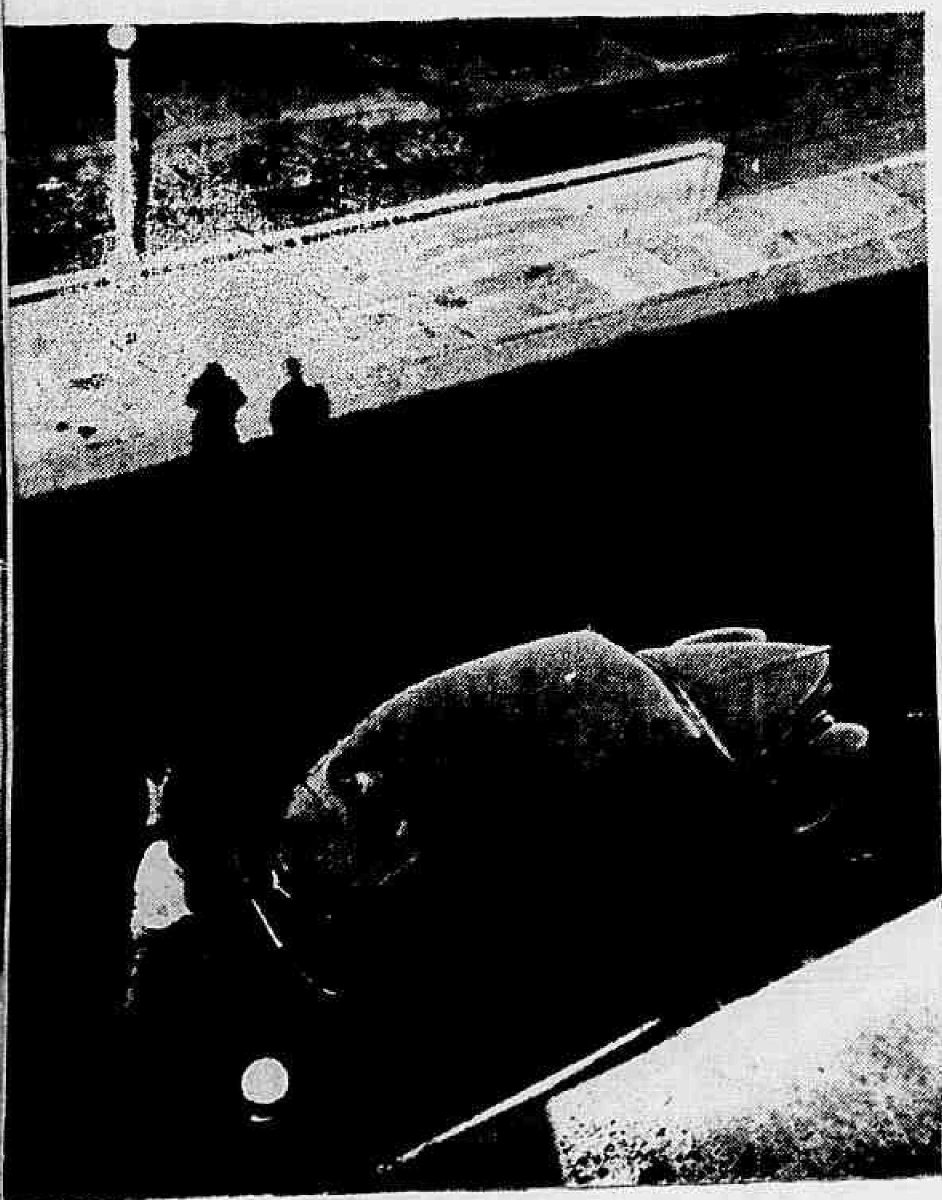


— "GRAXA, PAPA E FARINHA!"

Graxa (banha), papa (batatas) e farinha, são os produtos mais vendidos no «mercadinho» improvisado junto à entrada da Ponte Internacional. A indústria do «chibo» é uma realidade.

DO ALTO

Da torre da Polícia de Imigação, colhemos êste flagrante: o exame na parte trazeira do carro. Terá moamba.



várias marcas. Trata-se de mistura feita com a percentagem de 40 a 60 por cento de verdadeiro whiskey e o restante de álcool refinado com outros ingredientes. Mas, o whiskey é bebido em profusão, mesmo ali existindo a melhor cerveja, que nos oferecem, bem gelada, realmente saborosa.

Quando, ao cair da tarde de domingo, travamos nosso primeiro contacto com a ponte, surge sem demora um conhecimento de improviso com dois cidadãos de Uruguaiana. A tarde é quente, nossos amigos — que assim o ficam sendo, depois de dois dedos de prosa — convidam o repórter a ir fazer um "lunch" em Los Libres. Aceitamos, pela curiosidade de pisar também terra argentina — e pela amabilidade do convite.

— Tôdas as tardes, depois de dar conta das nossas obrigações, atravessamos a ponte e vamos tomar alguns gelados do outro lado — diz um dêles. — Gasta-se muito menos e saboreia-se o que há de melhor.

Sabemos então que a travessia da ponte, quase ninguém a faz na qualidade de pedestre: há sempre um ônibus que nos leva em poucos instantes. Paga-se um pêso e meio (dois cruzeiros e cinqüenta centavos, em moeda brasileira). Mas, quando os ônibus passam repletos, ninguém se apura: a "carona" é uma instituição nacional em todos os paises. De ambos os lados da fronteira, o cidadão estrangeiro aguarda a passagem de um carro particular com lugar disponivel e o seu condutor prontamente lhe oferece êsse lugar. Quando isso acontece, a viagem é grátis.

— Mas, não há exigência de documentos para entrar em terra alheia?

— Nada mais que a exibição da sua carteira de identidade. Não a traz consigo?

Claro que a traziamos. E com ela, sem o menor embaraço, passamos pelos gendarmes portenhos, muito mais exigentes que os displicentes guardas de Uruguaiana.

Das seis da manhã às seis da tarde, os fiscais da Aduana podem ser encontrados em seus postos. Fora dêsse horário, a travessia de carga, mesmo de reduzidas proporções, é vedada. Mas, os guardas da Polícia e Imigração, êsses têm de permanecer vigilantes a qualquer hora do dia e da noite. Em casos especiais, quando êles não forem encontrados a postos, podem ser requisitados onde quer que se encontrem, mesmo em suas residências. Mas, o transporte de mercadorias, através da ponte, sofre uma interrupção de fim-de-semana: desde as primeiras horas da tarde de sábado até a madrugada de segunda-feira, a ponte fica interceptada para êsse fim.

★

— "Graxa, pasta e farinha! Graxa, pasta e farinha!".

Êsse é o pregão que se faz ouvir de manhã e à tarde, na feira improvisada junto ao inicio da ponte. Ali, são arriados os sacos de mercadorias que os transportes de tôda a espécie trazem da fronteira argentina. A rigor, não é permitido atravessar a ponte com carga superior a um ou dois quilos de cada produto, mas as "chibeiras", por artes mágicas, descobrem modos e sofismas de transportar dez, vinte vêzes, de cada viagem, êsse limite de pêso.

"Chibeiras" são mulheres do povo, humildes e mal-trajadas, de pés descalços ou metidos em sapatos de homem, que se dão a êsse trabalho ingrato. Seus charutos, finos e compridos, são famosos — e não lhes saem dos lábios. O cigarro é caro — fuma-se charuto da pior qualidade. "Chibo" é o sinônimo do pequeno contrabando feito por essas mulheres de fisionomia pouco amável, mas de possantes músculos. A "chibeira" não se incumbe de vender a varejo essa mercadoria carreada lícita ou ilicitamente, preferindo transferi-lo para a "bolicheira", que vem a ser a intermediária no negócio. Recebe a "bolicheira", das mãos da "chibeira", a graxa (banha), a papa (batata) e a farinha ou cualquer outro produto. Instala-se ali mesmo, em plena rua, à luz do sol — e passa adiante o que acaba de comprar da sua cúmplice, tirando seu lucro da diferença de preço.

Pelo que tivemos ocasião de verificar, as autoridades de Uruguaiana primam por uma condescendência que não se faz sentir em Paso de Los Libres, onde a vigilância é por vêzes exorbitante, segundo alegam as partes interessadas. São por demais rigorosos os gendarmes argentinos, revistando cada pacote, pesando cada embrulho, vasculhando até as roupas do corpo. Os artigos de maior valor podem ser contrabandeados mais fàcilmente numa dobra de vestido, até em contactos mais íntimos.

— Êles nos maltratam, êles nos dão pontapés, êles nos xingam, como se não fôssemos sêres humanos — ouvimos de algumas "chibeiras" indignadas.

Mas, pessoas desinteressadas no "chibo", e mais sensatas, reconhecem que todo êsse rigor é necessário. Sem êle, a Ponte Internacional estaria à mercê dos maiores abusos.

Diàriamente, cinco a dez mil pessoas atravessam a ponte. Não é feito pagamento algum às autoridades de ambos os países, pela travessia.

Do nosso lado, encontramos algumas praças do exército e fuzileiros navais, que permanecem como refôrço de vigilância, para casos especiais. Mas, não foram ainda vez alguma requisitados seus serviços, pelo que nos foi dito.

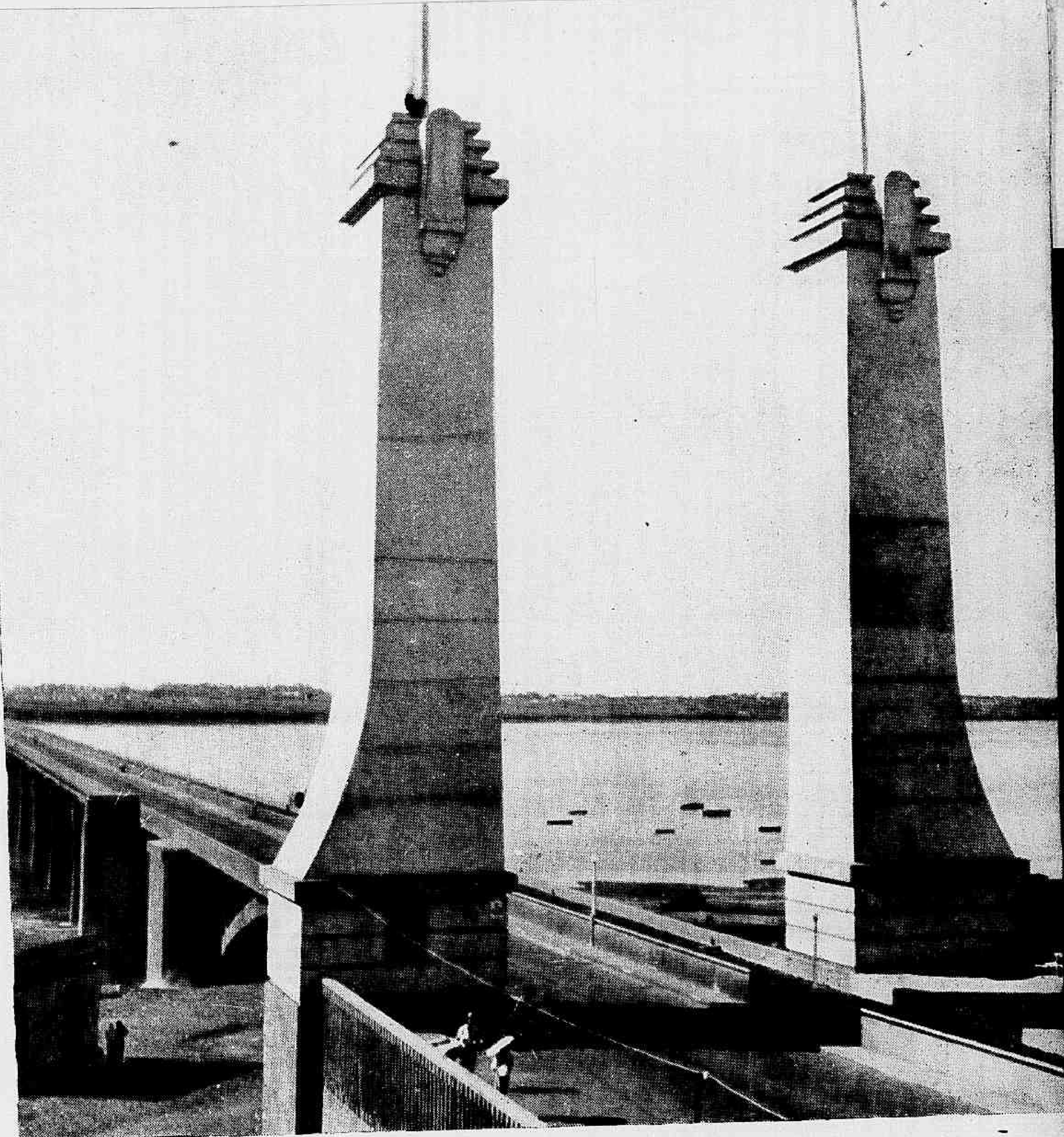
★

Um duplo testemunho de cordialidade e boa-vizinhança traduz-se na permuta de homenagens aos dois maiores cabos-de-guerra da Argentina e Brasil. A poucos passos da ponte, em Uruguaiana, levanta-se um pequeno busto do General San Martin, com esta legenda:

"General San Martin

El ejercito argentino al glorioso ejercito brasileño.
12-Outubro-1945."

(*Cont. na pág. 41*)

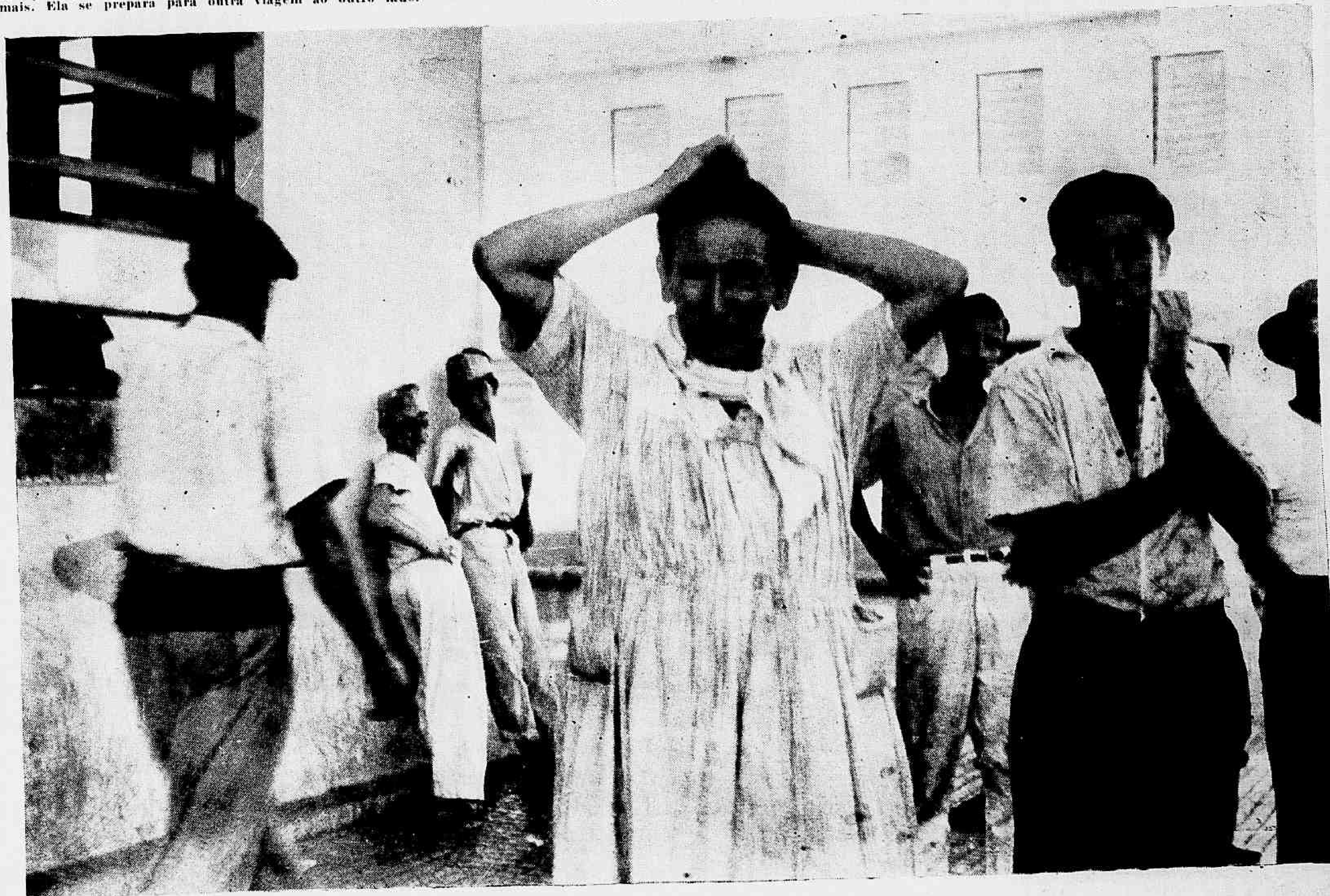


URUGUAIANA-LOS LIBRES

O rio Uruguai separa as duas cidades fronteiriças: Brasil do lado de cá, Argentina da outra margem para lá. Um quilômetro e meio é percorrido, a pé ou de veículo, pelos visitantes.

O CHARUTO DA "CHIBEIRA"

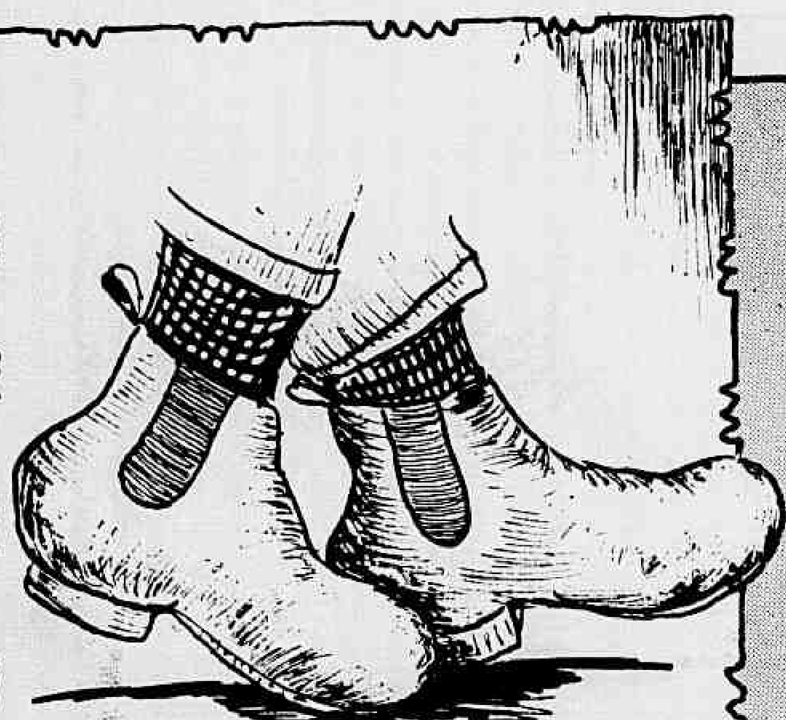
Cigarro é artigo de luxo e custa caro — mas a «chibeira» não pode passar sem fumo. Charuto custa menos e dura mais. Ela se prepara para outra viagem ao outro lado.



ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

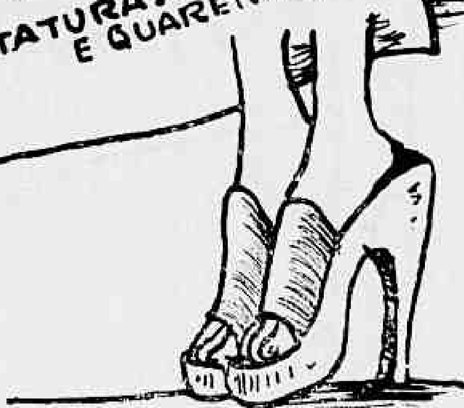
"CHARGE" DE DARCY

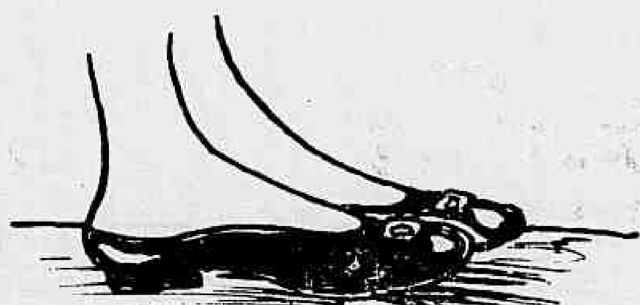
DIZE-ME COMO ANDAS,
DIR-TE-EI QUEM ÉS...



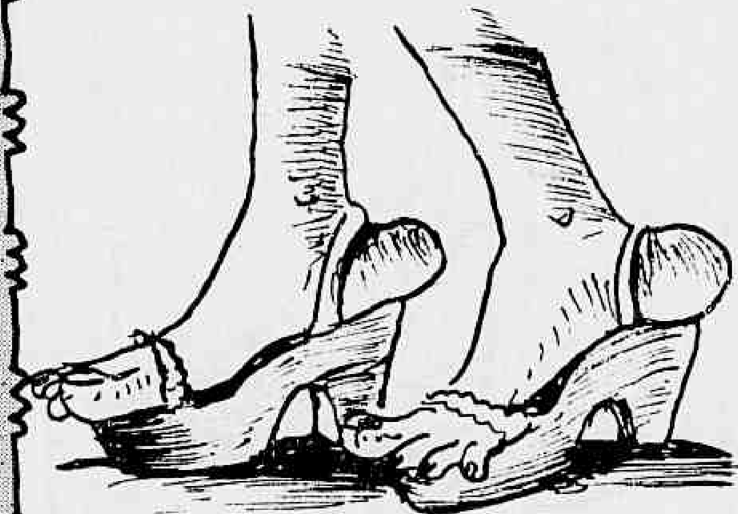
FAZENDA BOA VISTA
Cel. João Assunção

Diva Alencar
(ESTATURA: UM METRO E QUARENTA)





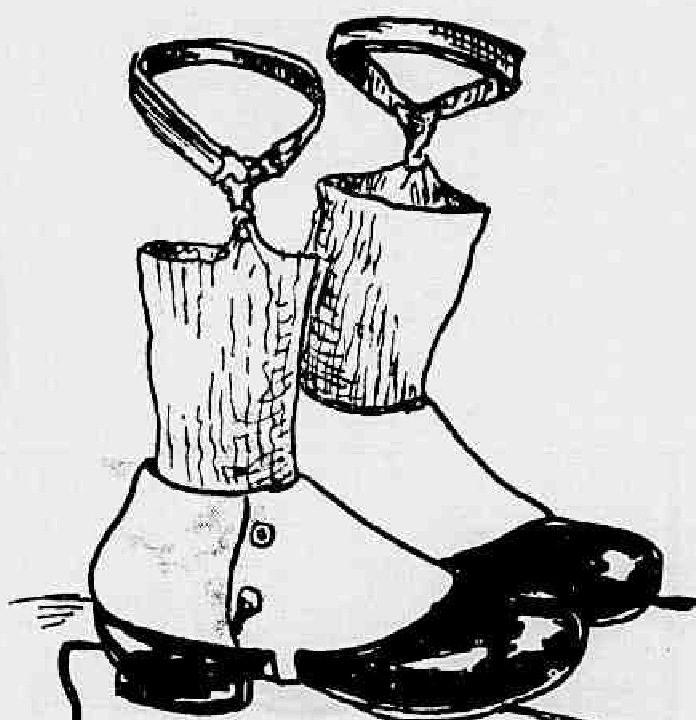
Alice Pedreira
ESTATURA: UM METRO E SETENTA



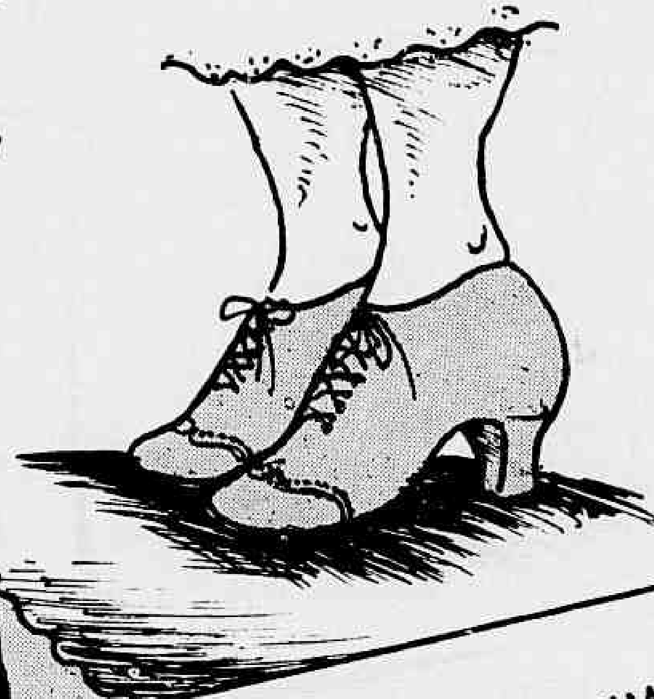
Maria Benedita Silva
- doméstica -



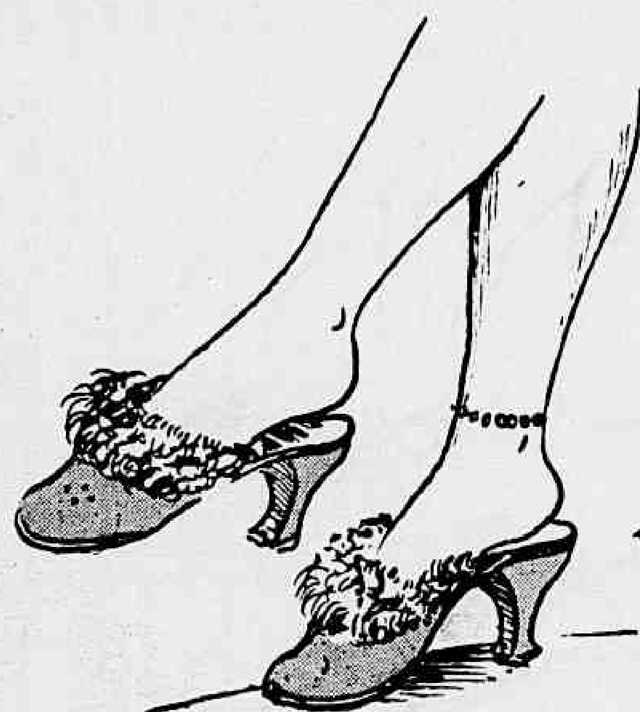
Jasmínio Oliveira



Dr. J. P. L. Pitangas
ex-diplomata
ex-banqueiro



Sra. Lazinha Lanfranhas
(53 anos e 2 joanetes)



Mle Fifi



EMPÓRIO FLÔR DE MALTA
J. Rebouças
proprietario

MEDÉIA CABOCLA

QUANDO viajo pelos sertões de minha terra, tão cheios de pinturesco, apraz-me ficar à janelinha dos transportes, contemplando, mudamente embevecido, as paisagens fugidias.

As casinholas de palha, rústicas habitações, insuladas em desertos de verdura, me comovem pela evocação das existências que ali se passam ignoradas, muitas, talvez, com histórias fascinantes.

Essa evocação é mais viva ante o quadro melancólico das taperas. Choupanas, outrora agitadas e ressoantes, hoje quietas e mudas, só não parecem mortas por causa de vida vegetal, que, a seu redor, se multiplica dominadora.

Mas, a ausência do homem é completa e constrangedora. A sua lembrança, sugerida pelas coisas que ali deixou, no silêncio do abandono, desperta uma como saudade (de quê?) sem objeto e indefinível.

Velhos bancos derrancados, restos de instrumentos de lavoura, fruteiras, bracejando, afogadas, entre o mato daninho, tudo são vagas reminiscências e contam, na sua mudez, legendas de sofrimentos e alegrias.

São os testemunhos impassíveis de existência humana que floresceram ali e ali se apagaram despercebidas — umas decorrendo límpidas e lisas como regatos que fogem em leitos sem rochas e onde, por um instante, houve a florada marginal de um idílio, desfolhado, depois, no esquecimento. Outras, por certo, em que as paixões, chocando-se, produziram, em tumulto, torrentes escachoantes e foram acordando a paz embaladora das margens, com êsses rugidos que põem no coração dos que passam um misto de piedade e de pavor.

Ora, certa vez, em que eu falava dessas impressões de poeta a um companheiro de viagem, promotor público de uma cidadezinha do interior baiano, êle, com um sorriso misterioso abanou a cabeça, aprovativamente: — Acontece que daqui a pouco, vamos passar por uma dessas casas evocativas de que você fala e que tem de fato uma história. Uma história tremenda, meu amigo.

O trem avançava. Daí a minutos o bacharel mostrou-me — muito ao longe, deslizando, lentamente, no horizonte iluminado — uma cabana em ruína, entre touceiras de mato verde. Um quadro que tinha como fundo um bosque de itapicurus afestonados de samambaia.

Ansioso por ouvir a história, que as palavras e a atitude do meu companheiro prometiam e para fugir ao ruído das conversas em tôrno, sugeri mudarmos de lugar. Fomos os dois para o carro restaurante. Abancamo-nos e o promotor público começou:

— Já ouviu falar em Medéia? — e sem esperar resposta: — Coisas de literatura. Foi uma mulher, uma espécie de feiticeira que, segundo a mitologia, desprezada pelo espôso Jasão, chefe dos argonautas...

— Sei, sei — interrompi a lição erudita e importuna.

— Pois bem. A realidade, às vêzes, ultrapassa os mitos. A vida pouco inventiva, quando quer compor novas tragédias, põe-se, preguiçosamente, a copiar histórias antigas ou antigos autores. Plagia-se a si mesma ou plagia Euripedes. Eis aí.

Ante os sinais visíveis de minha impaciência, o filósofo rematou:

— Pois bem, meu amigo, naquela casa, perdida nestes sertões, morou Medéia.

— Ora, seu doutor, deixemos de literatura, vamos ao caso.

— E' como eu lhe digo. Naquela casa morou Medéia. Medéia cabocla.

Eis a história:

Há tempos que já vão longe, quando a estrada de ferro ainda não chegara por essas bandas, na casinha que você viu, morava um casal de sertanejos cujos dois primeiros anos de existência em comum foram da mais completa felicidade.

Êle, filho destas regiões, nascera e se criara em Cruz de Pedra, um povoado constituido de umas quantas casinholas rodeando um cruzeiro rústico de rocha negra. Ela era do recôncavo. Nascera nas proximidades de Cachoeira. Não cheguei a conhecê-la. Descreviam-na, como uma morena acaboclada, possuindo a particularidade, entre tôdas rara, de ter os olhos côr de violeta. Nunca antes ouvira falar em olhos como êsses. Não deveriam ser belos, mas, sem dúvida, eram estranhos!

Conheceram-se na velha cidade do Paraguaçu, num dia de feira. Nos lugares do interior os dias de feira são como ressurreições.



A população, durante tôda a semana, parada, fazendo deslizar a existencia numa espécie de modorra, desperta cedo, antemanhã, ao movimento dos feirantes que chegam.

O bulício vai aumentando à medida que o sol avança. São roceiros que trazem sua mercadoria no dorso de bois pacíficos, burros magros e tristonhamente resignados. Arcas de farinha, cofos de aipim, caçuás de verduras e de frutas, grande quantidade de galinhas, que espreitam por entre os varais das capoeiras. Os que não possuem animal transportam na cabeça enormes balaios cobertos de palmas de onde surgem pontas de verdura ou uma e outra cabeça de ave, curiosa e balouçante ao compasso da marcha do matuto. As ruas se enchem, regorgitam. Mesmo de longe, ouve-se o borborinho das vozes que mercam e regateiam.

Em dias como êsses as roças ficam desertas. Todos vêm ao comércio. Até as mulheres — umas para vender, elas próprias, os seus balaios de beijus e goma ou de frutas silvestres — cajus, cajás, guabirobas e jaboticabas, doces e sumarentas, outras para ir às lojas, experimentar nas costureiras baratas os seus vestidos de chita estampada, ou, sòmente, para rever as comadres e gozar daquela festa. Que aquilo é uma festa.

Vestido azul novo, sandália de couro, brincos de esmalte, as faces trigueiras enrubecidas de papel vermelho, um ramo de resedá nos cabelos lustrosos, Lindaura desceu naquele sábado de ano bom, em que o movimento era mais intenso, a fim de provar o vestido com que estaria na festa de reis do Tibiri.

Foi quando conheceu Zé Pedro. Viera o sertanejo, a mando do Cel. Jesuino, comprar uma partida de fumo. Era homem branco, tostado pelas soalheiras do sertão.

Viu Lindaura, na praça do mercado (à sombra de enorme e copudo tamarindeiro), conversando com outra rapariga. Sorria, enquanto ia trincando nos dentes alvos um rosário de ouricouri. Zé Pedro gostou da morena. A pretexto de comprar alguma coisa num tabuleiro perto, puxou conversa.

À tarde, já estava conhecido e convidado para o terno de reis do sábado que vinha. Zé Pedro não se fêz de rogado — iria.

O terno saia do sitio de Joviniano, perto do arraial de Belém, para a casa do pai de Lindaura em Tibiri.

Eram dez horas da noite e uma confusão de moças e rapazes enchia o terreiro varrido, nos aprestos da formatura.

Os rapazes, mal-à-vontade, na roupa branca, dois a dois, seguravam arcos de bambu de onde pendiam lanternas multicores, embaladas ao vento morno da noite de janeiro. Sob cada arco, ladeada pelos moços joviais, ia uma moça, também de branco, castanholas nas mãos irrequietas, grandes rosas de carmim no rosto, laçarotes de fita nos cabelos, onde, alguma mais faceira, acrescentava o adôrno suplementar de uma flor de papel crepon.

Quando Zé Pedro chegou, vestindo a sua roupa branca de algodão, que mandara fazer à pressa, já Lindaura, impaciente, alongara diversas vêzes os olhos pela estrada, de onde vinham vindo vultos que punham manchas claras no negro da noite. Recusara-se mesmo a entrar em forma. Queria que o arco, sôbre a sua cabeça, como um dossel, fôsse segurado numa das pontas pelo amigo recente.

Passara tôda aquela semana numa ansiedade. Pensava no encontro, recordava a fisionomia, os gestos, o modo de falar do sertanejo, sorrindo consigo mesma e agitada. Já desanimava e não escondia o desânimo, quando uma das manchas alvas, que nesse instante vinham surgindo, pachorrentamente, se transformou no esperado.

— Pensei que não vinha mais — disse-lhe, trêmula de emoção, levando-o e entregando-lhe a ponta de um arco que o seu irmão, rapazote de quinze anos, sustentava na outra extremidade.

Pouco a pouco, cessara a confusão. Soaram castanholas, num ensaio, e um canto cheio de beleza ecoou nas espessuras sombrias.

"Vamos cantando, pastôras,
Adorar o Sumo Bem.
Nesta alegre romaria
À lapinha de Belém."

E romperam a marcha pela estrada, entre tufos de jurema e de alecrim cheiroso, dentro da noite despertada pelo ruído e claridade daquela inesperada alegria.

Adiante o canto mudou:

"Tristezas não têm querer
Alegrias vou buscar,
Em doces palpitações
Queremos todos amar."

Pássaros despertavam e julgando aurora o clarão das lanternas, juntavam seu canto ao canto das pastôras.

Em Tibiri a casa do pai de Lindaura, como era de preceito, estava tôda fechada, fingindo ignorar que aquêle bando de alegria e mocidade, vinha pedir-lhe abrigo e transformá-la por algumas horas em centro das atenções de tôda a vizinhança.

Em frente à casa pararam, interromperam o canto, e, depois de um silêncio em que havia cochichos, entoaram a chula:

"Abra a casa, queremos entrar,
A noite é pequena, queremos dançar.
A dona da casa ela é boa de dar
Garrafas de vinho, docinhos de araçá."

Abriu-se a casa.

E, a festa amanheceu o dia.

Três dias depois, quando Zé Pedro se foi embora para o sertão, levou Lindaura com êle, fugida do pai, que não consentira naqueles amôres com um forasteiro.

Foram viver na tal casa. Dois anos se passaram, céleres e venturosos.

Lindaura cuidava da casa, das duas filhas que lhe nasceram, tratava da rocinha de aipim, mandioca e uns tantos pés de fumo, lavava na fonte perto e, nas ocasiões precisas mexia a farinha num telheiro ao oitão.

Enquanto isso, o companheiro andava por fora, agenciando a vida. Tôda a tarde estava de volta, risonho sempre e sempre trazendo alguma lembrancinha para as pequenas.

Mas...

Zé Pedro era dado a outros amôres. Amôres antigos. Em Cruz de Pedra vivia alguém que conhecera desde a infância e a quem havia prometido casamento antes de conhecer Lindaura. Esqueceu-a por algum tempo, mas esfriada a exaltação pela cabocla de olhos de violeta, seus cuidados, pouco a pouco, retornaram à antiga namorada.

Lindaura soube. Os olhos violetas ficaram roxos. Naquela criatura mansa o sentimento era paixão. Mas, calou-se. Era calada de natureza.

Insensìvelmente, o seu raptor se foi alheando dela, atraído sempre pela outra, num renovamento de amor, resolvido vagamente a fazê-la sua espôsa. Alí, agora, sòmente o chamava o amor dos filhos, prin-

(Cont. na pág. 44)

NOVELA DE ANTÔNIO ERNANI

ARTISTAS BRASILEIROS EM PORTUGAL

HOMENAGENS DE ALTA EXPRESSÃO FRATERNAL DISPENSADAS AOS ELEMENTOS DA COMPANHIA ALMA FLORA - DELÓRGES - CAZARÉ ★ VISITAS AO MUSEU TEIXEIRA LOPES, GRUPO DOS ESTUDOS BRASILEIROS DO PÔRTO, PARQUE DA GANDARA E OUTROS FAMOSOS RINCÕES PORTUGUÊSES ★ UM SUCESSO ARTÍSTICO E UM TRAÇO DE UNIÃO ENTRE OS ELEMENTOS CULTURAIS LUSO - BRASILEIROS.



No Grupo de Estudos Brasileiros do Pôrto, quando os artistas brasileiras eram saudados pelo jornalista Hugo Rocha fundados dessa entidade. Vê-se também o Ministro Cantuária Guimarães, cônsul geral do Brasil naquela cidade.

PÔRTO, dezembro (Do correspondente especial) — Os artistas que integram a Companhia Brasileira de Comédias, que se encontra presentemente em Portugal, têm sido alvo de carinhosas atenções, por parte de vários setores da vida artística e intelectual do país.

Quando de sua temporada em Lisboa, foram homenageados por jornalistas, artistas e figuras da sociedade portuguêsa, todos incansáveis em demonstrar o agrado que sentiam em ter como hóspedes, artistas, cujo grande valor e exemplar conduta, tanto enobreciam o teatro brasileiro, tão apreciado em Portugal. Ainda agora, na vitoriosa temporada que realizam na "invicta" cidade do Pôrto, encontraram o mesmo ambiente acolhedor, que os tem envolvido, desde que pisaram em terra portuguêsa.

Entre as homenagens que lhes tributaram aqui, podemos destacar por sua significação, a recepção na sede do "Grupo de Estudos Brasileiros do Pôrto" e a excursão e banquete, oferecidos pelo presidente da câmara de Vila Nova de Gaia, dr. Fernando Moreira.

Na primeira, foram recebidos pela diretoria dêsse núcleo de intelectuais nortenhos, na mesma ocasião em que era conferido ao cônsul-geral do Brasil no Pôrto, Ministro Cantuária Guimarães, o diploma de sócio honorário daquela sociedade

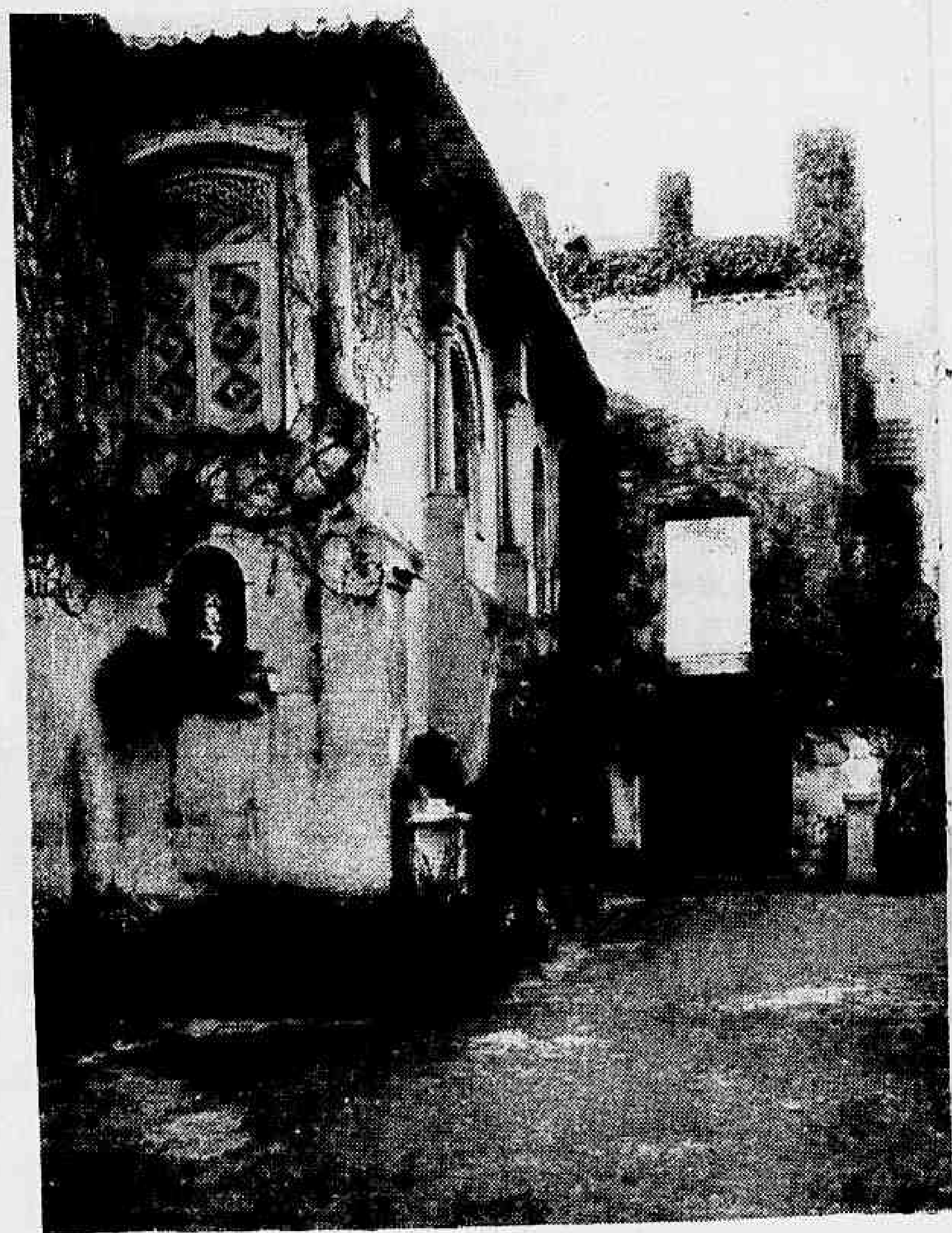


No «cocktail» oferecido por Amália Rodrigues, na «cave» do Distrito do Pôrto, em Lisboa. Além de Amália e dos artistas patrícios, vêem-se Irene Izidro, Madalena Sotto, Márcia Condessa, jornalistas e outros artistas portuguêses.

Amália — a «Alma do Fado» — saúda o Brasil e os brasileiros, recordando os bons momentos vividos em nosso país onde conta com tantos amigos e admiradores. Alma Flora, Itala Ferreira, Pêpa Ruiz e outros artistas, presentes.



Casa Museu Teixeira Lopes, um verdadeiro templo em que se cultua a religião da arte — visitada pelos brasileiros.





Na famosa sala mourisca do edifício da Bôlsa — cidade do Pôrto da visita que ali fizeram os artistas brasileiros. Os componentes da companhia Alma Flora-Delôrges-Cazaré foram festivamente recepcionados nos centros culturais e recreativos de maior expressão da terra portuguêsa. Depois de Lisboa e Pôrto, excursionaram pelas províncias lusas.

de verdadeiros amigos do Brasil. Falou por essa ocasião, saudando os homenageados, o brilhante intelectual e jornalista, Hugo da Rocha, que a todos impressionou pelo perfeito conhecimento de assuntos e problemas do nosso país. Ao terminar sua oração, Hugo da Rocha dirigiu carinhosas palavras de homenagem aos artistas presentes, exaltando-lhes as qualidades, saudando as virtudes da mulher brasileira, na pessoa da senhora consulesa. A seguir, levados pelo dr. Fernando Moreira, visitaram os artistas brasileiros o Palácio da Bôlsa do Pôrto, onde também se encontram instalados a Asociação Comercial e o Instituto do Vinho do Pôrto, cujas instalações deixaram magnífica impressão no espírito de todos. Encerrando a visita, foram os artistas conduzidos ao famoso Salão Mourisco, reprodução perfeita e riquíssima de um salão árabe, digno das mil e uma noites, construído em homenagem à rainha D. Maria e considerado, hoje, uma das maravilhas artísticas, de que são capazes os artífices portuguêses.

Terminada a visita ao Palácio da Bôlsa, foram levados os visitantes ao museu Teixeira Lopes, ou melhor, à residência do grande escultor, doada em testamento à Câmara de Gaia e por esta transformada em museu.

E' bastante conhecida no Brasil a obra de Teixeira Lopes, que lá viveu algum tempo. Entre as peças de arte que deixou no país, podemos citar, como as mais conhecidas, as portas da igreja da Candelária.

O museu Teixeira Lopes é dirigido por um sobrinho do artista, o escultor Manoel Teixeira Lopes, que também foi seu discípulo; êle próprio serviu de "cicerone".

O ambiente do museu é de uma simplicidade tocante, sente-se a presença do grande mestre, compreende-se a magnitude de sua obra, apresentada com uma sobriedade que encanta. A não ser as obras de arte, colocadas em linha de exibição, tem-se a impressão que tudo permanece tal como êle deixou. Num dos recantos da casa, foi construída uma capela, onde se encontra exposta sua obra-prima, a imagem de Santo Agostinho, ouvindo os visitantes música sacra, como se realmente se encontrassem numa igreja. Ao percorrer as salas do museu Teixeira Lopes, vamos encontrando velhos conhecidos, figuras internacionais, artistas, diplomatas, músicos, homens de letras, alguns reproduzidos no mármore ou no bronze pelo artista, e outros em fotografia autografadas com grande carinho e intimidade, notando-se, porém, uma grande maioria de homens de teatro, o que atesta a predileção do mestre por êsse gênero de arte. Em sua casa, onde representaram grandes artistas, há um pequeno palco, mandado fazer de propósito para êsses espetáculos íntimos.

Foi das mais proveitosas, a visita que os artistas da Companhia Brasileira de Comédias fizeram à Casa-Museu Teixeira Lopes, onde uma família inteira — o pai do artista também foi escultor — viveu e vive para a arte e pela arte.

Dando prosseguimento ao programa estabelecido pelo dr. Fernando Moreira, seguiram os artistas e autoridades presentes para a sede do Gôlfe Clube Miramar, na praia do mesmo nome, onde foi servido um aperitivo para o banquete que lhes seria oferecido em seguida, no Parque da Gandara, clube tradicional das elites do Pôrto e de Vila Nova de Gaia. Ali, esperavam os visitantes diretores do referido clube e outras pessoas ilustres, entre as quais podemos citar os srs. dr. Gomes Nobre, senhora e filha; José Antônio da Rocha, presidente da Junta de Arcozelo; Viúva Gomes e filha(proprietária da Luvaria Gomes, do Rio de Janeiro); Jorge Guimarães e senhora (sócio da Notre Dame de Paris, também do Rio); Manoel Constantino de Almeida, diretor-proprietário da Sociedade Vinícola Constantino, fabricantes de vinho do Pôrto e inúmeras outras pessoas de elevada categoria social.

O banquete decorreu num ambiente de franca camaradagem, sob a presidência do ilustre promotor da homenagem que, em versos graciosos, de sua autoria, saudou o Brasil e o teatro brasileiro, enaltecendo a tradicional amizade luso-

(*Cont. na pág.* 41)



Grupo de artistas e autoridades, à entrada do Golf Club Miramar, vendo-se entre Alma Flora e Pêpa Ruiz, o promotor da homenagem, dr. Fernando Moreira, presidente da Câmara de Vila Nova de Gaia.

CHAPÉUS MODERNOS

Apresentamos uma coleção de modelos em chapéus destinados para ocasiões de cerimônia. São todos modelos elegantes, confeccionados em diversos tecidos. 1 — Pequena copa em tafetá escocês. Aba estreita, virada para cima enfeitada com um ramo de cerejas: amplo véu caindo pelo rosto. 2 — Interessante modêlo. A copa em feitio de boina é confeccionada em tafetá de dois tons. A parte superior é enfeitada com botões de vidro e arrematada por um cordão da mesma côr. 3 — Chapéu de palha, com grande aba, a parte de dentro é forrada de faile prêto.



1



2



3





PARA PRAIA

As freqüentadoras de praia necessitam de uma coleção variada de trajes próprios, incluindo «maillots», saídas de praia, chapéus para proteção contra o sol, etc. Os «maillots» continuam usando-se inteiros, predominando os modelos nos quais as alças possam ser removidas durante o banho de sol. Aqui estão algumas sugestões modernas, elagantes e de fácil execução





«Tailleur» simples, com casaco sintado abotoado na frente, gola redonda. Saia godê de panos.



Vestido sem mangas, com uma larga pala terminando em duas pregas, uma de cada côr. Saia justa com um pouco de roda. Atrás, bolsos embutidos, terminando também por duas pregas.



Vestido de linho marron. Saia justa com bolsos laterais e corpo sem mangas, decote em V.

*

VESTIDOS DE LINHO

O linho é o tecido por excelência para o verão. Há linhos de diversas qualidades, mais grossos ou não e em côres variadas e maravilhosas. São muito usados na confecção de «tailleurs», em lindas combinações de côres.

*

Modêlo em linho de dois tons. Saia justa com originais bolsos. Corpo de mangas japonêsas enfeitado com linho de côr mais escura.



Dos cadernos do poeta

SE não pudesse sentir tôdas as poesias — a que há numa rosa e a que esta na fascinação do teu mistério, a que vibra no motor que passa entre as nuvens, a que existe no fundo dos teus olhos — então não entenderia nada de poesia...

★

Não é realmente maravilhosa esta linda noite azul? Não há luar, mas penso em ti — ausente, distante — e esta lembrança é doce e triste como o luar, por esta grande noite maravilhosa...

★

Gostaria de mandar-te, para tua noite de hoje, o mais doce de todos os sonhos, a mais bela de tôdas as rosas, um silêncio, uma ternura, um perfume...

★

Antes, um pensamento apenas... Depois, uma simples palavra... Agora, um pensamento, uma palavra e um gesto... Foi assim que vieste, lenta e suave, como uma nuvem mansa, por uma tarde calma, de céu sereno e claro...

★

— Se agora — agora! — pudesse ter nas minhas mãos a tua mão macia e leve...

E, então, o poeta abre os olhos e sonha, na sua noite branca, silenciosa e vazia... Se pudesse ouvir a tua voz e pudesse ver tôdas estas estrêlas no fundo dos teus olhos — como a noite seria bela, como a vida seria bela...

★

Foi também um poeta que pôs num verso esta frase terrível: — E' proibido sonhar!

★

Entretanto, sonhemos... Às vêzes, os deuses estão de bom-humor e mandam que se realize o mais lindo de todos os nossos sonhos...

★

Endimião dorme, através dos tempos, no fundo de sua gruta, envôlto de luar — como nos braços luminosos de Selene — e sonha...

E assim Endimião — é o mais feliz de todos os poetas.



SAIAS E BLUSAS

Um dos trajes mais usados durante o verão são os conjuntos de saias e blusas por serem práticos e permitir grande variedade. As blusas modernas são completamente sem mangas, sendo confeccionadas nas mais diferentes espécies de tecidos. As saias são na maioria rodadas, godés ou franzidas, e confeccionadas em linho, faile, sêdas pesadas, etc. Três modelos de blusas esporte, em tafetá. Saia godé em tecidos pesados. Dois modelos para noite: blusas decotadas completamente sem mangas e saia godé em tafetá.





QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

AOS QUE COMEÇAM A PERDER CABELOS E AOS CALVOS

TÔNICO VEGETAL SEM ÓLEO

... Sabemos que entre as coisas exploradas pelos inescrupulosos se encontram com destaque, as «descobertas» de remédios para Calvície. Como não podia deixar de ser, esta exploração gerou a descrença que é obstáculo, agora, para que muitas pessoas se beneficiem com a verdadeira descoberta feita na Bahia e da qual a imprensa, em tempo, se ocupou largamente, AMARALINA é o nome do produto. Para melhor orientação de V.S. citamos alguns nomes e endereços de pessoas de absoluta idoneidade, tôdas residentes em Salvador-Bahia, que obtiveram os resultados esperados com o uso de AMARALINA: — EVERTON VISCO, diretor artístico da Rádio Sociedade Bahia, rua Carlos Gomes, 9; JOSÉ CARIAS, industrial, rua Álvaro Adorno, 79; NATON RALES, comerciante, rua Saldanha da Gama, 32; JOAO PEIXOTO, comerciário, rua Lucaia, 22; MANOEL PATO, comerciante, rua João Gomes, 49; COPERNICO MAGALHAES, comerciante, rua Amparo Tororó, 1; Sra. BERNARDES CHAVES, rua Jardim Cruzeiro, 82; DILTON DE CARVALHO, funcionário público, rua Amâncio Sousa, 28; DORIVAL SILVA, comerciante, ladeira S. Francisco, 27; MANOEL SOARES, rua Santos Dumont, 19.

AMARALINA é encontrada em qualquer Farmácia, Drogaria ou Perfumaria.

AMARALINA pode ser adquirida também pelo reembôlso postal a Cr$ 45,0, livre de porte, diretamente dos distribuidores: — M. M. BURLE & CIA. LTDA. — AVENIDA RIO BRANCO, 137 — 6.º andar, sala 616, onde, também, pessoalmente, quaisquer esclarecimentos serão prestados. — Telefones: 32-9309 e 32-9415. — RIO DE JANEIRO.

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

ARTIGOS DE PRATA, APARELHOS DE JANTAR, CHÁ E CAFÉ DE FINA PORCELANA E NOTÁVEL VARIEDADE DE ARTIGOS FINOS PARA

Presentes de Festas

Agradecendo a preferência dispensada durante êste ano, a PRINCEZA dos CRISTAIS aproveita para desejar aos seus distintos fregueses e amigos, um NATAL cheio de felicidades e um NOVO ANO repleto de venturas.

PRINCEZA DOS CRISTAIS

ASSEMBLÉIA, 90 e SETE DE SETEMBRO, 97

WEEK-END

VITELA RECHEADA

Um quilo e meio de aba de vitela, aberta entre a capa e o osso, fazer um picado de carne com azeitonas, refogar em gordura, cebola e sal, juntar farinha de mesa fazendo farofa. Colocar essa farofa entre a aba e o osso. Cozer tôda a volta. Levar ao fogo com gordura, cebolas, tomates. Servir com pequeninas batatas alouradas em gordura.

CREME DE TUTANO

Corte um osso grande de canela, em pedaços iguais, mais ou menos de 8 cm. Abre-se o osso pelo comprimento e tira-se todo o tutano. Faz-se um creme com o próprio tutano, juntando 2 a 3 gemas, sal e suco de limão. Depois do creme pronto, coloca-se de novo dentro dos ossos e cobre-se o lugar cerrado com uma lista de gelatina vermelha. Para acompanhar, fazer um môlho com manteiga, leite, farinha de trigo e sal.

ALMÔNDEGAS DE CARNE

Pasar na máquina: ½ kg de carne, 1/2 cebola de cabeça. Ligar com 1 ôvo e juntar sal suficiente. Fazer bolinhos e passar na farinha de trigo. Fazer um refogado com gordura, cebola, 1 colher-de-chá bem cheia de massa de tomate, juntar uma concha de água. Juntar as almôndegas a êsse môlho e deixar cozinhar.

MÔLHO PARA MACARRÃO

½ kg de tomate, alho, cebola, salsa, mangericão. Deita-se numa caçarola duas colheres-de-sopa de banha. Quando estiver bem quente, põe-se dentro a carne, que se deixa fritar muito bem para ficar bastante corada. Em seguida, põem-se para fitar todos os outros temperos sem o tomate que é colocado por último, com meia latinha das pequenas de massa de tomate. Depois de tudo bem refogado, põe-se a água à vontade, deixando-se cozinhar bem a carne. Êste môlho fica espêsso e abundante.

COPA

Do lombo e das carnes do pescoço, cortam-se tiras bem grandes na largura de 3 dedos. Tempera-se com salitre e sal. Deixam-se em lugar bem fresco, durante 2 ou 3 dias. Quando estiver já bem curtido, enchem-se com esta carne tripas grossas ou paio rês. Pendura-se em lugar fresco e deixa-se orcar bem durante 2 ou 3 meses. Corta-se em fatias bem finas e come-se como presunto.

CREME DE CAFÉ

1 xícara de leite, 1 xícara de café forte, 2 colheres de maizena, 3 gemas, 3 colheres de açúcar.

Mistura-se tudo a frio, deixando-se apenas a gemada, que se acrescenta quando fôr ao fogo para engrossar. E' um recheio muito saboroso para bolos e toratas.

ARROZ DE BACALHAU

Refogue em azeite e temperos uma posta de bacalhau. Junte água suficiente para o arroz e deixe ferver até o bacalhau ficar quase cozido. Acrescente sal suficiente e duas xícaras de arroz. Abafe a panela e abaixe o fogo.

SOPA POPULAR RUSSA (Quente)

Descascam-se 4 beterrabas e cozinham-se em caldo de carne (½ quilo de peito), 1 cebola batida, 3 tomates, e sal .Os tomates são passados pela peneira. Quando a beterraba estiver cozida, passa-se pela máquina e volta à panela: Corta-se bem fino um repôlho do tamanho de uma laranja e junta-se à sopa e também 2 dentes de alho bem socado. Adicionam-se, então, dois pedacinhos de ácido cítrico, uma pitada de pimenta do reino e deixa-se ferver. Adoça-se com 3 colheres de sopa de açúcar. Antes de servir junta-se 2 gemas desmanchadas, mexendo com cuidado para não talhar.

BISCOITOS CÔR DE LARANJA

Uma porção de massa. Passe o rôlo, dando-lhe uma forma retangular com a espessura de um centímetro Passe manteiga, salpique com uma colher-de-sopa de cascas de laranja ralada e duas colherinhas ou mais de açúcar. Enrole como para rocambole e corte em pedaços. Coloque-os um por um em forminhas redondas. Com uma tesoura corte os bordos superiores do biscoito em quatro ou cinco talhos. Passe suco de laranja por cima e salpique com açúcar.

As forminhas devem ser untadas com farinha.

Êsses biscoitos devem ser assados em forno quente, de 12 a 15 minutos.

ZAMACÕES

Junte, numa vasilha de louça, 500 gr de farinha, 150 gr de açúcar cristalizado, 150 gr de manteiga, 20 ovos e um pouco de sal. Bata fortemente essa mistura, junte depois, pouco a pouco, uma xícara-de-café de azeite fervendo, continuando a bater a massa. Depois de pronto, parta em pequenas porções e leve ao forno em tabuleiro untado com manteiga.

ARROZ DE HAUSSA

Leve ao fogo uma quantidade de água relativa ao arroz e sal suficiente. Junte o arroz e deixe cozinhar. Corte charque gordo em pedaços, escalde bem e frite, juntando cebolas picadas. Coloque numa travessa o arroz em forma de grinalda e o charque no centro. Êsse prato é servido com môlho de acarajé ou o môlho vivo baiano, que é feito com cebola, coentro, suco de limão e pimenta malagueta fresca, tudo muito bem macerado.

TORTA LEVE DE BISCOITOS COM MANTEIGA

3 ovos, 180 gr de açúcar, 80 gr de farinha de trigo, 80 gr de farinha de batatas, 1 ponta-de-faca de fermento em pó, 40 gr de manteiga derretida em banho-maria e casca ralada de limão.

Deve-se bater 20 minutos o açúcar, as gemas e a casca de limão. Junta-se então a farinha peneirada com o fermento e as claras bem batidas. Em último lugar, a manteiga derretida e morna. Leva-se ao forno quente durante 50 minutos em fôrma untada e polvilhada com farinha de pão. Esta torta presta-se muito bem para ser recheada e coberta com glacê.

LÍNGUAS DE GATO

2 claras, 100 gr de farinha de trigo, 100 gr de açúcar, 1/10 de litro de creme de baunilha.

Batem-se as claras em neve, mistura-se com a baunilha e junta-se aos poucos a farinha de trigo peneirada, adiciona-se então, com cuidado, o açúcar e, por último, o Chantilly.

Põe-se a massa em um cartucho com abertura regular e numa assadeira untada espremem-se tiras do comprimento de um dedo e assam-se em forno regular. Despeguem-se da assadeira com muito cuidado.

A COZINHA

COOKRIES RECHEADO

1/3 de xícara de manteiga, 1 xícara de açúcar, 1 ôvo, ½ xícara de leite, umas gôtas de essência de baunilha, 3 ½ xícaras de farinha de trigo, uma pitada de sal, 4 colheres de fermento em pó.

Bate-se a manteiga até formar uma côr esbranquiçada; junta-se o açúcar, mistura-se bem e vai-se pondo ôvo batido, o leite e a essência. Adiciona-se, depois, a farinha peneirada com o fermento e o sal.

Estende-se a massa em uma mesa polvilhada e corta-se com o auxílio de um copo. Põe-se o recheio no centro de cada rodela e cobre-se com outra, apertam-se as extremidades com os dedos e levam-se ao forno moderado por 15 minutos.

Recheio: 2 colheres-de-chá de farinha, ½ xícara de açúcar, 1/2 xícara de água, 1/2 xícara de passas e ½ xícara de tâmaras ou figos picadinhos Em uma caçarola, sôbre o fogo, mistura-se o açúcar com a farinha; junta-se a água e as frutas até formar um mingau grosso, mexendo-se sempre para não queimar.

BROINHAS DE CÔCO

1 côco ralado, igual pêso de açúcar, 4 ou 5 gemas, 2 colheres de farinha de trigo, confeitos prateados.

Faz-se uma calda com o açúcar, dá-se ponto alto, acrescenta-se o côco, as gemas e a farinha de trigo. Deixa-se ferver até despegar do tacho, guardando-se para o dia seguinte. No outro dia, fazem-se bolinhas miúdas que se arrumam em tabuleiros e se levam ao forno bem quente para dourar, arrumam-se em forminhas de papel, coloca-se um confeito prateado sôbre cada broinha.

PEIXE ENSOPADO À BRASILEIRA

Escolhe-se um peixe de tamanho regular: pintado, caroa ou traíra, desde que não seja muito pequeno. Corta-se em fatias atravessadas, faz-se um môlho de azeite e empregam-se todos os temperos, tomates, pimentão, muita cebola, louro, mangerona, e cebolinha verde, salsa e bastante pimenta-da-terra. Deita-se o peixe neste môlho e se deixa ferver até cozinhar. De vez em quando, mexe-se, sacudindo a panela, para não desmanchar o peixe com a colher. Na hora de servir, coloca-se o peixe em um prato apropriado, cobrindo-o com o môlho, com cuja sobra se faz um pirão com farinha de mandioca e se coloca ao lado do peixe.

LICOR DE LARANJA AZÊDA

1 xícara de açúcar queimado, 1 quilo de açúcar, 1 litro de álcool de 40 graus.

Pode ser feito com a casca que se aproveita da laranja que serviu para doce. Não se deve pôr muita quantidade, porque fica muito amargo. Deixa-se em fusão de 4 a 8 dias. Deve-se provar para ver se o gôsto não está muito acre. Queima-se, então, a xícara de açúcar, cuidando para que não fique muito escuro, mas apenas dourado. O melhor açúcar para queimar, seja qual fôr o fim, é o usina. Faz-se a calda com um quilo de açúcar e mistura-se tudo. Depois de queimado o açúcar, acrescenta-se uma xícara de água. Côa-se e filtra-se.

ENROLADOS DE ASPARGOS

Com massa folhada, faz-se um cartuchinho enrolado em pedacinhos de aspargos. Unem-se dos lados. Frita-se e, se estiverem frios na hora de servir, levam-se um momento ao forno. Pode-se rechear os canudinhos em espiral, com maionese ou com um creme, pondo-se no centro um pedaço de aspargos ou de palmito.

MASSA FOLHADA

2 gemas, 1 clara, 200 gr de farinha, 1 colher de manteiga. Sova-se bem e deixa-se descansar meia hora. Estende-se com o rôlo até ficar bem fina. Espalha-se banha em tôda ela e depois farinha, enrola-se, deixando-se descansar meia hora no refrigerador. Cortam-se pedaços pequenos para fazer pastéis, empadinhas ou qualquer outro prato que se quiser. Esta massa é mais própria para pastéis e empadinhas.

PUDIM DE GABINETE

Arrume, numa fôrma lisa, untada de manteiga, uma camada de 6 biscoitos palitos; outra de 100 gramas de doces secos picadinhos; outra de 100 gr de passas, tirados os caroços e molhadas com um cálice de vinho ou cognac; outra de marmelada desmanchada em água morna e outra de fatias finas de 2 maçãs. Bata 8 gemas, com 8 colheres de açúcar e despeje sôbre elas 1 litro de leite fervido e depois junte as 8 claras em neve. Reserve 2 xícaras desta mistura e com o resto acabe de encher a fôrma guarnecida. Leve a assar no forno em banho-maria. Tome então o creme reservado, junte ½ colher-de-chá de maizena e leve a engrossar no fogo Perfume com um pedacinho de baunilha ou licor, e despeje sôbre o pudim na hora de servir.

ANGU DE QUITANDEIRA

Tome 1 rabada, ½ kg de fígado, 1/2 kg de carne de frissura, 200 gr de bofe, 200 gr de garganta, e cozinhe tudo em água, sabão e cheiro. Depois de bem cozido (o que pode ser de véspera), parta tudo em pedaços de 3 cm. Refogue numa panela cebolas, cheiro e tomates com sebo de carne, aí despeje as frissuras, molhe com 2 xícaras de caldo e leve ao fogo para tomar bastante gôsto, junte uma colher de azeite-de-dendê, pimenta malagueta socada e engrosse com fubá de milho. Faça um angu de milho ou de farinha e despeje por cima do angu as frissuras com bastante môlho apimentado.

GOIABADA CASCÃO

Para 750 gr de goiabas, 500 gr de açúcar. Tome as goiabas, tire as partes duras, abra ao meio, tire os caroços, lave, escorra e pese. Do açúcar faça uma calda em ponto de açúcar, junte as goiabas e leve ao fogo, sempre mexendo. Quando enfiar dentro uma faca molhada e sair enxuta, estará pronta. Despeje em vasilhas rasas ou latas próprias.

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O
AFAMADO FREIO
CONTRA-PEDAL



O NOVO
PERRY
DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo



FABRICADO E GARANTIDO PELA
PERRY CHAIN COMPANY LTD.
BIRMINGHAN --- INGLATERRA

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



COBRINDO O INTERIOR DO BRASIL, SERVINDO A MAIS DE 50 CIDADES NOS ESTADOS DE MINAS GERAIS — MATO GROSSO — GOIÁS — BAHIA — SÃO PAULO, COM LIGAÇÃO PARA O RIO DE JANEIRO.

Oferece perfeito serviço de

PASSAGEIROS · CARGA · ENCOMENDAS · VALORES · REEMBOLSOS · FRETAMENTOS

RIO DE JANEIRO Passagens: - R. St. Luzia 685-A, fones: 32-7399 e 32-6119 Cargas: Av. Beira-Mar, 514 — Fones 42-9850 e 32-9455.

SÃO PAULO — Rua Conselheiro Crispiniano, 28 Fone 6-3264

BELO HORIZONTE — Passagens: Av. Amazonas, 511 — Fone 2-0818 — Cargas: Rua Goitacazes, 29-loja — Fone 2-0368.

SALVADOR — Rua Santos Dumont, 21 - Fone: 2 - 384 — Praça Municipal, 1 — Fone 4-210.



ARTISTAS BRASILEIROS EM. . .

(Cont. da pág. 33)

brasileira, cujos laços se estreitavam ainda mais naquela festa, onde a fraternidade dos dois povos irmãos era mais uma vez posta à prova.

Respondeu a esta saudação, também em versos de sua autoria, o diretor do conjunto, ator Delorges Caminha, agradecendo, em nome de seus colegas, a magnífica hospitalidade portuguêsa, que tão bem se refletia naquele momento. Depois de levantar um brinde à prosperidade da nação portuguêsa e à ventura pessoal do amável anfitrião, encerrou-se o banquete, sob as maiores demonstrações de alegria de homenageados e homenageantes.

Para terminar aquêle magnífico dia, por todos os motivos inesquecível, foram os artistas levados a visitar os grandes armazéns Constantino, produtores de vinho do Pôrto. Recebidos pelos diretores, percorreram tôdas as instalações, onde lhes prestaram informaçes sôbre fabrico, tratamento, conservação, etc. Logo a seguir, foi servido aos presentes um pôrto de honra, tendo o sr. Manoel Constantino de Almeida saudado o Brasil, onde viveu algum tempo e onde conta com inúmeros amigos e onde também — segundo disse — vendeu a primeira garrafa de seu produto, iniciando sua indústria. A seguir, foram os presentes contemplados com uma recordação daquela visita e conduzidos diretamente ao Teatro Sá da Bandeira, pois já estava na hora de começar o espetáculo dessa noite. Depois de um dia completo, em que foram apenas espectadores de belezas artístico,naturais, voltavam ao seu trabalho, confortados, não só pelo triunfo artístico, como, por mais uma vez, poder constatar o carinho com que são recebidos os brasileiros que, em boa hora, visitam êste nobre país.

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil
Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.
VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —
Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação
EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS
DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:
GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

Leia a "CENA MUDA"
REVISTA SEMANAL DEDICADA AO
CINEMA
RÁDIO
MÚSICA

UM PÉ NO BRASIL OUTRO. . .

(Cont. da pág. 29)

E, a poucos pasos da mesma ponte, em Los Libres, vamos encontrar um busto de idênticas dimensões, representando o Duque de Caxias, com legenda análoga, oferta do nosso exército ao do país vizinho e amigo.

★

A hora de verão não prevalece em território argentino, mas só do nosso lado. A três minutos de distância, é sempre uma hora a menos, em terra argentina. Essa, a única diferença que se encontra na região referida. De resto, nem mesmo a diferença de moedas consegue perturbar a boa-vizinhança. Compra-se qualquer mercadoria utilizando o pêso, no lado brasileiro, com a mesma facilidade que, da outra margem, se pode adquirir qualquer artigo a trôco do cruzeiro. E os negociantes estão de tal modo acostumados à duplicidade da moeda, que as misturam nas caixas registradoras de suas lojas — sem maiores preocupações de ajustes cambiais.

Também o idioma se confunde naquela região fronteira: tanto se fala o castelhano do nosso lado, como o português do lado oposto.

Por mais que procurássemos investigar motivos de divergências, mesmo em ponto pequeno, entre os dois povos vizinhos — não as encontramos. Talvez alguns vestígios muitos remotos de controvérsia, uma vez por outra façam ato de presença em questiúnculas pessoais, como acontece em tôda a parte. Mas, se há lugar onde a frase famosa — "tudo nos une, nada nos separa" — encontre plena e rasa justificativa, é alí mesmo, naqueles confins do Brasil, separados da terra argentina por quilômetro e meio de rio. Um rio que, para mais ainda unir as duas nações vizinhas e os dois povos, está batizado com o nome de um terceiro país não menos nosso amigo e devotado vizinho: Rio Uruguai.

BÔAS FESTAS

Aos registros anteriormente feitos, devemos acrescentar o recebimento, ainda, das seguintes mensagens de Boas-Festas que nos mandaram: — RKO-Radio Pictures — Zenaide Andréa — Osmard Andrade — Rádio Mauá — Z. Corrêa — União Brasileira de Compositores — Nadir de Melo Couto — Hotel S. Luiz, de Pôrto Alegre — Universal Filmes S. A. — S. Brasileira de Autores, Compositores e Editôres de Música — Pascoal Longo, Rádio Ministério da Educação — Rádio Sociedade Guanabara Ltda. — Russo do Pandeiro — Columbia Pictures of Brazil, Inc. — Ronaldo Lupo — Revista "Revelação" — Margot e Oscarito — Carlos Couto — Katucha — Jefin Ranowich, França Filmes S. A. — Louis Serrano e Sra. — Alziro Zarur — Luana — Edgar Freitas — Abi Detcher — Walter Pinto — Katucha — Francisco Cupello e família — F. Cupello & Cia. Ltda. — Moacir Fenelon — Fábrica Odeon — Hugo Ramos Filho — Tijuca Tênis Clube — Cordélia Ferreira — Anselmo Duarte — Celso Guimarães — Alma Flora e Salu de Carvalho — Augusto Henriques — Fernando Moncorvo — Renato Machado — Vocalistas Tropicais — Cinematográfica Maristela — Al Neto — Joel Almeida — Michel Simon — Anélio Latini Filho — Cirene Tostes — Mme. Corrêa — Dolly Rosa — Pedro Marques Nunes — Liga de Proteção aos Cegos — Sérgio Cardoso e Nícia Silva — Alberto Conrado — Mc.Cann Erickson Corp. of Brazil — Nássara — Edgard Proença — Tito Leite.

MEDÉIA CABOCLA

(Cont. da pág. 45)

A própria Tereza, mulher de Zé Pedro, veio abrir.

— Quero falar com Zé Pedro. — A dona da casa não a conhecia. Surprêsa daquela mulher, que alguma coisa transtornava, entrou, voltando um minuto depois. O homem estava adoentado, não podia atender.

— Pois diga a êle que é Lindaura. Vim sòmente para dizer que os *fio* dêle estão morrendo.

A estas palavras, quase gritadas, Zé Pedro surgiu de dentro com o rosto amarfanhado do sono velho e sem cuidados.

Lindaura pôs-se-lhe na frente.

— Tá aqui a chave da tua casa. Vai vê os *teu fio*.

Adivinhando a desgraça, o homem pulou para fora. Meteu-se para o sitio, a pé, sem dar ouvido à espôsa que, sem compreender o lance, muito aflita, o chamava.

Zé Pedro já ia longe. Corria.

Atrás, Lindaura, como a própria fatalidade, avançava.

Já era manhã quando chegaram. Zé Pedro foi bradando logo, da cancela:

— Zèzito! Nita! Fulô!

Só lhe respondeu um rumor de asas negras, fugindo de uma embaúba próxima.

O homem, alucinado, entrou em casa, arrombou o quarto...

E voltou para o terreiro cambaleando, mudo, espectral.

Além da cancela, o vulto de Lindaura o observou por alguns momentos, depois, gritando palavras que ninguém ouviu, afastou-se, lentamente pela estrada cheia de sol.

Beleza fácil

Em sua casa

LIMPEZA DA PELE

1.º Pasta de Amêndoas
2.º Água de Limpeza
3.º Creme de Massagem
RAINHA DA HUNGRIA

Mme Campos

Assembléia, 115, 1.º-Rio

Em nossos salões

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

CIRURGIA PLÁSTICA

Dr. Fausto Campos

Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.

CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO

Tratamento da pele e do cabelo

Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

"Uma caça noturna"...

...sòmente por causa de uma única pulga — é uma grande maçada!



Não se aborreça... Polvilhe sôbre o lençol e o próprio corpo NEOCID em pó... e continue seu sono, tranquilo. Use o pó, que não irrita a pele e não deixa cheiro.

Para pequenas aplicações prefira a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

A SAÚDE DO BEBÊ

FEBRES E FEBRE GANGLIONAR

DR. SABOIA RIBEIRO

Os estados febris na criança, em tôdas as idades, sem que se possa determinar sua origem ou localização, ocorrem com grande habitualidade. E' o caso, umas vêzes, que a criança, em pleno estado de saúde, é acometida de febre de 39 a 40 graus, ofegante, agitada. Mas, com a mesma improvisação com que veio, êste acesso de febre desaparece dentro de algumas horas, dentro de um ou dois dias. Nem houve tempo, sequer, muitas vêzes, para aprofundar a causa, daí que muitos lhe chamam, a essa febre, de *efêmera*.

Nem sempre é assim porém e descobre-se com facilidade a causa da febre. Algumas vêzes se desenha, ao mesmo tempo com a febre que irrompeu, um agrupamento sôbre os lábios, de vesiculas semelhantes a granulos, aparecendo tôdas de uma só vez. E' a febre herpética.

Noutras, ainda, sucedeu a febre a um repasto muito copioso (*febre de digestão*, ou melhor, de *indigestão*), ou em seguida a excesso de fadiga, como quando a criança tomou parte em jogos prolongados (*febre de esgolamento*), ou em seguida à exposição prolongada ao sol (*febre de intermação*).

Quando a febre, porém, invade o organismo da criança e êsses ou outros elementos não lhe denunciam a origem aparente, a primeira investigação a fazer é a garganta, pois nove vêzes em dez, examinando-a com o auxílio de uma colher ou do abaixa-lingua, ela se apresenta congesta e como infiltrada; algumas vêzes semeada de pontos brancos, ou recoberta de uma camada cremosa ou fibrinosa.

"A garganta explica a maior parte das pretensas febres de dentição."

Uma doença, hoje, deve sempre ser lembrada em face dos estados febris da criança. Quer presente um processo de angina (garganta), quer na ausência dêste, mas sempre que se desenvolvem processos gangliais (gânglios da nuca, do ângulo maxilar, etc.).

Essa doença é a chamada *febre ganglionar*.

A natureza dessa doença é revelada, principalmente, pelo hemograma (ex. sangue), completo, no qual o número de glóbulos vermelhos se mantém dentro de suas cifras normais, ao passo que a série branca acusa grande aumento dos linfócitos e dos monócitos, que alcançam a cifra de 30.000 a 50.000, nos diferentes casos.

A doença tem predileção especial para os gânglios linfáticos.

Os da nuca e submaxilares mostram-se tumefeitos, e o mesmo se nota nos das axilas e das virilhas.

Do fato de serem também atingidos os gânglios brónquicos, sobrevem, por vêzes, tosse, a qual se assemelha bastante à coqueluche.

E' comum a existência da amigdalite, com os caracteres da infecção diftérica (falsas membranas), baço e figado aumentados de volume, e ao mesmo tempo nefrite.

Os próprios gânglios abdominais são igualmente atingidos, acarretando dores para o ventre e no quadrante inferior direito, fazendo suspeitar a apendicite.

Como evolui a *febre ganglionar?*

Primeiramente, existe o periodo de incubação, da duração de 7 a 8 dias.

Decorrido êste, já ao terceiro dia, a tumefação dos gânglios do pescoço e dos maxilares se acusa e mais e mais, e outros se vão, a seu turno, mostrando, aqui e ali — axilas, virilhas, ventre, palpáveis ou sensiveis à dor.

Às vêzes, a fabre ganglionar é o seguimento mórbido de um processo de amigdalite ou uma gripe.

Apresenta-se, então, com uma adenite aguda, muitas vêzes, localizada no ângulo-maxilar.

Umas vêzes, a adenite supura; outras se resolve, mas lentamente.

Como são comuns na criança e pertencentes a outras moléstias as formações gangliais desenvolvendo-se nesse ou naquele ponto, convém ter em mente certas noções para evitar confusão com a doença de que nos ocupamos.

Assim, na tuberculose da criança, podem-se encontrar gânglios numerosos, pequenos e duros, situados nessa ou naquela região, bem como outros estados, inclusive na sifilis infantil.

Como dissemos, sòmente no exame do quadro hemático existe um elemento apreciável, capaz de dar a chave do diagnóstico.

As lesões bucais concomitantes induzem antes ao diagnóstico de outros processos, quando de natureza necrótica ou gangrenosa: leucemia, difteria, angina de Vinvent.

Embora de marcha, na maioria das vêzes, arrastada, costuma ser benigna a febre ganglionar, terminando pela cura.

No trtamento ter-se-á em conta, principalmente, o estado-geral, controlar o estado febril, e instituir o tratamento de base por meio da vitamina C em dose eficiente.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

E. G. (Nesta) — O mau-hálito de seu filhinho demanda, antes de nada, o exame da bôca — dentes e cavidades. Leve-o ao dentista e ao médico de garganta e é muito provável que êste o mande para o pediatra, com vistas ao tratamento do estado-geral.

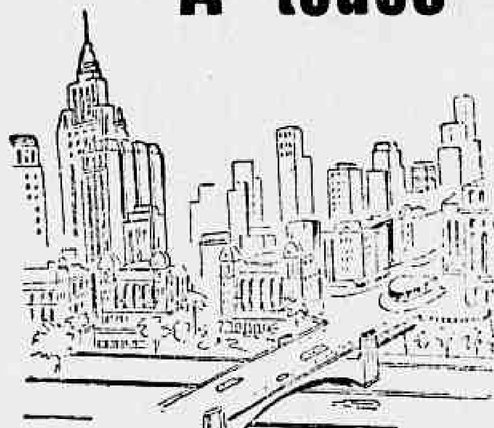
L. P. (Campos) — A gordura pastosa de seu filhinho, para a idade dêle e pelo que escreve, parece ser resultado de muita farinha. Reduza os mingaus para dois apenas ao dia. Dê-lhe duas sopinhas e frutas na hora do lanche.

M. R. (Nesta) — Essas manchas grandes e espalhadas por todo o corpo com edema no dorso das mãos e dos pés e também nos antebraços e pernas sugere muitas hipóteses, inclusive do êrro alimentar.

Porém é muito possivel que se trate de uma predisposição individual da criança impondo uma modificação do regime, ao lado de alguma prescrição medicamentosa, como a terapêutica anti-histaminica. Essa a orientação que lhe dou, o mais é com a senhora.



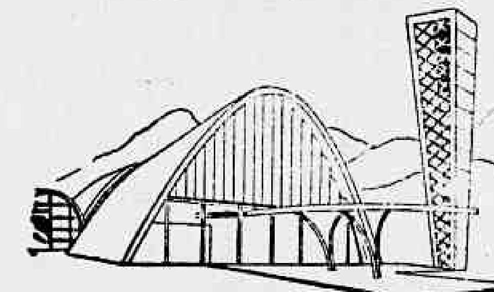
A todos



os pontos



do Brasil



extende-se



o "conforto aéreo" da



Ao planejar sua viajem, consulte o nosso agente: fornecer-lhe-á tod s os informes que des jar.

AEROVIAS BRASIL

ANAM

2 PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE



O "ÓLEO DE AMENDOIM MARILÚ", obtido pelo processo **Dialop** de triplice refinação e

a "FARINHA DE TRIGO MARILÚ", obtida pelo **Moinho Guanabara** do trigo puríssimo, de excelente aplicação em pastelarias, doces, massas e nos mais delicados fins culinários.

★

Êstes dois produtos DIALOP são genuinamente brasileiros e se fazem necessários a cozinha, quer pelos seus empregos variados na culinária, quer pelas suas altas qualidads nutritivas.



DIANDA, LOPEZ & CIA. LTDA.

Rua Buenos Aires, 48 — 4°. and.

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

Contendo entre mil e uma atrações:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANÊTA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.



E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".



À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL
PREÇO: — Cr$ 20,00



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.

A HERANÇA DE . . .

(Cont. da pág. 23)

nhou-o em cheio nas pernas! O pracinha soltou um grito alucinante e tombou ao solo. A sua imprudência salvou a patrulha, porque os seus companheiros alertados pelo fogo inimigo, fizeram-lhe o cêrco, capturando-os imediatamente.

Com imensas dificuldades conseguiram arrastar Eduardo para a relaguarda; conduzido para o Hospital mais próximo, enquanto os médicos os atendiam, êle queimava-se numa febre tremenda. Em seu delírio, entre palavras desconexas e gemidos de dor, chamava insistentemente por D. Ana, por Cláudio e, principalmente, por Lena. Tôda a sua tragédia era revivida desordenadamente, seus sofrimentos brotavam-lhe dos lábios; era um quadro impressionante!

Seu restabelecimento foi demorado; longo tempo estêve internado naquele hospital.

Quando obteve alta, recebeu ordem de seguir para os Estados Unidos, onde os adiantamentos da medicina viriam ajudar-lhe e amenizar-lhe os sofrimentos.

As dores tremendas que passara devoraram-lhe aquela alegria que lhe era peculiar, e fizeram surgir prematuramente em sua cabeça os primeiros fios de cabelos brancos.

Tempos depois, êle voltou ao Brasil; a guerra já havia terminado, mas deixara para êle, como triste herança, aquelas pernas artificiais! Ao fitá-las, amaldiçoava os homens que, por ambições tôlas, lançavam-se em luta bestial, arruinando a existência de milhares de jovens como êle.

Como consôlo lhe restava apenas aquela medalha que, pela sua bravura e coragem, havia conquistado no campo da luta.

Hoje, o que era êle? Um simples farrapo de homem, inutilizado para tôda a vida, e condenado a arrastar aquelas pernas que detestava!

O mundo já não mais existia para êle; o seu entusiasmo por tudo que se referisse à vida, a sua energia, a sua vitalidade, o seu humor, a sua mocidade, tudo tinha desaparecido durante a guerra. Além do mais, o falecimento de D. Ana tinha aberto um vácuo em sua vida, que jamais seria preenchido.

Lena havia casado-se com um fazendeiro abastado, na mais alta personificação do casamento "comercial".

Restava-lhe agora sòmente Cláudio, o irmão amigo de sempre, que agora, mais do que nunca, procurava fazer tudo para agradá-lo. Os dois viviam juntos, em completa harmonia. Cláudio passava o dia todo trabalhando fora, e Eduardo ficava só, sempre naquela velha cadeira de vime, que já era uma espécie de confidente sua. Aí êle relembrava sua vida, uma vida que fôra sacrificada por uma guerra estúpida.

Apanhou um jornal, e tôda a primeira página só falava de uma possivel terceira guerra mundial; seus olhos então se encheram de lágrimas; êle pensava em quantos jovens, que seriam arrancados de seus lares, como êle o fôra, para ser atirados numa carnificina sem precedentes, sem ideais e sem moral.

— Pobre humanidade! — pensou. — Até quando essas nuvens perigosas cobrirão seu céu? Até quando êsse clima de instabilidade e de incompreensão envenenarão o ar que respiramos! Enquanto os homens persistirem em pontos-de-vista errados, e não transigirem em favor de uma compreensão melhor, a paz será apenas um mito, um sonho utópico!

Com as lágrimas a rolar pela face, Eduardo fixou o olhar naquelas pernas artificiais, levou-o vagarosamente até à medalha que retratava a sua intrepidez e cravou-o no horizonte distante; ao longe êle vislumbrava os vultos imprecisos de D. Ana e de Lena, que pouco a pouco iam desaparecendo, ofuscando-se na imensidão do espaço! Seu pensamento ainda vivia do passado!

Aquêle olhar perdido era o reflexo do seu estado d'alma; era um olhar sem brilho, vago e perdidamente torturado, que procurava comunicar ao infinito uma existência de sangue e de dor!

MÉDEIA CABOCLA

(Cont. da pág. 31)

cipalmente ao último que lhe nascera, o Zèzito, de olhos violáceos como os da mãe, mas de pele alva, como a deveria ter êle quando criança. E mais o amava por vê-lo tão frágil e doentio. Eram os meninos a única fôrça que ainda o prendia àquelas solidões.

Mas, o velho amor o empolgara com novas seduções. Descurou dos próprios filhos. Nos fins de semana já deixava de trazer da feira os mantimentos para a alimentação tão simples de sua gente.

Afinal, Lindaura explodira. Que sabia de tudo. O Chico carreiro lhe tinha dito que o Zé Pedro era o dia inteiro, debaixo da gameleira, em Cruz de Pedra, defronte da casa da sujeita. Que êle não facilitasse com ela. Não a conhecia. Ao menos desse de comer aos filhos. Do contrário (por mim não!), que morra tudo de fome.

A princípio, Zé Pedro retrucava. Era mentira de Chico. Êle estava era danado porque lhe negara uns cobres, no dia da briga de galo do Muriel.

A vida prosseguiu. A mulher trabalhando, o homem desamoroso e ausente. E tudo continuaria no mesmo se uma tarde não dessem à Lindaura a nova terrivel. Zé Pedro ia casar! Era coisa resolvida. No outro sábado.

Na véspera dêsse outro sábado, sexta-feira de tardinha, Zé Pedro apareceu, ressabiado, depois de dois dias de ausência.

A mulher, que viera ao seu encontro, na porteira, foi dizendo.

— O' Zé! Os meninos só têm comido farinha sêca e aipim. Isto é direito, homem de Deus?...

Zé Pedro vasculhou os bolsos e, entrando em casa pôs alguns niqueis em cima da mesa.

Os olhos de Lindaura piscaram de pura raiva, mas não disse mais nada. Concentrava-se. Logo mais notou que, no quarto, trancado por dentro, o seu homem de cá para lá fazia alguma coisa. Desconfiou. Era o embrulho dos seus pertences. Como que estava vendo: uma camisa listrada, uma de xadrezinho, uma roupa de brim mescla, outra de casemira marron. Em seguida, Zé Pedro chamou os filhos para a casa de farinha, disfarçadamente, e Lindaura percebeu que os beijava, falando baixo.

Ficou assuntando, em expectativa. O homem chegou-se, embrulho debaixo do braço e de pé, em frente dela, que se sentara muda no banco do terreiro:

— Linda, vou fazer uma viagenzinha. Coisa de dois dias. Vou levando minhas roupas, que posso ter precisão... Domingo ou segunda estou por cá.

E, Lindaura, muda, a olhá-lo com seus olhos côr de violeta, que a raiva recalcada escurecia.

Zé Pedro afastou-se. Já ia perto da cancela, quando Lindaura o chamou:

— Zé! — e aproximando-se, descontrolada: — Tu não me engana, Zé. Tu vai é *casá*.

O homem protestou frouxamente.

— Que maluquice é esta? Se eu tivesse de *casá*, só casava com a mãe dos meus *fio*.

Depois, já em tom firme e repreensivo:

— Quem lhe meteu isso na Cabeça, Linda? Chico carreiro, com certeza. Olha, mulher, se êsse *desinfeliz* merece mais confiança do que eu, fica-te com êle que já estou compreendendo a tramóia — era tal a veemente sinceridade de sua voz que Lindaura abrandou. Sem ouvir o insulto das últimas palavras, pegou-lhe da mão.

— Você volta, Zé?

— Que bobagem, Linda.

— Olha, Zé, eu lhe espero até segunda... Se você não vier... Eu não sei... Os meninos sem de comer... Faço um despropósito, Zé.

— Domingo, domingo mais tardar estou aqui.

Passou o domingo e Zé Pedro não voltou. Casado, com certeza, lá no quarto da outra, deitado com a outra. Escasseavam as provisões. Um ódio imenso desvairava a mulher abandonada. O espetáculo das crianças brincando, indiferentes, e devorando tudo, mais lhe acendeu o furor que a dementava.

Chamou os três, meteu-os no quarto e trancou a porta por fora.

Nos primeiros instantes aquilo constituiu para os meninos um divertimento, uma brincadeira nova de que se aproveitaram, espojando-se na cama, remexendo o velho baú de couro. Mas, com o prolongar da brincadeira, já fartos da novidade, chamaram pela mãe. Queriam sair.

De fora, Lindaura ralhou:

— Fiquem quietos. Quando o pai chegar, eu solto vocês. *Mas sòmente quando o pai chegar*.



e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



MEDÉIA CABOCLA

E o pai não chegou.

Passou a segunda, já era têrça de tarde e as crianças prêsas, sem água e sem comida.

Quem suspeitaria aquêle horror? Enlouquecera a mulher? Não. Apenas odiava e o ódio pode tornar-se a mais terrível das loucuras.

Logo que os meninos compreenderam que aquilo era um castigo, abriram a bôca num berreiro desesperado — me solta mãe? me solta! — pediam água e comida aos soluços. E sempre a mulher implacável lhes respondia de fora:

— Quando o pai chegar.

E os meninos berravam.

— O pai! O pai!...

Havia momentos em que um silêncio ofegante saía do quarto.

Lindaura chegava-se um tanto alarmada, desejando no íntimo que Zé Pedro aparecesse:

— Nita! Fulô!

— Nhora, mãe? — respondia uma voz débil.

— Zèzito? Que é que êle tá fazendo?

— Dormindo, mãe.

E recomeçavam, com voz lamentosa.

— Abra essa porta, mãe. Estou com sêde, mãe.

E, excitadas pelas próprias lamúrias, renovavam o berreiro, cada vez mais espaçado e cada vez mais fraco. Tão tímidas sempre, agora insultavam a mãe a ver se assim abria para bater-lhes pelo menos.

— Abre, marvada.

— Abre, peste.

Na quarta, o chôro se tornou um lamento baixo e manso. Houve apenas um grito mais alto.

— Mãe, vem ver Nita. Acode que ela está me mordendo como cachorro danado.

Lindaura, arrepiada, compreendeu, como comprendera o silêncio do menorzinho, o mais fraco dos três, com aquela amarelidão e aquela magreza que mais realçava o volume da barriguinha inchada.

Compreendeu e resolveu-se.

A soltar as crianças? Não. A sair.

Fechou a porta da casa e ao lusco-fusco da noite que baixava, rumou para Cruz de Pedra, muitas léguas distante.

Ia lentamente, como se lutasse contra fôrças poderosas que a prendiam, que a puxavam para trás.

Na estrada, de vez em quando, brilhavam os faroletes dos olhos das cabras, que ruminavam na orla do mato. Começou a chover forte. Lindaura abrigou-se sob uma quixabeira pontilhada de frutos negros e ali passou a noite inteira, trêmula e imóvel, até que, passado o aguaceiro, já manhãzinha, se pôs a caminho novamente.

Chegou tarde da noite e foi bater a uma casa que lhe indicaram.

(Cont. na pág. 41)

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 23 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — ONDE FICA A CIDADE DE BIZERTA:

Na Tunisia?
Na Europa?
No Egito?

2 — QUE QUER DIZER BLASONAR:

Fabricar Brasões?
Vangloriar-se?
Defender tese?

3 — QUAL O RIO QUE BANHA A CIDADE CATARINENSE DE BLUMENAU:

O Itajaí-Açu?
O Canoas?
O Araranguá?

4 — COMO ERA O NOME TODO DO FAMOSO POETA BOCAGE:

José Vicente Barbosa de Bocage?
João Manuel Maria Bocage?
Manuel Maria Barbosa de Bocage?

5 — COM QUANTOS ANOS DE CASADO SE FESTEJAM AS BODAS DE OURO:

50?
25?
70?

6 — QUE NOME DAO, NO RIO GRANDE DO SUL, AO FOGO FATUO:

Santelmo?
Boi-tatá?
Exalação?

7 — DE QUE PAIS ERA FILHO SIMÃO BOLIVAR:

Venezuela?
Colômbia?
Bolivia?

8 — QUE QUER DIZER OROGRAFIA:

Descrição dos rios?
Parte da Geografia que trata das montanhas?
Estudo das madeiras?

9 — QUE ERA UMA «BOMBARDA»:

Arma de guerra da Idade Média?
Medida para distribuição de terras?
Espécie de facão?

10 — QUAL O OPÔSTO A BOMBORDO:

Escotilha?
Ré?
Estibordo?

11 — A QUE SE LIGA, NA SUÉCIA, O NOME DE BONDE:

A uma Companhia de transportes urbanos?
A um pôrto?
A importante e ilustre família?

12 — QUAL DOS PAPAS BONIFÁCIOS O QUE ERA CHAMADO MALIFACIO PELO POVO:

Bonifácio VII?
Bonifácio III?
Bonifácio V?

13 — QUE ERA BOOZ:

Nome de uma seita?
Personagem Bíblica?
Nome de um povo?

14 — QUE DESCOBRIU A ILHA DE BORNEU:

Os portuguêses?
Os holandeses?
Os espanhóis?

15 — QUE QUER DIZER «BORREGO»:

Riacho pouco fundo?
Carneiro novo?
Burro velho?

16 — QUE SIGNIFICA A PALAVRA «BOTANOMANCIA»:

Estudo das plantas medicinais?
Adivinhação por meio das plantas?
Arte de fabricar flores artificiais?

17 — QUAL DESTES VOCABULOS E' SINÔNIMO DE GARRAFA:

Lingote?
Botija?
Botelha?

18 — QUE QUER DIZER BOTUCATU:

Lugar de bom tempo?
Rio escuro?
Terra vermelha?

19 — A QUAL DESTAS ESPÉCIES PERTENCEM OS GAFANHOTOS:

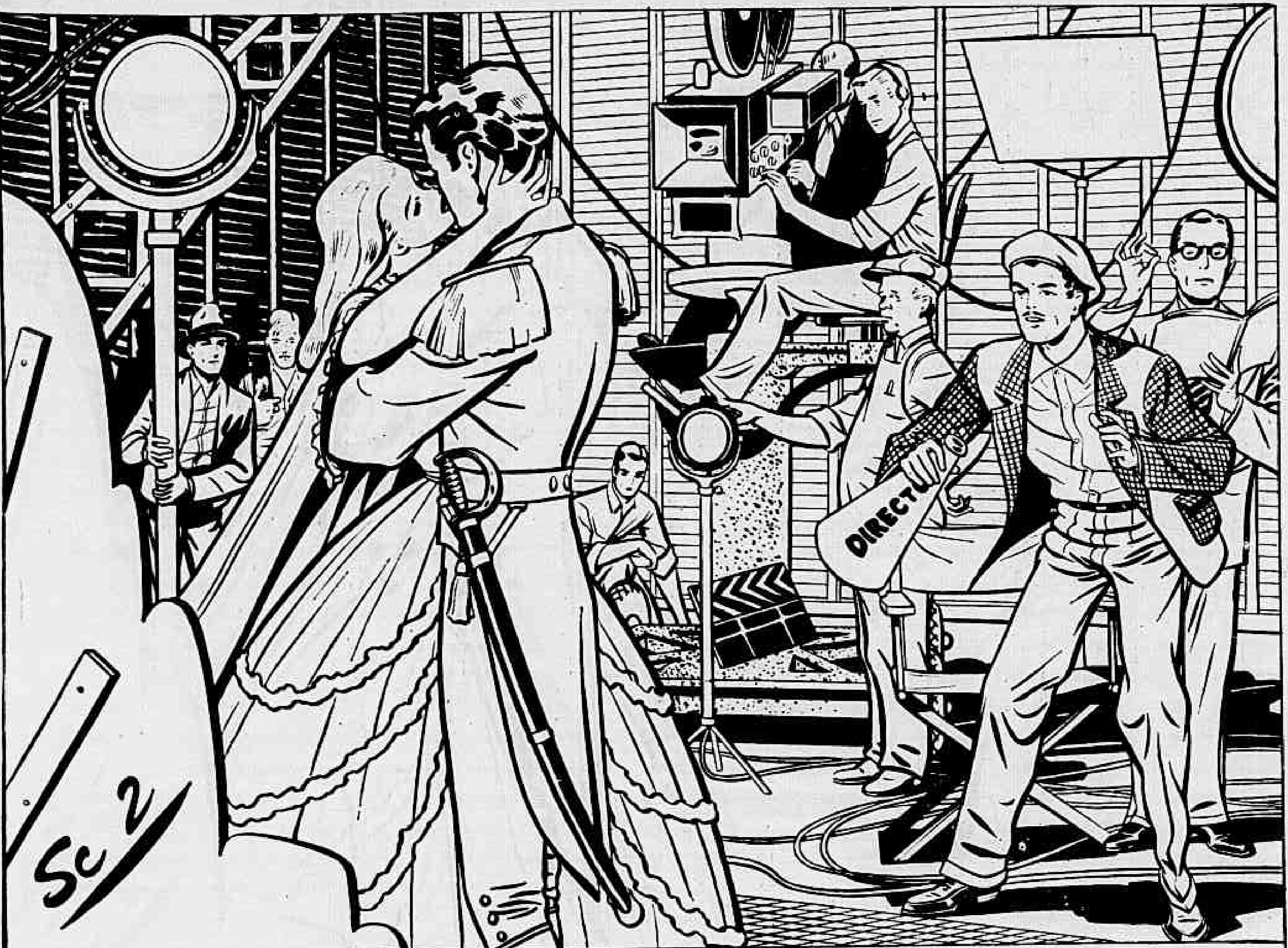
Lepidópteros?
Ortópteros?
Himenópteros?

20 — QUAL O ESCRITOR PORTUGUÊS QUE ESCREVEU O ROMANCE «A BRASILEIRA DE PRAZINS»:

Eça de Queiroz?
Abel Botelho?
Camilo Castelo Branco?

(Respostas na página 58)

SUPLICIOS DO AMOR



Eu nunca estive interessada em fazer carreira no cinema, mesmo que vencesse algum concurso para ir a Hollywood, e trabalhar com Jerry Lothrop. Era êsse astro o meu artista ideal, o meu sonho. Mas, ao sentir que êle me beijava diante das câmaras, comecei a caír de amores por êle!



1

SERA' DIANA LUDIBRIADA PELO ARTISTA COMO TANTAS OUTRAS?

Naquela noite, quando Jerry me levou ao Clube de Moças onde eu morava...





Eu sabia que não devia dar mostras de estar apaixonada por êle.





Todos no estúdio conheciam a reputação de Jerry. No dia seguinte...

Aquêle Jerry Lothrop! E' um demônio! Quando uma jovem pensa que é direito, êle a despreza. Dizem que se apaixona por tôdas as artistas com que trabalha.

Evidentemente eu reconheci que era preciso ter cautela com o caso. Quando eu trabalhava ao seu lado, interpretava magnìficamente o meu papel. Jamais me saía tão bem! Eu me sentia alegre, eufórica. Um flirtezinho não faz mal e eu mesma já havia feito o mesmo com outros rapazes...

Pagava eu, assim, na mesma moeda...



2

Tudo isto aconteceu

MEUS OITO ANOS

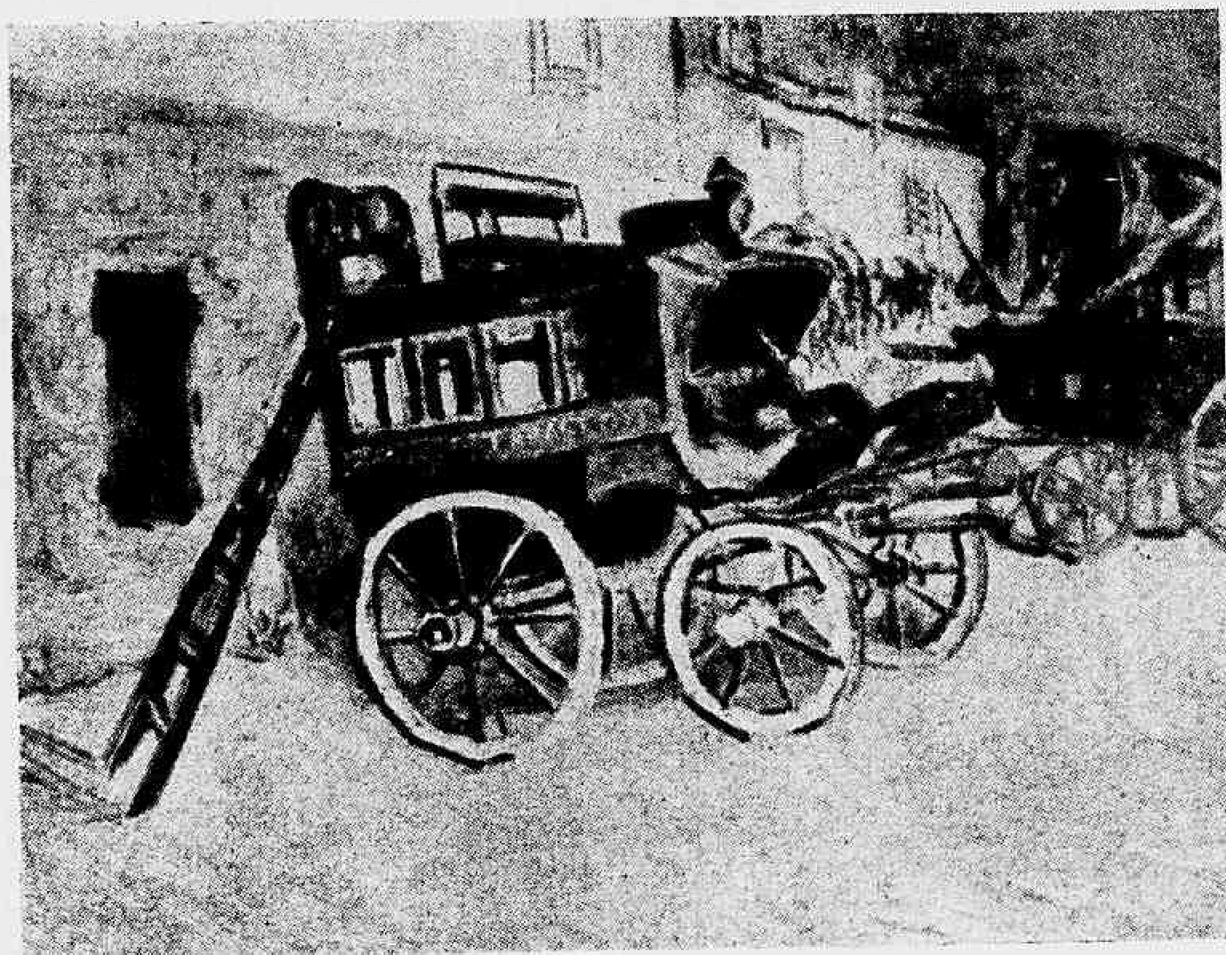


A 4 de janeiro de 1839, nascia o mavioso e encantador poeta Casimiro José Marques de Abreu, na vila de Barra de S. João, caminho para Macaé, Cabo Frio e tantas paragens maravilhosamente belas do panorâmico Estado do Rio. Ocorreu, pois, mais uma aniversário do nascimento do imortal cantor das «Primaveras». Ninguém se lembrou de dedicar-lhe uma linha em nossa imprensa mais ocupada com os escândalos do dia, do que com as tradições espirituais de nossa terra e de nossa gente. Sòmente o «Calendário Nacional» de Renato Silva registrou o evento acompanhado das ilustrações de sempre. O nome de Casimiro de Abreu merece ser lembrado nas escolas, nas associações literárias, nos próprios salões aristocráticos de nossa sociedade, infelizmente tão materializada. Êle foi um mártir de sua vocação poética, um gênio da poesia lírica, um brasileiro que sentiu a beleza da terra e amou-a como ninguém poderia amá-la. Dentre seus verses um há que é o enlevo da mocidade. E'?... Que dizemos nós? Não, leitor: era. Era o enlevo da mocidade, da juventude de outrora. Não havia mneino de primeiro ano escolar que não soubesse de cor a encantadora poesia «Meus Oito Anos». «Oh! Que saudades que tenho, da aurora de minha vida, da minha infância querida, que os anos não trazem mais»! Que amor! Que sonhos! Que flores! «Naquelas tardes fagueiras, à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais!» Canta Casimiro de Abreu a sua vida de criança «atrás das asas ligeiras das borboletas azuis, correndo pelas campinas à roda das cachoeiras...» E a «o mar — é um lago sereno, o céu — um manto azulado, o mundo — um sonho dourado, a vida — um hino de amor».Ah! Casimiro! se resuscitasses hoje...

COMO NASCEU O SAMBA



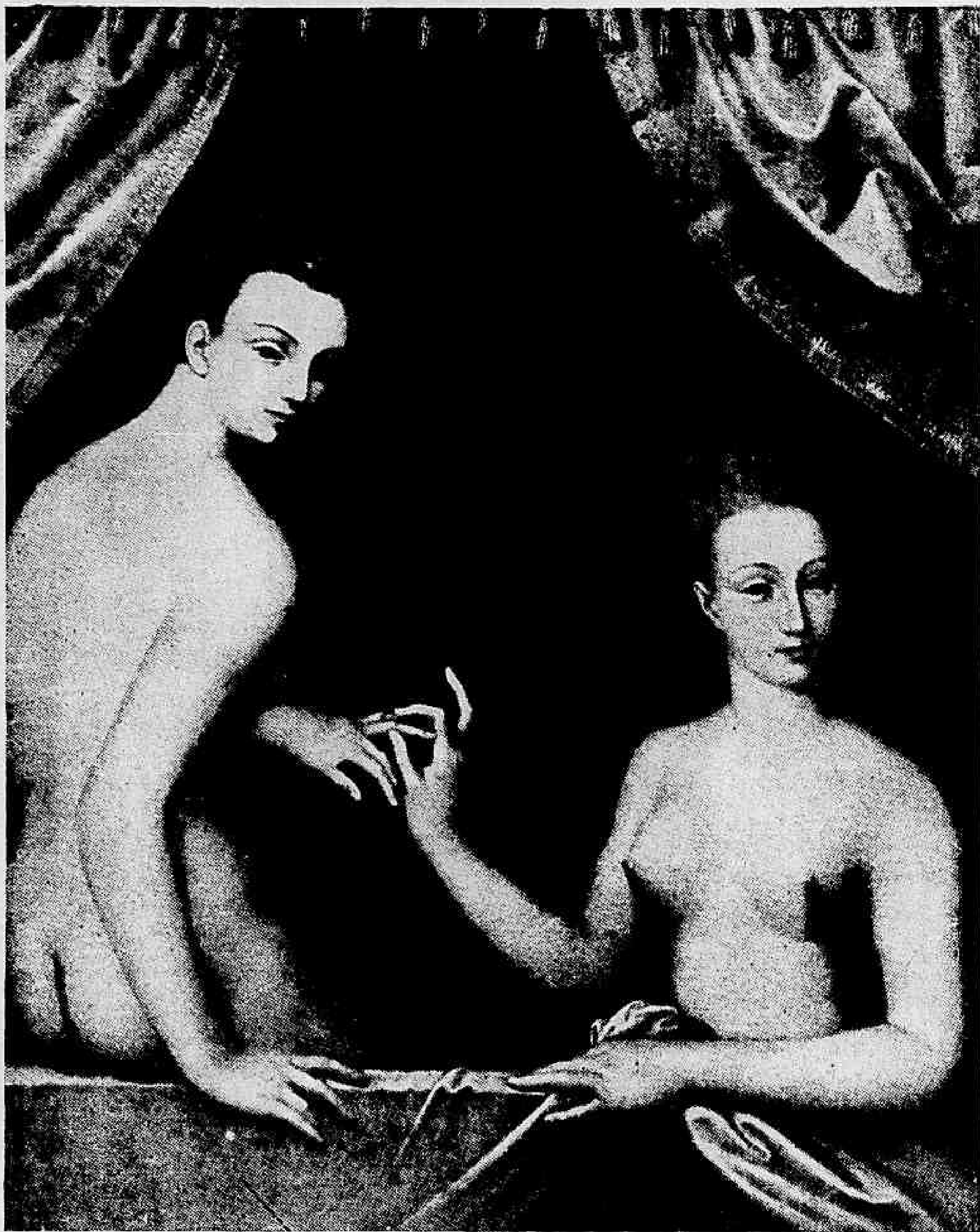
OS estudiosos da arte coreográfica negróide, assim como os interessados em esclarecer nossos princípios de civilização, dizem que o samba nasceu assim: — Um prêto velho bahiano, isto é, um nagô residente na Cidade do Salvador, escravo e pai de escravos, um dia sentiu-se às portas da morte. Chamou a espôsa e os filhos e disse que era chegada sua hora. Como era natural, houve lágrimas, urros, pedidos de bênção. O negro velho, porém, pediu que o deixassem a sós com um dos filhos, e a êste contou um grande segrêdo: Em tal lugar, assim, assim, estavam enterrados seis contos de réis em ouro e prata. Essa importância estava destinada a comprar sua carta de alforria. Que o filho a empregasse na libertação de outros membros da família escrava». O rapaz saiu direto ao local. Desencavou a bolada e... fugiu para Belém do Pará. Não soube mais da família, nem do pai, nem de sua morte. Meteu-se em negócios e prosperou, tornou-se rico, opulento. Um belo dia soube que o pai não morrera, tendo escapado à morte. O negro ficou horrorizado. Que fazer? Aquêles seis contos eram malditos! Quem sabe se ainda não iriam causar-lhe a morte? Era o remorso. O velho o havia amaldiçoado. Para libertar-se da angústia, mandou à Bahia um emissário a fim de rogar ao negro velho o seu perdão. O africano ouviu tudo e sentenciou: «aceito a sugestão de meu filho; mas que êle venha pedir-me perdão aqui». Sabendo da resposta paterna, exultou e embarcou para a Bahia. Trazia muito dinheiro, presentes e os seis contos roubados. A família organizou uma função litúrgica e ali se realizou, com todo o cerimonial o ato do perdão. Os atabaques estrugiram e as danças começaram. O velho exclamou: «Mofo Rijum e» (Eu te perdôo) e o côro a bradar: «Sam-bá » ou seja: pague e receba. Era o primeiro samba, uma espécie de «marmelada»...



ESTA DILIGÊNCIA é famosa na história da pintura na própria vida do pintor Van Gogh. Embora seja desconhecida, essa tela tem grande valor artístico e histórico. Chama-se «A Diligência de Tarascon», e acaba de ser vendida por 85 mil dólares, ou seja trinta milhões de francos, a um colecionador de Nova York. Em moeda brasileira podemos dizer que regularia uns dois milhões de cruzeiros, o que já daria para uma festa... Está perfeitamente identificada pela correspondência, o próprio artista que disse numa de suas cartas: «Acabo de pintar muito simplesmente uma diligência vermelha e verde, num pátio de albergue. Tem interior amarelo e cinzento, janelas verdes, manchas azuis, prêtas e côr de laranja. Talvez não encontrasse quem comprasse a obra. E hoje...



CLÉO DE MERODE FOI A BELEZA típica da época do «can-can» nas cenas de Café-Concêrto na capital francesa, na idade de ouro da Terceira República, ou seja o período de 1900 a 1914. Cléo, nascida na Bélgica em 1885, gozava da amizade do rei e dos príncipes, além do prestígio de muitos outros figurões da Côrte de Leopoldo II. Foi ela quem lançou a moda do penteado com que a vemos acima, denominado «a la Merode». Tem ela hoje apenas 66 anos, mora em Paris, e acaba de ser muito comentada nos meios forenses e na imprensa, em face de um processo que move contra a Rádio francesa. Que saudades dos tempos em que um palminho de perna...



ÊSTE BELÍSSIMO QUADRO representa uma das mais famosas telas da Escola de Fontainebleau, na segunda metade do século XVI e se refere ao retrato de Gabriella d'Estrées ao lado de sua irmã, a duquesa de Villars. As duas damas nobres estão no banho, e vemos Gabriella, que era amiga de Henrique IV, num gesto que nunca pôde ser interpretado: apertando o dedo anular de sua mana com o indicador e o polegar, conservando uma atitude que a tela deixa dentro das mesmas dúvidas e dos mesmos mistérios que o célebre retrato de Gioconda... Êste quadro, bem como mais alguns que se encontravam em Firenze, na Itália, foram recuperados em 1948, depois de estarem em poder de Goering, desde 1941.



OS MILHÕES DE "BEGUM" espôsa de Marajá indiano e que foram roubados, faz pouco tempo, em França, movimentaram meio mundo. O roubo não foi pròpriamente em dinheiro e sim em joias caríssimas e também raras no superlativo. Aqui vemos três dos causídicos que tomaram a peito as diligências e a defesa dos acusados: Ivette Giraud, sobrinha de Moro-Giafferi; Marchetti, à esquerda e Chiappe à direita. Até agora foi esta a maior causa que já lhes passou pelo escritório de advocacia. Dez gangsters já foram agarrados por treze policiais e defendidos por doze advogados. Dos gangsters, 4 são corsos; dos 13 policiais, oito são corsos, e dentre os doze advogados, onze também são da Córsega.

A RELIGIÃO DO "EU SOU"



HÁ muita coisa sob o sol que a gente não sabe como existe, nem do que vive, nem como vive. Veja-se o que sucedeu, faz poucos dias com uma seita religiosa existente no Novo México, Estados Unidos, precisamente na cidade denominada Santa Fé.

Êsses religiosos pertencem à seita chamada "Eu Sou", nova espécie de crença no Além e no Aquém, pela estudiosa dos problemas do "Ser", a senhora Edna Ballard, que está perfeitamente convencida de haver resolvido os mistérios do Infinito.

Em tôrno dos adeptos do "Eu Sou" tem havido muita propaganda e as fileiras da crença aumentam a todo instante. Mas, infelizmente, tudo o que tem origem nesta Terra de sofrimentos e interêsses mesquinhos é defeituoso "ab ovo". (Êsse "ab ovo" é latim e quer dizer: *desde a origem*).

Bem. Mas, com ôvo ou sem êle, com latim ou sem o tal, é verdade incontestável que qualquer invenção dos homens (e das mulheres, é claro), sofre restrições e padece dos males econômico-financeiros. Por êsse motivo, irrompeu entre a fundadora Edna Ballard e vários filiados ao "Eu Sou", uma questão de 62 mil dólares.

Estava o caso correndo os seus trâmites legais, quando um repórter do jornal "Santa Fé New Mexican" descobriu a história e a lançou nas páginas do órgão.

Como não podia deixar de suceder, a reportagem, em forma de sensacionalismo, empolgou a população e os membros do "Eu Sou" ficaram indignados. O fato existia, na verdade; mas devia continuar sem escândalos. Reuniram-se os religiosos e deliberaram ir ao jornal. Compareceram à redação, verberaram o procedimento do repórter e da direção, ameaçaram-nos com a condenação eterna e concluiram tudo a socos, deixando a cara de três redatores em petição de miséria. "Eu Sou"... do barulho!



ESTA QUE AQUI VEMOS com ares de Madona Dolorosa em dia de Via Crucis é a famosa artista do cinema italiano Lyda Borelli. Foi a primeira artista do cinema europeu que conseguiu fascinar a platéia do mundo inteiro e iniciou a era da «grandes estrêlas». Nasceu em 1886. Aos 27 anos chegava à culminância da glória na Sétima Arte, com o belo filme «Ma l'amor mio non muere» (Meu amor não morre). Espírito de grande sensibilidade, logo depois da terminação da primeira grande guerra, Lyda Borelli deixou o cinema, afastando-se completamente das lutas teatrais. E' de uma beleza fascinante. Isto é, era...

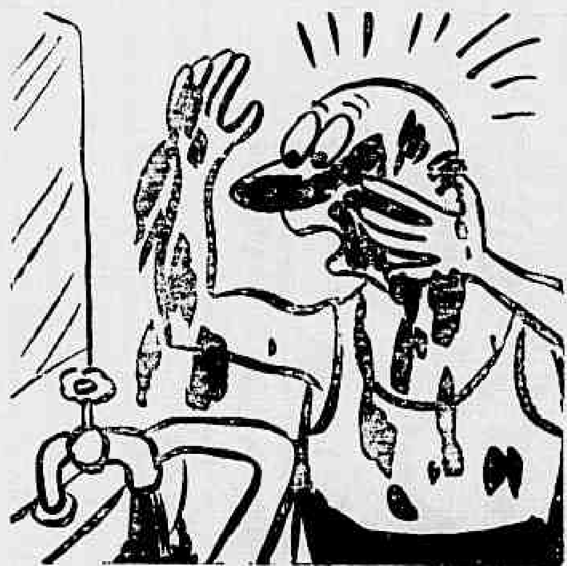


UMA VISÃO PANORÂMICA DA PRAÇA DE S. PEDRO, em Roma, por ocasião da solenissima cerimônia da proclamação do dogma da «Assunção de Maria», como fecho de ouro ao Ano Santo. Calculam que mais de quinhentas mil pessoas afluiram para a imensa praça, ocupando todos os espaços e espalhando-se pelos arredores da basílica. Em 1854, no mesmo mês de dezembro, o Papa Pio IX havia proclamado que a assunção da Mãe de Cristo era artigo de fé. Agora, porém, coube ao Pontífice Pio XII criar o novo dogma da Igreja Católica, com a certeza de que N. Senhora depois de sua morte subira ao Céu como vivera na terra. Êsse dogma é uma arma contra o materialismo que ameaça o mundo, e, se não possui valor pròpriamente teológico, inaugura nova época na imortalidade da Igreja de Cristo.

PETRÓLEO É MATO

A história do petróleo já tem fornecido material para muita página interessante, e, por vêzes, trágica. Não sabemos se o leitor está a par daquele caso no México, quando uma Companhia de Petróleo abriu falência por excesso... de produção!

O caso foi simples: aberto mais um poço, o liquido negro jorrou com tal fôrça e com tamanho teor de produção que não houve depósitos que coubessem os milha-



res de barris por hora, vindos do centro da terra, nem tão pouco foi possivel fechar a torneira do cano de escapação, tal a violência do esguicho.

Resultado: enorme lençol de petróleo invadiu os campos vizinhos, alagou pastos, invadiu casas, sujou tudo de óleo espêsso e negríssimo, inutilizou campos de cultura agrícola, matou animais e desalojou centenas de camponeses.

Os prejudicados moveram uma ação contra a Companhia petrolífera e ganharam a questão, tendo ela que pagar pesadíssimas indenizações, liquidando e falindo...

Não é paradoxal? Quando se julgava que tudo aquilo redundasse em riqueza e opulência, com dividendos elevados aos senhores acionistas, sobrevem um dilúvio de petróleo e a emprêsa vai para o beleléu por excesso de produção.

Agora mesmo, acaba de suceder uma dessas coisas imprevistas em tôrno do petróleo. Na cidade de Cabot, Estados Unidos, no Arkansas, um poço de água mantido pela Municipalidade passou a vomitar petróleo. Em lugar de levar água às bicas, banheiros e lavatórios das casas, conduzia petróleo!

As donas de casa ficaram alarmadas. Tôda a população está na iminência de morrer de sêde, de ver suas roupas estragadas pelo sujo, a cidade invadida por epidemias, por falta d'água, uma vez que o precioso liquido "virou" petróleo.

CONDECORAÇÃO DE HONRA

ACONTECE cada uma! Veja o leitor o que acaba de vir a público na Itália. Em 1914, quando irrompeu a primeira grande guerra, a Itália ficou na expectativa. Sua neutralidade era perigosíssima, uma vez que ela mantinha tratado e alianças com os chamados Impérios Centrais, isto é, a Alemanha e a Àustria-Hungria, àquele tempo dirigidos pelos Habsburgos.

Deflagrada a guerra, os italianos ficaram sem saber que lado tomar: se entrar na luta junto com os aliados, ou ficar o pais na mais perfeita neutralidade, ou, ainda, aderir aos aliados.

A opinião pública não tinha dúvidas: deveria a nação lutar contra a Alemanha e a Àustria-Hungria. E foi esta a corrente que venceu, naturalmente depois de excelente trabalho diplomático desenvolvido pela Inglaterra, França, Rússia, etc. Ainda não havia tomado posição a América do Norte. Durante muito tempo, o sr. Wilson, presidente dos Estados Unidos, ficou isolacionista, achando preferível manter-se neutro.



Com o desenvolvimento da luta e o bloqueio total pela frota submarina alemã, cujos barcos puseram ao fundo do mar grande número de navios norte-americanos, os Estados Unidos decidiram entrar na briga e mandar à Europa suas fôrças de terra. O primeiro general que ali chegou, exclamou: "La-Fayette! Aqui estamos!" Era uma forma gentil de dizer aos franceses que os norte-americanos queriam saldar a divida militar da guerra da independência. Agora, o caso: os italianos entraram e pelejaram heròicamente, especialmente as unidades "garibaldinas". Terminada a guerra, foi votada uma lei para conferir aos soldados uma Condecoração de Honra. Isso ficou em discussão até agora, quando o Gabinete resolveu aprovar! Trinta-e-seis anos depois...



ESTA VELHINHA A TRICOTAR CALMAMENTE FOI vítima de uma das mais cruciantes histórias de amor... dos outros! Chama-se Maria Caropreso e mora na Vila Bruno, em Granatello de Portici, em Nápoles. Seu drama é pungente. No começo da primeira grande guerra, dois garotos lhe foram apresentados como seus filhos. Ora, ela era donzela, jàmais casara, nem sequer tivera tempo de namorar. Mas os dois rapazes, Vinício e Antônio se diziam seus filhos e queriam ser legitimados. Começou a luta. Uma certa baronesa D. foi quem arranjou a enrascada. Maria Caropreso terminou prêsa mesmo e cumpriu sentença. Libertada agora, procura esclarecer o fenômeno e limpar-se perante Deus...



ESTA LINDA "RAGAZZA" que está vestida de noiva, entre flores ole rosas por todos os lados e como que a ouvir conselhos de uma amiga ou dama de companhia, é a senhorita Cláudia, estudante de canto e que ia casar-se com um belo moço na igreja de S. José, na cidade de Roma. No momento culminante, quando os dois já se dispunham a dar o «sim» ao padre e receber a benção matrimonial, um imprevisto veio turbar para sempre a vida da linda jovem: o seu prometido deu o fora e não quis mais casar! Dizem que o motivo fôra um ciume mórbido por parte dêle, deixando a pobre Cláudia de canto chorando...



"A LAPA ESTÁ VOLTANDO A SER A LAPA"

O samba de um Carnaval antigo falava nos cabarés da Lapa, no pitoresco da sua vida noturna e, com um traço fundo de saudosismo, lamentava uma suposta decadência do tradicional recanto da cidade. Mas o que a Lapa vem a ser, na realidade, é um lugar de duas caras: uma à luz do sol, outra à luz artificial. Desde a madrugada — e depois que os cabarés fecham — a Lapa veste-se de roupagens puramente familiares, é um ponto de grande movimento e de trabalho honesto, como os que mais o sejam. Ao caír da tarde, ali se concentram milhares de operários que vêm da zona sul tomando de assalto os bondes da Light, rumo à Central, aos subúrbios, à paz do lar. E quando o último trabalhador pisou o pé no estribo — a Lapa muda de roupa, não é mais o que mostrou durante o dia, tôda a paisagem muda por completo. Um mundo suspeito começa a se agitar, um vai-e-vem de caras diferentes, que não são vistas à luz natural, aumenta à medida que a noite avança — e os primeiros rumores das orquestras barulhentas, em que prevalecem os metais estridentes, enchem o espaço.

Os "dancings", os bars, os cafés freqüentados por grupos que falam alto e bebem sucessivas cervejas geladas, tomam a vez dos estabelecimentos comerciais — as padarias, as lojas de calçado e armarinhos, as farmácias, os armazens de secos e molhados — e os cinemas das imediações, discretamente iluminados, exibem seus filmes de aventuras para uma platéia em que se misturam gente de boa categoria e os notívagos lapeanos.

Daniel Caetano passou algumas noites de observação no reduto da lapa, consultou os cronistas da Lapa de velhos tempos, fêz confrontos com a de hoje — e recolheu vasto material de reportagem que será divulgado em nosso próximo número.

Na gravura, um flagrante característico dos centros noturnos do famoso reduto carioca — a entrada de um cabaré popular, com o porteiro no seu pôsto de contrôle, vigilante e ativo.

CORREIO DA REVISTA

Dom Fernando (Rio) — Não foi aproveitado o seu "Surprêsa de Natal".

Doroty Rodrigues (S. Paulo) — "A felicidade por um fio", estêve também a ser aprovado "por um fio". Mas, o fio quebrou-se...

José Alpha (Rio) — Aprovado o seu "Um caso de amor". Continue.

Antônio Ernâni (Salvador, Bahia) — Está aceito o conto "Medéia Cabocla". Esperamos que nos mande outros.

M. V. (Recife) — A boa linguagem é essencial nos contos. Se todos gostamos de boa palestra, também devemos gostar de boa prosa escrita. Não é?

Arnaldo B. Marchetti — Rio — «Um Filósofo improvisado» ainda não nos foi entregue pela Comissão Julgadora. Logo que nos chegar o resultado, daremos informações ao amigo. Quanto ao «Ausência», se ainda não foi publicado, está na **bica.** E muito agradecidos pelos votos de felicidades, o que retribuimos.

Osman Lins — Recife — Já está com os julgadores o seu conto «Elegíada». Uma sugestão: quando escrever tais composições destinadas a revistas ou jornais, procure dar título mais simples e compreensivo.

Maria Pia del Monte — Rio «Miss Catarina» não é conto. E' crônica evocativa da infância da autora. Está conosco e poderá ser-lhe devolvida quando quizer. Para não perder o trabalho pode converter em conto literário, dando-lhe as caracteristicas do conto.

Maya — Rio — «Cobiça» foi recebido mas ainda não foi julgado.

B.R. dos S. — S. Paulo — «Em cada pétala um beijo» ainda não foi julgado. Quanto ao outro, não póde ser aproveitado.

.B.C. — Guaratinguetá — S. Paulo — Cientes.

B.O. — Bahia — Sua composição poética, em verso, não pode sair na REVISTA DA SEMANA porque não dispomos de páginas dedicadas à poética. Há, porém, nesta capital, várias outras revistas que aceitam desses trabalhos literários.

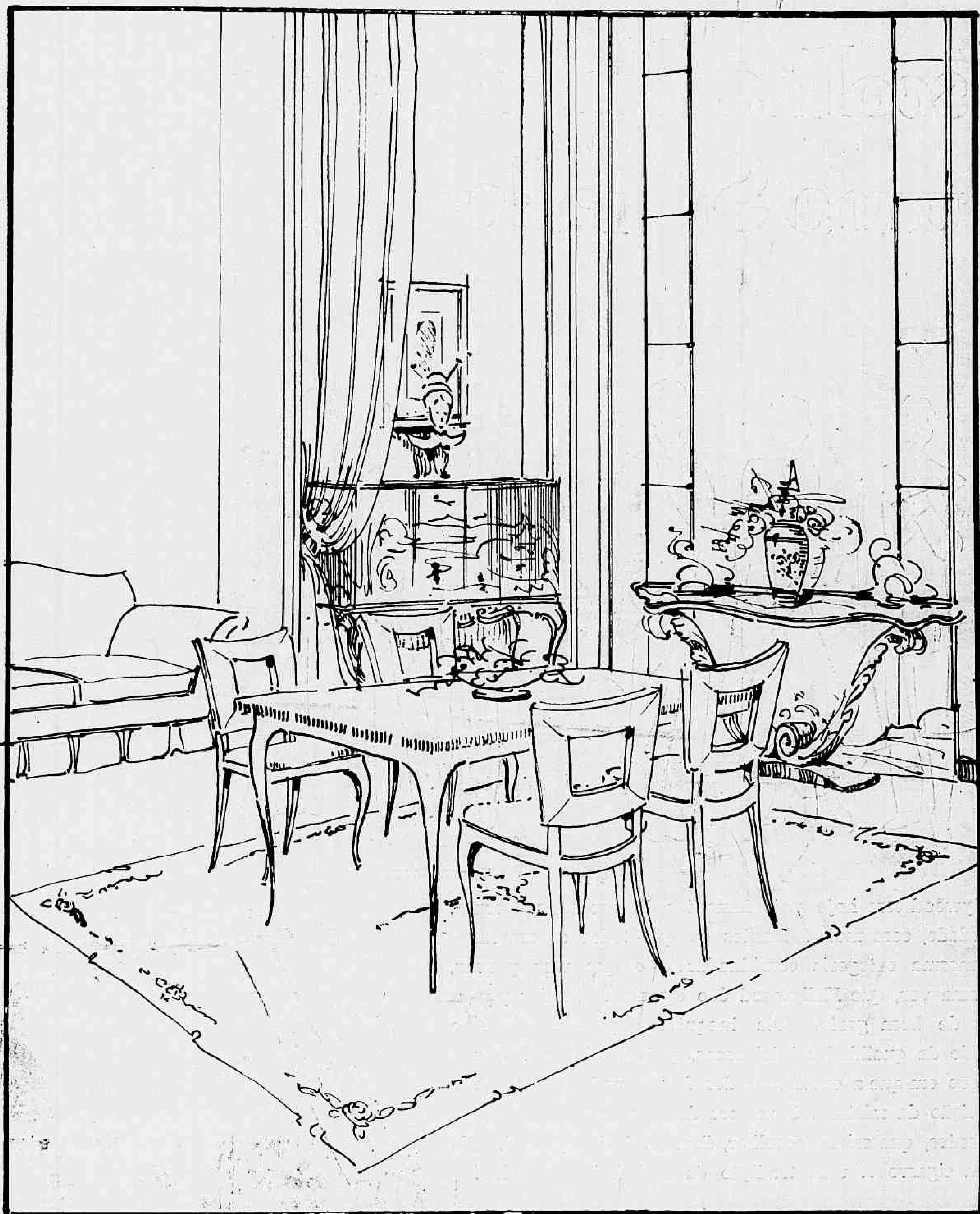
M.M. da S. — Pôrto Alegre — Os contos de natureza social não devem ser explorados pelos novos, ainda no limiar da arte literária. Encerram temas de caráter político, dificil de penetração. Sòmente os escritores já caldeados pela experiência e senhores de cultura filosófica podem tratar de tais assuntos. Recomendamos ao amigo que procure narrativas mais nossas, cousa de âmbito nacional, com alguma dose de amor...

C.V. da R. — Bahia — Seu conto «A vida de um bandido» tem muitos defeitos, alguns graves. O estilo policial é dificil e exige técnica especializada, com surprêsas seguidas, cenas inesperadas e um fio de narração impecável. Escolha outro tema e mande, pois o amigo escreve com segurança a nossa lingua e isso já constitui uma garantia de êxito.

Respostas ao teste

1—Tunisia
2—Vangloriar-se
3—Itajai-Açu
4—Manuel Maria Barbosa du Bocage
5—50
6—Boi-tatá
7—Venezuela
8—Parte da Geografia que trata das montanhas
9—Arma de guerra da Idade Média
10—Estibordo
11—Importante e ilustre família
12—Bonifácio VII
13—Personagem Bíblica
14—Os espanhóis
15—Carneiro novo
16—Adivinhação por meio de plantas
17—Botelha
18—Lugar de bom tempo
19—Ortópteros
20—Camilo Castelo Branco.

TAPÊTES ⋆ CORTINAS ⋆ MÓVEIS



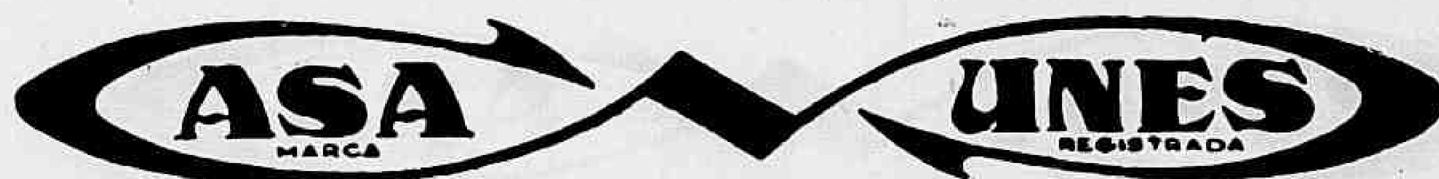
Projeto da CASA NUNES

GRUPOS ESTOFADOS

— ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS
PARA ENTREGA IMEDIATA

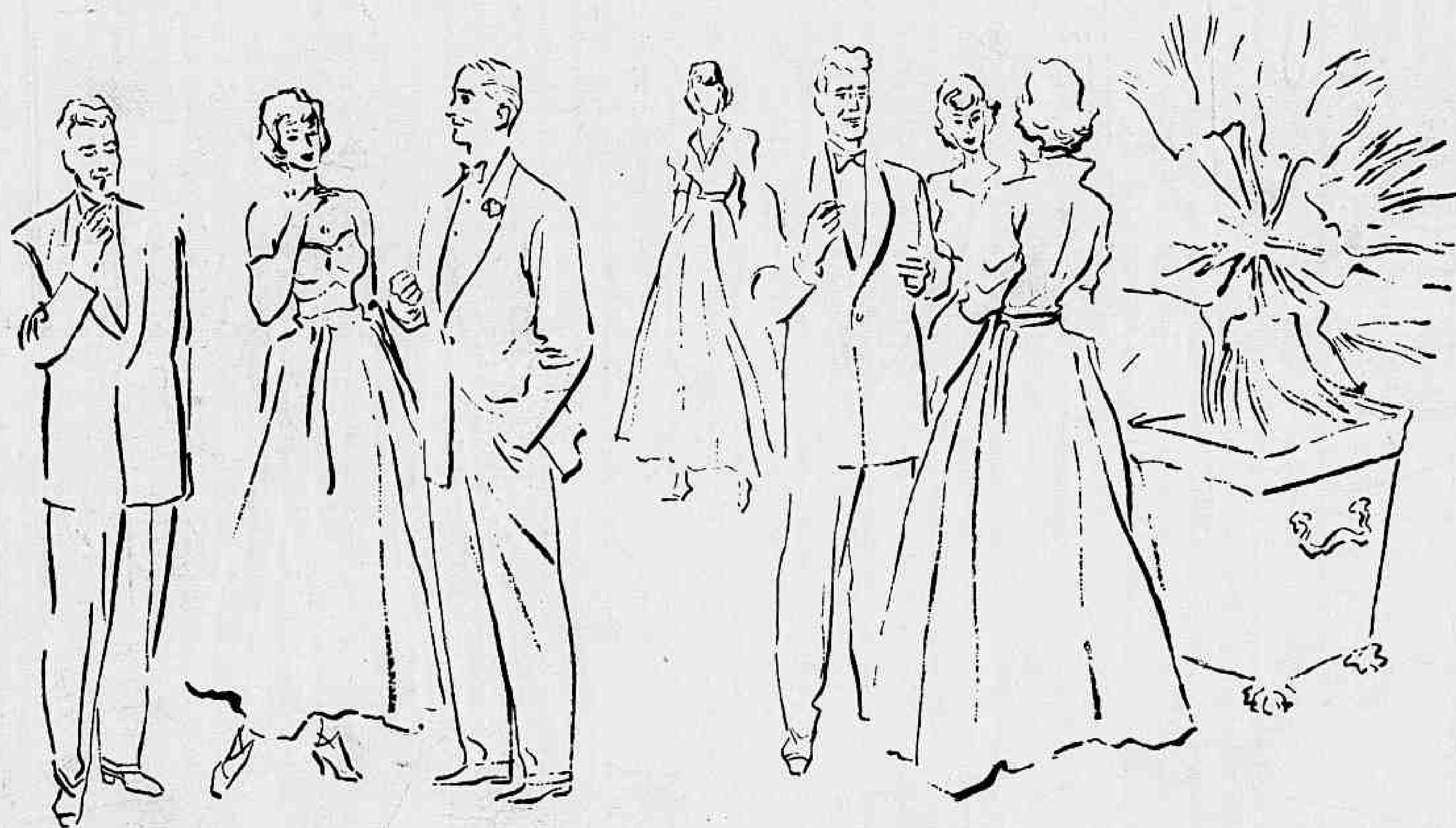
TAPÊTES E PASSADEIRAS

LISOS E COM FLORES — EM TODOS OS TAMANHOS —



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO

Escolha Unânime de uma Sociedade Exigente



Hollywood tem hoje mais fumantes do que nunca – conta, na verdade, com mais fumantes do que todas as marcas da mesma categoria combinadas... o que vem provar, mais uma vez, que Hollywood é o cigarro eleito das pessoas de bom gosto. Esta inequívoca preferência é o resultado de qualidades intrínsecas, pois Hollywood é o cigarro em que a excelência dos fumos nada fica a dever à perfeição da mistura. Como era de esperar, os fumantes exigentes, que sabem escolher, fizeram de Hollywood mais que um cigarro... uma tradição da sociedade brasileira!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

88.069